

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

O UNIVERSO SIMBÓLICO CORALINEANO
AS HIEROFANIAS DA NATUREZA

PERCILIANA CHAVES PEREIRA

GOIÂNIA
2004

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

O UNIVERSO SIMBÓLICO CORALINEANO
AS HIEROFANIAS DA NATUREZA

PERCILIANA CHAVES PEREIRA

ORIENTADOR:

Prof.Dr. Sérgio Araújo

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado em Ciências da Religião
como requisito para obtenção do grau
de mestre.

GOIÂNIA

2004

A Darci Antônio,
companheiro e apoio para esta pesquisa.

A meu filho,
Ralph José, estímulo maior para compreender o
mundo.

“Toda palavra tem sempre um mais além,(...)
Atrás do que diz um discurso,
há o que ele quer dizer e,
atrás do que ele quer dizer,
há ainda um outro querer dizer,
e nada será nunca esgotado.”

Lacan

Ao professor Dr. Sérgio Araújo pela orientação segura, pelo incentivo gerador de fé na possibilidade de realização desta pesquisa, pelo gesto amigo e compreendido, no franqueamento de exemplares de sua biblioteca particular.

A todos os professores do mestrado em Ciências da Religião pelo repasse dos conhecimentos que propiciaram a concretização deste trabalho.

A todos os mestres que participaram de minha formação por terem me ensinado a ler além das palavras.

LISTA DE ABREVIATURAS

CCCP – Cora Coragem, Cora Poesia

EVCP – Estórias da Velha Casa da Ponte

MLC – Meu Livro de Cordel

PBGEM – Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais

TVCP- O Tesouro da Velha Casa da Ponte

VC – Vintém de Cobre – Meias confissões de Aninha

VBG – Villa Boa de Goyaz

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 - CORA CORALINA: SEU ESPAÇO, SUA HISTÓRIA, SUA REPRESENTATIVIDADE.....	17
1.1 - Vila Boa, o berço de Aninha.....	18
1.2 - Memória histórica e raiz religiosa dos goianos.....	20
1.3 - A autora: trajetória de vida.....	22
1.4 - Cora Coralina por sua palavra poética.....	25
1.5 - A formação religiosa de Cora Coralina por ela mesma.....	36
2 - POESIA E POETISA: PRINCIPAIS MEDIAÇÕES SIMBÓLICAS.....	50
2.1 - Símbolo de uma cidade e de uma região.....	53
2.2 - Símbolo de uma época.....	60
2.3 - Símbolo das tradições goianas.....	64
2.4 - Símbolo da religiosidade do povo de Goiás.....	68
2.5 - Símbolo das letras goianas.....	78
3 - A FORÇA SIMBÓLICA DAS HIEROFANIAS DA NATUREZA NA POÉTICA CORALINEANA.....	81
3.1 - A terra: símbolo da maternidade universal.....	85
3.2 - As águas: símbolo sintetizador das inúmeras hierofanias.....	91
3.3 - O simbolismo sagrado dos vegetais.....	97
3.4 - A recorrência das pedras e sua flexibilidade simbólica.....	113
4 - O MUNDO CORALINEANO: SUA PLAUSIBILIDADE PELA RELIGIOSIDADE.....	122
4.1 - A Teodicéia Coralineana da transcendência de si mesma.....	126
4.2 - A vida da poetisa entrelaçada à vida dos que compõem a coletividade.....	130
4.3 - A poetisa: transcendência e projeção nos elementos não-humanos.....	132
4.4 - Visão da morte: meio de transcendência total rumo ao além.....	136
CONCLUSÃO.....	141
REFERÊNCIAS.....	146
ANEXOS.....	150

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Vista panorâmica da cidade de Goiás cortada pelo Rio Vermelho.....	19
Figura 02	Serra Dourada.....	19
Figura 03	Cruz do Anhanguera.....	20
Figura 04	Igrejas da cidade de Goiás.....	21
Figura 05	Semana Santa (comemoração).....	22
Figura 06	Cora Coralina doceira.....	24
Figura 07	Foto de Cora no início da carreira literária.....	26
Figura 08	Alguns becos da cidade de Goiás.....	31
Figura 09	Cora e a bandeira do Divino.....	39
Figura 10	Igreja de Nossa Senhora do Rosário.....	43
Figura 11	As lavadeiras da cidade de Goiás.....	47
Figura 12	Maria Grampinho – “Inquilina da casa de Cora”.....	48
Figura 13	Casario Colonial e Morro do Cantagalo.....	55
Figura 14	Casa Velha da Ponte.....	58
Figura 15	Voile com o retrato de Cora.....	59
Figura 16	Procissão do Fogaréu.....	77
Figura 17	Rio Vermelho em cheia.....	94
Figura 18	Biquinha d’água da Casa de Cora.....	97
Figura 19	Papiro – árvore da região da Serra Dourada.....	99
Figura 20	Milho – particularidades poetizadas.....	102
Figura 21	Flor feminina do milho.....	105
Figura 22	Espigas de trigo.....	109
Figura 23	Rosas – flores preferidas de Cora.....	112
Figura 24	Pedras às margens do Rio Vermelho.....	117
Figura 25	Rio Vermelho em época de seca.....	121
Figura 26	Casa de Cora e busto da autora.....	121
Figura 27	Pedra Oscilante e sua similar.....	121
Figura 28	Manuscrito com o epitáfio de Cora.....	139

RESUMO

PEREIRA, Perciliana Chaves. O universo simbólico coralineano – As hierofanias da natureza. Dissertação de mestrado apresentada à coordenação do Mestrado em Ciências da Religião. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2004.

Este trabalho tem por objetivo fazer um estudo analítico da religiosidade presente na escritura poética de Cora Coralina, destacando também sua representatividade no cenário das letras goianas e as multifaces de suas simbologias, possibilitadas pela ressignificação dos signos lingüísticos com que a poetisa elabora o universo de suas conotações. Partindo de uma pesquisa bibliográfica como suporte teórico, utiliza-se um processo hermenêutico na desconstrução dos poemas em estudo, a fim de verificar como se processa a sua tecitura. Inicialmente, situa-se o ambiente sócio-cultural vivido/representado por Cora, gestador maior de suas temáticas. Procura-se mostrar que, por intermédio dos elementos da natureza: terra, água, vegetação, pedra, a autora constrói hierofanias que marcam a força do sagrado em sua poesia, alçando o mundo profano à irrefutável condição de sagrado por meio da rica simbologia com que orna seus versos. Investiga-se sobre suas identificações com os “obscuros” (trabalhadores, mulheres excluídas, gente humilde, marginalizados) e sobre suas simbioses com os elementos da natureza animada (animais, plantas, raízes etc.) e inanimada (terra, gleba, pedra etc). Por fim, busca-se revelar a plausibilidade do mundo coralineano que, por via da religiosidade e do misticismo, é impregnado de diversas transcendências, as quais convertem o que é local em universal. Como síntese de todas essas perquirições, tenta-se desvelar a essência humana perscrutada pela poetisa, representante do ser feminino no mundo.

Palavras-chave: misticismo, religiosidade, sagrado, hierofanias, simbologia, ressignificação, identificações, simbioses, plausibilidade, transcendência.

ABSTRACT

PEREIRA,. Perciliana Chaves. The Symbolic Universe in Cora Coralina The Sacred Manifestations of Nature. Thesis in fulfillment of the Master' s degree submitted to the co-ordenating committee of the Religious Sciences' department, The Catholic University of Goiás. Goiânia, Brazil. 2004

The objective of this thesis seeks to study analytically the religiousness present in the poetic writings of Cora Coralina underscoring her representative influence in the field of letters in Goiás and her multifaceted symbologies that were made possible by the re-signification of linguistic signs through which the poetess elaborates her universe of meanings. Starting with bibliographical research as a basis of support, a hermeneutic process is utilized in the de-construction of the poems being studied in order to verify the fabric of her work. Initially, the social-cultural environment lived and represented by Cora Coralina, which gives birth to the majority of her themes, is established. What is sought to be shown is how the authoress constructs by means of nature' s elements (earth, water, vegetation, rocks) manifestations that mark the presence of the force of the sacred in her poetry elevating the profane world to this irrefutable condition by means of a rich symbology with which her verses are ornamented. Her identification with the "obscure" (workers, marginalized women, the poor, the outcast) and her symbiosis with the elements of animate (animals, plants, roots etc.) and inanimate (earth, land, rocks etc.) nature are researched. Finally, the plausibility of Coralina s world, which via religiousness and mysticism is impregnated with diverse levels of transcendence converting that which is particular into universal, is sought to be revealed. What one seeks to disclose as a synthesis to all this examination is human essence as scrutinized by the poetess, who is a representative of the presence of the feminine being in the world.

Key Words: mysticism, religiousness, sacred, means of nature's elements, symbology, re-signification, identification, symbiosis, plausibility, transcendence.

INTRODUÇÃO

São muitos os estudos que se têm feito sobre a vida e a obra de Cora Coralina. Sabe-se que, no campo da literatura, é vasto e diversificado o elenco de escritos com variados enfoques temáticos e diferentes interpretações. A nossa poetisa do cerrado é uma referência no cenário das letras goianas, ou melhor, uma das maiores expressões de Goiás que se torna reconhecida também na literatura brasileira. Com seus versos, construiu todo um rico imaginário tendo Goiás como tema. Há uma vasta simbolização, remetendo a uma construção de identidades culturais, que merece ser analisada com muito cuidado.

Em todos os estudos, artigos e outras publicações sobre a vida-obra de Cora Coralina, os autores destacam a temática da existência; das recordações de sua infância, da juventude, da vida familiar, do trabalho, do social-humanitário, da agricultura e de várias outras. No entanto, pelo que se sabe, nessas análises, o religioso ou o domínio do Sagrado é mencionado apenas como algo suplementar, acessório, uma espécie de cenário ou roupagem, sem nenhuma preocupação específica e/ou cientificamente respaldada por uma pesquisa alicerçada em teorias que ofereçam subsídios para um estudo mais acurado e legitimador da temática. Portanto, esse aspecto ainda não explorado é o que motiva essa pesquisa.

Justamente sob a óptica do Sagrado é que se almeja fixar o olhar desta análise a qual não se pretende exaustiva, mas sim, uma busca de aprofundamento desse rico veio pouco explorado.

Este tema é de grande atualidade. Constata-se que a religiosidade alargou os espaços nas últimas décadas. Não só se fala mais em questões ligadas à espiritualidade referindo-se exclusivamente a igrejas, religiões, seitas, mas também no âmbito

do privado, do individual, da natureza cósmica, do próprio ser humano e suas ações sociais. Graças às pesquisas de renomados teóricos assiste-se ao regate do numinoso, do divino, que tem atravessado os séculos e resistido aos embates das opressões por parte de sectários da fé, ou de correntes religiosas intolerantes, conservadoras. Fala-se até, paradoxalmente, em revanche de Deus (KEPEL, 1991), devido ao grande pluralismo religioso é ao turbilhão de manifestações de religiosidade, cujos símbolos e conteúdos têm ganhado, inclusive, conotações de mercadoria, o mercado do sagrado.

De fato, o início do novo milênio deparou-se com um revival do Sagrado em várias dimensões, embora, contraditoriamente, envolvido por uma sociedade bastante secularizada, materialista, científica e tecnologicamente desenvolvida. Esse fato desencadeou nas últimas décadas acirradas discussões sobre encantamento / reencantamento do mundo em diferentes áreas de estudo. Muitos previam, com base em princípios positivistas e racionalistas, que, fatalmente, viria o aniquilamento da religiosidade, do misticismo. A sociedade seria auto-suficiente, já que detentora dos conhecimentos científicos daria conta dos problemas do ser humano. Ledo engano! Não só os problemas materiais continuaram, como os de ordem espiritual, transcendental não foram e presumidamente jamais serão solucionados pela ciência.

Os debates de semelhante quilate, nas disciplinas do Mestrado em Ciências da Religião, provocam o contato com as teorias que apontam para as categorias do Sagrado em várias dimensões, tais como as de Rudolf Otto, Geertz, Levi-Strauss, O'Keefe e Mircea Eliade. Notadamente, esse último aponta para uma categoria fascinante: as hierofanias voltadas para a natureza cósmica. Germina a idéia de estudar esse tema na obra poética de Cora Coralina, autora que busca o encontro do ser com sua própria essência, ao conduzir sua poesia para uma simbiose entre o homem e a terra. A imagem da Terra-Mater, das águas, dos vegetais, das pedras, categorias recorrentes em várias obras de Eliade, brotam, igualmente, vivas, latentes, pulsantes dos versos de Cora e se contextualizam na atualidade, unindo-se às preocupações do momento com as questões ecológicas. Já não há outro objeto de estudo possível. A palavra poética coralineana encanta e predomina. E a sua dimensão do Sagrado, negação do puramente profano, ganha o espaço desta pesquisa.

À medida que acontecia o contacto com as análises do universo simbólico de Eliade, enciclopedista do sagrado, tornava-se perceptível que seus estudos subsidiariam uma pertinente interpretação da poesia de Cora, notadamente no que concerne à sacralidade da natureza, do espaço, do tempo.

O rememorar das poesias da autora - lidas com deleite no decorrer do curso de graduação em letras, de especialização em lingüística e, posteriormente, em sala de aula, como professora de língua e literatura - que estendia este deleite aos jovens - apontava para essa possibilidade. Uma "identificação profunda com os traços de goianidade veiculados nos versos da poetisa solidificou essa opção de estudo.

Reportando a Eliade (*apud* SCHWARZ, 1993), o homem possui a capacidade de captar uma outra dimensão, a dimensão do Sagrado e de nela participar de modo consciente. O mundo concreto, observável, torna-se cósmico graças à orientação num espaço consagrado. A geografia sagrada vincula todos os caminhos que conduzem do profano ao sagrado.

Projetando essa teoria na poética de Cora, desponta vibrante um cenário místico-sacralizado cuja chave mestra é a linguagem simbólica: poesia por excelência. Como escreve Wolmir T. Amado (*apud* PESQUERO RAMÓN, 2003, p.13): " a poesia - intuição, metáforas, silêncio - é a forma de expressão comum aos místicos da religião e aos místicos da vida, os poetas". Ao interpretar a poesia da autora de "Vintém de Cobre", percebe-se a exuberância da mística da vida. "A obra de Cora é fruto palpitante e espelho translúcido de uma realidade vivida" (PESQUERO RAMÓN, 2003, p. 16), realidade que transpõe o espaço goiano e brasileiro, ganhando dimensões de universalidade. E Cora torna-se porta-voz da humanidade inteira, conforme se pretende demonstrar nessa pesquisa.

Portanto, o que se propõe, nesta dissertação, é apresentar um estudo sobre o universo simbólico coralineano, a sua religiosidade extensiva, a sua mística repleta de valores transcendentais e universais, de modo especial, destacando as hierofanias da natureza presentes na poesia de Cora.

O olhar será voltado para um telúrico que se reveste de sacralidade e se harmoniza com um humanismo divinizado em que a poetisa solidariza-se, irmana-se com os humildes e os excluídos, com "a vida mera dos obscuros", personificando, assim, sua própria vida.

Na tentativa de ler o universo simbólico delineando por Cora Coralina, esperase que o presente enfoque, além de destacar as principais mediações simbólicas que este universo comporta, possa demonstrar a representatividade que a autora e sua obra encerram em nível regional e nacional, obtendo respostas para algumas indagações fundamentais, tais como: de que maneira se processa o encantamento do espaço goiano na e pela poesia de Cora; qual é o peso e a repercussão da religiosidade e do misticismo na sua poética; como a sacralidade da natureza presente em seus escritos apresenta-se hoje atualizada com o surgimento da chamada ecologia sagrada; qual o papel da sua religiosidade para a plausibilidade do mundo e, ainda, como se apresenta a mulher sob a óptica poética de Cora.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos no projeto de pesquisa foram realizadas pesquisas bibliográficas, visitas à cidade de Goiás (Museu Cora Coralina, bibliotecas, igrejas, cemitério, becos), entrevistas com funcionários da Casa de Cora e pessoas que conviveram com a poetisa. Esses instrumentais permitiram uma interpretação sob dois prismas. Em primeiro lugar, ler sua obra buscando a religiosidade de modo extensivo e a sacralidade da natureza de modo específico, como hierofania maior do campo sagrado. Verificar como se revelam esses aspectos em sua poesia, como seu "real vivido" influenciou no seu "real artístico", como se destacam suas expressões lingüísticas e a resignificação dos signos lingüísticos, enfim, a transmutação dos elementos profanos em elementos sagrados pela simbologia da sua palavra poética. Esta inclui, além da lírica-recordação, poemassoração, discurso bíblico, clamor a favor dos humildes e desvalidos, sublimação do trabalho, exaltação de sua cidade, seus becos, sua gente, apologia poético-sacra à natureza, dentre outras. Por outro lado, perscrutar a representatividade da autora no cenário goiano: símbolo da mulher goiana, humilde, "mãos afeitas ao trabalho"; símbolo das letras em Goiás; símbolo das tradições centroestinas; símbolo da religiosidade "desta gente simples e sábia das Gerais de Goiás"

(PESQUERO RAMÓN, 1983, p.197).

Para trabalhar com as categorias pleiteadas foi usada a técnica da fragmentar as poesias da autora, buscando as imagens ilustrativas e os símbolos-representativos sem deixar que tal fragmentação ou cortes poéticos prejudicassem ou desvirtuassem o sentido do todo. A hermenêutica, dentro do campo fenomenológico, permitiu a desconstrução dos poemas para se verificar como se deu a sua tecitura.

Assim, os fragmentos selecionados foram interpretados em duas direções indissociáveis: por um processo hermenêutica, tomando a hermenêutica como fundamento metodológico das ciências humanas, que significa a arte de interpretação textual (do grego *hermeneuin* = interpretar) e, principalmente, entendendo a hermenêutica como forma universal de filosofia (GADAMER, *apud* SIERRA BRAVO, 1984) que trata da apreciação da linguagem e seu significado na vida social. Desse modo, para se compreender as tradições do passado, que se fazem presentes nos escritos de um autor, torna-se necessário o intercâmbio com outro quadro de referência lingüística, outro marco cultural. Portanto, para a compreensão das poesias de Gora, implica compreender antes a sua circunstância vivida que deu significado a sua poética. Processo que não requer pôr-se no lugar da experiência subjetiva da autora, muito embora possa haver identificação de emoções, por tratarse de sentimentos que tocam o ser humano em qualquer tempo ou espaço.

Para concretizar os propósitos pretendidos, esta dissertação foi dividida em quatro capítulos, procedimento que facilitou a apresentação do tema e melhorou a compreensão do objeto em estudo, ou seja, propiciou a percepção do sentido metafísico ou transcendental da vida - obra com que Gora Coralina "descobre e conquista seu tempo e espaço, dentro de uma mesma perspectiva existencial" (VELLASCO, 1990, p.3).

O capítulo I' descreve o contexto social, o ambiente físico e cultural da cidade de Goiás. Focaliza o espaço vilaboense, seu histórico, as memórias culturais, as raízes religiosas; o berço de Aninha e sua inserção nesse espaço. Mostra como a profunda interação entre a autora e o ambiente vai delinear o seu perfil, o que comprova a seguinte afirmação de Berger (1985, p.15): "A sociedade é

um fenômeno dialético [...] um produto humano que, no entanto, retroage continuamente sobre o seu produtor". A própria poetisa caracteriza esse perfil pela sua palavra poética. Sua trajetória de vida e sua formação religiosa, Gora vai colorindo com seus versos, mediante uma seleta de fragmentos apresentada. Essa opção metodológica dispensa maiores detalhes da interpretação já que seus poemas são o relato de suas vivências, a poetização de seu viver, o retrato de si mesma.

No capítulo II é feita a análise da representatividade da autora e de sua poesia como símbolos multivalentes que exprimem ou representam simultaneamente a região Centro Oeste (Goiás e, mais especificamente, a cidade de Goiás); a época em que viveu, (primeiras décadas e meados do século passado); as tradições goianas (costumes, valores, cultura do povo em geral); a religiosidade da gente de Goiás (com festas e rituais diversos do catolicismo oficial e do popular) e, principalmente, como poesia e poetisa fizeram-se símbolos das letras goianas, como tornaram-se referência quando se fala em poesia no cenário da literatura em Goiás. Evidencia-se ainda como todos esses símbolos ou imagens, todos os valores veiculados nos poemas de Cora universalizam-se e ganham contornos de atemporalidade.

No capítulo III, são examinadas as categorias constantemente recorrentes na poesia de Cora: Terra, água, vegetação e pedra como hierofanias da natureza de maior força simbólica em sua poética. Alicerçando as análises basicamente na teoria de Eliade sobre as hierofanias, essas categorias irrompem do campo profano e se projetam no domínio do Sagrado, revestindo-se de densa "numinosidade". Procura-se descrever como a terra é apresentada pela autora, ou seja, a Grande Mãe Universal, origens de todas as origens, digna de respeito e veneração; como as águas são vistas: elemento vital e purificador, componente inseparável do "triângulo da vida: terra-água-ar". Apresenta-se sacralizada em três formas ou fontes: o Rio Vermelho - e por extensão todos os demais - de importância capital para a população e para a vida rural e a urbana; a água potável, sintetizada na biquinha da casa velha da ponte e as águas benfazejas da chuva. Examinam-se também como os vegetais destacam-se já pela essencialidade na alimentação, a exemplo do milho em que Aninha demonstra conhecimentos agrícolas e se apresenta em total sintonia com a natureza, seus ciclos e

suas leis (PESQUERO ROMÓN, 2003). Encontra-se no Poema .do milho o principal exemplo de valorização do que é do nosso chão.

Observa-se também o trigo que é muito sublimado. É exaltada a sua nobreza a partir do Livro Santo e como símbolo universal da alimentação: alimento para o espírito (pão eucarístico) e para o corpo. Não poderia escapar desta análise a beleza que é intrínseca à vegetação. E a flor é prestigiada com um poema que é uma explosão do belo, do sublime e do efêmero. Ciclo do nascimento-vida-morte descrito com metáforas perspicazes, perfeitas. Finalmente, as pedras e rochas, elementos de intensa recorrência e de grande flexibilidade simbólica, são examinadas cautelosamente nos versos coralineanos.

O capítulo IV dedica-se à análise da plausibilidade do mundo pela religiosidade, cujo fundamento básico é a teoria de Berger. Procura-se expor como o problema da teodicéia pela participação mediante a transcendência de si mesmo encontra farta exemplificação na poética coralineana quando a autora entrelaça sua vida à vida da comunidade, principalmente, a formada pelos humildes. Semelhante transcendência concretiza-se ainda quando a poetiza autoprojeta-se nos elementos não humanos, mas igualmente sagrados em sua visão poética. Projeção mística por excelência, em que a autora realiza uma união perfeita com as forças da natureza, transmutando-se, ou seja, entrando em simbiose com seus elementos (animais, plantas, gleba). E, por fim, verifica-se o enfoque da morte como transcendência total em que se dá a consumação perfeita, a aniquilação do seu eu e sua absorção pelo divino.

Assim é a poética de Cora Coralina: um desafio que resiste a uma interpretação, simplista. Na busca de sua essência, ao desconstruir seus versos, os horizontes vão se abrindo, propiciando pelo simbólico o encontro com a sacralidade, com o misticismo, com o transcendental. A autora transcende até naquilo que aparentemente não tem transcendência. Eis nas páginas seguintes o desafio enfrentado nessa dissertação.

CAPÍTULO I

1 - CORA CORALINA: SEU ESPAÇO, SUA HISTÓRIA, SUA REPRESENTATIVIDADE

Na obra de Cora Coralina, pode se ler um verdadeiro inventário cultural da cidade de Goiás. Nela desfilam os casarões de telhado colonial, as ruas, ladeiras e becos, as igrejas, largos e muros e toda a gente da cidade com seus costumes, valores, preconceitos. Por tal presença viva, Vellasco (1990, p.14) afirma: “A riqueza integral da poética coralineano só pode ser entrevista na medida em que verificarmos a sua íntima relação com o panorama de sua cidade natal”. Cora busca inspiração na própria vida, repleta de experiências humanas de quem aguçadamente perscruta as vozes, os cheiros, as cores, o rumor das ruas, o ambiente familiar, os trabalhadores da terra, o Rio Vermelho murmurante... Tudo ornado por sua rica linguagem alegórica. É um relicário o sortido depósito de suas memórias. Remonta à infância sem ornamentá-la com flores falsas. Lembra com amargura suas carências, mas recorda também os bons momentos. Por ambos sempre foi muito grata a Deus, reconhecendo-os como fontes de seu crescimento, pois com suas lutas amadureceu e se fez poetisa.

O seu lado duro da vida preparou-lhe também a percepção solidária das dores humanas: “um ser geral, coração inumerável, oferecido aos humildes”, escreve Drummond no *Jornal do Brasil* e acrescenta: “é patrimônio de todos nós que nascemos no Brasil” (*apud* CORALINA, 1987, p. 22).

Sua obra é a sua história, é a história de sua cidade e, também, um pouco a história dos goianos.

1.1 - Vila Boa, o berço de Aninha

O berço de Cora Coralina é também o berço da memória histórica goiana que propriamente se inicia no ano de 1682, século XVIII, ano em que Bartolomeu Bueno da Silva (pai), o Anhangüera (Diabo Velho ou Demônio das Chamas), penetrou nas terras dos índios Goyazes e iniciou ali a exploração de ouro e diamantes. Acompanhava-o seu filho do mesmo nome que, a pedido da Coroa Portuguesa, volta à terra dos Goyazes para iniciar a colonização da região. Para tanto, se fez acompanhar de destemidos colonizadores e em 26 de julho de 1727, lançaram a Capela de Sant'Ana como marco inicial da Vila de Sant'Ana. Esta somente em 25 de julho de 1732 foi instalada oficialmente com o nome de Vila Boa de Goiaz.¹

Em 8 de novembro de 1744 a Comarca de Goiaz se separa de São Paulo tornando-se Capitania Geral, capital Vila Boa. Em 17 de setembro de 1818 é elevada à categoria de cidade com o nome de Goiaz pela Secretaria de Estado de Negócios do Império e, em 23 de Março de 1937, deixa de ser capital, com a transferência do governo para Goiânia.

Berço da civilização goiana, a cidade sempre foi e continua sendo marco da cultura, das tradições e dos valores do povo de Goiás. Santuário vivo que presentifica a raiz religiosa católica dos vilaboenses, foi recentemente (13-12-2001) tombada como "Patrimônio Cultural da Humanidade".

Após o tombamento, a cidade passou por uma restauração geral: o casario colonial, os prédios públicos, as Igrejas, a rede elétrica (agora subterrânea), etc. Tudo foi feito para recuperar ou não se perder as características das construções do século XVIII.



Fig. 01 - Vista panorâmica do centro histórico e o Rio Vermelho que corta a cidade de Goiás

¹ Os dados históricos constantes deste capítulo foram extraídos das seguintes fontes: a) Dossiê de Goiás – Um perfil do Estado e seus municípios, 1996 ; b) Vila Boa – Catálogo – SEC – Governo de Goiás, 1987; Arquitetura Românica em Terras Goianas, ensaio de Gustavo Neiva Coelho e ainda dados colhidos em Reportagens publicadas em jornais e revistas que constam em pastas de coletâneas de textos sobre a cidade de Goiás da Biblioteca Municipal Marieta Teles Machado e Biblioteca Cora Coralina .

A cidade de Goiás, detentora da maior riqueza histórico-cultural do Estado, berço de grandes personalidades nacionais do passado e do presente conta com todos, os ilustres e os devotos filhos da terra para a preservação e recuperação das relíquias que compõem a cidade anciã, ela própria tesouro maior. Não mais rica materialmente falando, pois que esgotada em suas fontes do metal precioso, o ouro, conforme poetizou a nossa saudosa Aninha: *“Nasci numa rebaixa da Serra / entre serras e morros. / Longe de todos os lugares. / Numa cidade de onde levaram o ouro / e deixaram as pedras”*. (CORALINA, 1976, p. 11)



Marlos Dias Boanerges

Fg.02 - Serra Dourada ao fundo com reflexos cor de ouro

1.2 - Memória histórica e raiz religiosa dos goianos

A História da Cidade de Goiás é a história da religiosidade do povo deste Estado e, também, história da formação religiosa de Cora Coralina.

O catolicismo vindo do continente europeu com o colonizador português – cuja missão era também evangelizadora porque Portugal era uma “nação missionária” e tinha como obrigação promover em suas possessões ultramarinas a conversão ao catolicismo – exerceu acentuado condicionamento na evangelização do período colonial. Desse modo, ramificando-se lentamente por todo o interior do Brasil, pelas mãos dos colonos portugueses, gente do povo, o catolicismo popular trouxe ainda uma herança da igreja católica medieval traduzida na mentalidade voltada para crenças sobrenaturais supersticiosas, veneração de santos, festas, devoções, rituais (BOXER, 1969; Suplementos Família Cristã, 2000).

Remontando ao início da colonização da Capitania Geral de Goyaz, conforme já foi dito, nos relatos históricos, a fundação do arraial de Sant’Ana parte do lançamento da Capela de Sant’Ana pelo bandeirante paulista, Bartolomeu Bueno da Silva (o filho), aliás semelhante ao início da maioria das povoações brasileiras, o que demonstra o esforço para cumprir a missão evangelizadora delegada

aos colonizadores pelo “Padroado Régio”² (BOXER, 1969). Essa missão era levada a sério, mesmo porque o colonizador professava a mesma fé: o catolicismo. A cruz que os bandeirantes transportavam em vanguarda é prova do quanto eram imbuídos do espírito cristão.



Fig.03 - Cruz do Anhanguera – marco do catolicismo do colonizador

Marlos Dias Boanerges

Constitui, assim, o catolicismo, até hoje, nas principais cidades históricas brasileiras, a principal matriz religiosa, determinante de nossa identidade brasileira e goiana. Na cidade de Goiás – patrimônio também da fé – encontra-se uma predominância muito evidenciada da religião Católica, com 16 igrejas, museus de Arte Sacra e inúmeras festas religiosas populares.

Dentre as igrejas de maior importância histórica de Goiás estão a Catedral de Sant’Ana, a Igreja do Rosário, a de Nossa Senhora D’Abadia, e de São Francisco, a de Nossa Senhora da Boa Morte (que hoje abriga o Museu de Arte Sacra da Boa Morte), e de Santa Bárbara, a de Nossa Senhora do Carmo. Estas conservam os traços da arquitetura barroco-colonial, como afirmam os historiadores, ou ainda da arquitetura portuguesa como quer o professor e arquiteto, Gustavo Neiva Coelho (1992) que venceu uma das modalidades do Prêmio Publicações José Décio Filho com o ensaio “Goiás: Uma reflexão sobre a formação do Espaço Urbano” no qual prova a origem do estilo arquitetônico da antiga capital. Sua pesquisa mostra que ela seguiu o mesmo modelo das cidades portuguesas do sul, as quais, por sua vez, tiveram a orientação de dois modelos: as cidades Medievais Cristã e Medieval Árabe. É, na verdade, um estilo românico ou neo-gótico surgido nos primeiros séculos do Cristianismo, durante o Império Romano, como nos assegura Coelho.



Cidade de Goiás - Patrimônio Mundial

² O pontu território

3 – Igreja de N. S. da Boa Morte(1779)
4 – Igreja de São Francisco(1771)

Anderson Carlos de Alarão (Postal)

Fg. 04 - Acima: Matriz de Santana.(1727)
 Ao Lado: 1 - Igreja D'Abadia(1790)
 2 - Igreja do Rosário(1834)
 3 - Igreja de N. S. da Boa Morte(1779)
 4 - Igreja de São Francisco(1771)

Anderson Carlos de Alarão (Postal)

As principais festas da cidade de Goiás, como não poderia deixar de ser, são as festas religiosas populares: Semana Santa, com a Folclórica Procissão do Fogaréu; Folia de Reis, Folia do Divino, Festas Juninas, Festa de Sant'Ana, Padroeira da Cidade, Festa do Rosário, Festa de Nossa Senhora da Conceição, Festa de Santa Luzia, dentre outras. (Dossiê de Goiás, 1996).



Fg. 05 - Semana Santa: fé e tradição renovadas a cada ano

Neste cenário de fervor e religiosidade, nasceu e cresceu a poetisa e doceira de fama internacional: Cora Coralina. Também ela depositária do patrimônio cultural de Goiás, a qual legou-nos um rico universo imaginário, nascido do desejo de fixar o real, de recordar o passado, de confessar catarticamente sua experiência de vida.

1.3 - A autora: trajetória de vida

Na Casa Velha da Ponte, da antiga Vila Boa, nasceu Aninha meses antes da Proclamação da República, 20 de agosto de 1889. *“Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa. / Eu sou Aninha”* – se apresenta ela em Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. Lá mesmo cresceu a menina *“magricela, amarela, desengonçada, de perna mole, inassimilada”* continua a sua própria caracterização, autobiografia talhada em versos, a partir do poema Minha Infância. Fez-se moça “emparedada” pelos padrões inflexíveis, pelos velhos e rígidos preconceitos – orgulho e grandeza do passado em que *“normas abusivas de educação emparedavam”*, poetiza Aninha que igualmente descreve seus sonhos da juventude como os de qualquer jovem de sua idade.

Cora Coralina, a escritora, nasce no refúgio dos livros deixados pelo pai, desembargador e depois pelo padrasto, médico, Dr. Acácio – que em vida aprecia seu pendor artístico e a apóia em sua

tendência para as letras, único incentivador em uma época na qual mulher devia “aprender a ser dona de casa” para conseguir casar-se. Esse primeiro demonstrar de não-convencionalismo, rebeldia, ou rompimento com os padrões estabelecidos para a mulher da época, parece ter sido motivado por fatores ligados à sua infância e adolescência (quando a jovem normalmente se casava). Ao nascer, fora entregue aos cuidados de uma velha tia – Vó Dindinha – pois tinha sido “indesejada pela maioria, gerada por um pai doente e idoso, às vésperas de se mudar para o além” (TAHAN, 1995, p.10). Crescera apática fraca, doente. Vestia-se e calçava-se com o que as irmãs mais velhas e bonitas – a comparação era impiedosa e constante – iam deixando pelo crescimento. Insensivelmente, diziam que ela era feia, desenxavida e estabanada e que não iria se casar. Assim, cada vez mais, isolava-se na leitura, refúgio contra as humilhações.

Só teve dois anos de escola, mas ao descobrir o novo mundo dos livros, torna-se leitora apaixonada. Começa pelos velhos almanaques empilhados no quatinho de despejo. Quanta novidade para uma menina-moça “emparedada!” E os escritores, Camões, Garret, Gregório de Matos, Bilac “a levam para um mundo de fantasia sim, mas da libertação também” (TAHAM, 1995, p.30).

Aos 14 anos inicia sua carreira literária publicando seu primeiro conto “Tragédia na Roça”, em 1910, no Anuário Histórico Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás. Introversa, ansiosa, insegura, não tem coragem de colocar o seu verdadeiro nome. Então, juntamente com o professor Brasil, dono do semanário local, escolhe um pseudônimo: Cora. Poucos ficam sabendo quem é a autora, mas são unânimes dos elogios. Depois de algum tempo, “acrescenta Coralina ao Cora, pois acha que soa melhor” (TAHAN, 1995, p.36). Razões da escolha desse pseudônimo? Diz Pesquero Ramón (2003), hipoteticamente, que Cora deriva-se do verbo “corar” ou “quarar”, branquear roupa ao sol. Seria uma sinédoque: a substituição do agente, lavadeira, pelo trabalho de corar roupa e Coralina seria um adjetivo com o significado de cor vermelho-amarelada dos atóis e recifes de corais, transportada para a cor escura (barrenta) das águas do Rio Vermelho. Mas a própria poetisa afirmou: “Cora vem de coração. Coralina é de cor vermelha. Cora Coralina é um coração vermelho” (CORALINA, 1989, p. 9).

Aninha prossegue lapidando versos, declamando poesias nos saraus literários e em 1911, mudança radical em sua vida de jovem vilaboense, parte de Goiás aos 22 anos, rumo a uma nova vida ao lado de Cantídio Tolentino de Figueredo Bretas, advogado e chefe de polícia da cidade, rompendo com os rígidos preconceitos da época, razão de certa rejeição mais tarde pelos conterrâneos tradicionalistas, conservadores arraigados aos seus valores. “*Sobrevivi, me recompondo aos bocados, à dura compressão dos preconceitos do passado*” (1976, p. 12) – escreve Cora.

Essa mudança radical em sua vida inspira o poema *Semente e Fruto* no qual Cora registra seus sonhos, suas angústias, suas dificuldades, as incompreensões e rejeição da família e dos amigos e também o lenitivo para suas dores: os filhos, como tão bem exemplifica o fragmento a seguir:

*Um dia houve
 Eu era jovem cheia de sonhos.
 Rica de imensa pobreza
 que me limitava
 entre oito mulheres que me governavam.
 E eu parti em busca de meu destino.
 Ninguém me estendeu a mão.
 Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.*

*Despojada, apedrejada.
 Sozinha e perdida nos caminhos da vida.
 E fui caminhando, caminhando...
 E me nasceram os filhos.
 E foram eles frágeis e pequenos,
 [...] a rocha onde me amparei [...]
 Eu os carregava, eu os alimentava ?
 Não. Foram eles que me carregaram,
 Que me alimentaram.*

Semente e Fruto – VC

A união de Cora com o Dr. Cantídio (na época “juntar-se com alguém”, amasiar-se) talvez mereça maiores esclarecimentos, pois quiçá possa explicar o fato de ela ter sido uma mulher à frente de seu tempo, rompendo ou ultrapassando as barreiras de seu meio e de sua época. Por um lado, pelo seu ato de coragem: uma moça de família tradicional, educada com grande rigidez moral pela família e pela Igreja Católica, ao ser proibida de namorar um homem separado da primeira esposa, visita-o às escondidas, engravida-se e foge com ele para São Paulo, onde permanece desprezada e ignorada pela família por longo período. Por outro lado, a convivência com o marido, homem de experiência, advogado formado na capital paulista, apreciador da boa literatura, leva Cora a tornar-se cada vez mais consciente e aberta para as transformações. Como ele já amargara a discriminação das famílias por ser separado da mulher (não lhe davam o direito de refazer sua vida) podia compreender o que acontecia com Cora e juntos verem com desdém ou inaceitação os costumes e valores moralistas da época.

Em Jabuticabal iniciam vida nova. Ele obtém sucesso como advogado causídico e ela aprende muito sobre leis. Como bom leitor, Cantídio e Cora “trocaram idéias, analisam os contos lidos. Aninha é uma extraordinária parceira para debates, troca de opiniões, concordâncias e discordâncias, [...] ele estimula a companheira.” (TAHAN, 1995, p. 84).

Atritos tiveram, pois Cantídio achava que ela se sobrecarregava com os afazeres fora de casa, com as associações, com os artigos reivindicatórios para os jornais, com o cultivo de roseiras enxertadas na chácara, em detrimentos dos cuidados com os filhos. Motivo pelo qual a poetisa reclusa, escreve seus poemas, mas não os publica.

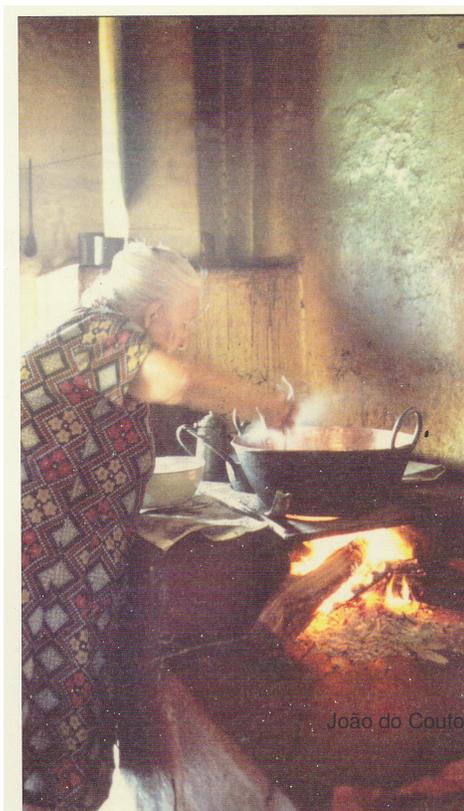
Desse modo, se houve uma pausa para dedicar-se ao marido e criar os seis filhos, não o houve para construir poemas inspirados em suas vivências e ir coletando-os para concretizar o sonho de uma futura publicação. Assim, as cidades em que morou no Estado de São Paulo deixaram suas marcas retratadas em muitos

poemas: Jaboticabal, São Paulo (Capital), Penapólis e Andradina. Nessas cidades, desenvolveu várias atividades: vendedora de livros (Editora José Olímpio, a qual mais tarde pública seu primeiro livro), dona de viveiro e floricultura, dona de loja de tecido, dona de pensão, proprietária de terras (sítio) e lavradora. Além destas atividades, participou ativamente de vários movimentos filantrópicos (associações, organizações religiosas assistenciais) das cidades onde residiu e dirigiu um asilo da Irmandade de São Vicente em Jaboticabal. E ainda escrevia artigos para jornais locais, denunciando problemas e fazendo reivindicações de melhorias para a cidade e para a população. Torna o cognome Cora Coralina conhecido e respeitado por todos. É uma cidadã admirada pelas autoridades que não a dispensam de seus programas sociais.

Em 1934 o marido falece de uma infecção pulmonar. Cora, viúva após 21 anos de casada – depois de 15 anos oficializaram o casamento – vai à luta para terminar a educação dos filhos e somente depois, em 1954, volta à sua terra natal:

Fiz a caminhada de retorno às raízes ancestrais. / Voltei às origens de minha vida. / Escrevi o “Cântico da volta” (1987), p. 85), escreve Cora em Vintém de Cobre.

Quando retorna a Goiás, instala-se na Velha Casa da Ponte e reinicia uma nova etapa de vida. Surge a doceira famosa, atividade que desenvolveu por mais de 20 anos: “*Fiz em nome bonito de doceira, minha glória maior*” poetiza ela em Vintém de Cobre.



Fg.06 - Cora doceira - fogão à lenha e tacho de cobre

Paralelamente, a esta doce atividade construiu sua verdadeira e perpetuada “glória maior”: projetou, no cenário nacional, o nome de poetisa número um das letras goianas: “a pessoa mais importante de Goiás, patrimônio de todos nós”,

escreveu à “poetisa do cerrado” seu grande admirador, Carlos Drumond de Andrade. Cartas que publicadas em jornais de outros Estados lançam-na definitivamente ao Brasil como uma grande escritora.

Toda essa fama começou aos 70 anos – “*no tarde da vida*”, diz ela – quando foi convencida por amigos e literatos, freqüentadores ou visitantes de sua casa, a publicar seus escritos. O primeiro passo foi matricular-se numa aula de datilografia ao lado dos jovens alunos, pois fez questão de ela mesma datilografar seus

manuscritos originais e ir reformulando algo, substituindo palavras, acrescentando outras.

Daí em diante suas publicações seguem sempre reeditadas até os nossos dias. Ei-las em ordem cronológica:

1965 - Poemas dos Becos de Goiás e Estória Mais, Editora José Olímpio.

1976 - Meu livro de Cordel, Editora Cultura Goiana.

1983 - Vintém de Cobre – Meia Confissões de Aninha, Editora da Universidade Federal de Goiás.

1985 - Estórias da Velha Casa da Ponte, Editora Global, São Paulo.

1986 - Os Meninos Verdes – (obra póstuma) infanto-juvenil, Editora Global, São Paulo.

1989 - O Tesouro da Casa Velha – (obra póstuma), Editora Global, São Paulo.

1997 - A Moeda de Ouro que o Pato Engoliu (obra póstuma), literatura infantil, Editora Global, São Paulo.

2001 - Prato Azul-Pombinho - (obra póstuma), literatura infantil, Editora Global, São Paulo.

2002 - Villa Boa de Goyaz - (obra póstuma), Editora Global, São Paulo.

1.4 - Cora Coralina por sua palavra poética

Falar das obras literárias de um autor (mormente de um poeta) ou de seus dados biográficos sem permitir que ele se apresente pela via de sua própria palavra “é deixar que rajadas de vento / ou quebradas de ondas / cubram com areia / pérolas preciosas”³. Deixemos, então, que Cora Coralina se apresente por si mesma, já que sua obra constitui um relato poetizado de suas experiências desde a infância até “*o tarde da vida*”, (conforme seu dizer poético), da vivência da gente de Vila Boa, da sua marcante humanidade e, particularmente, de sua devocional religiosidade que a tudo envolve. Essa verdadeira auto-biografia da autora é confirmada pela maioria dos que escreveram sobre a obra coralineana, inclusive por Marlene Vellasco – atual diretora do Museu Cora Coralina, segundo assegura em seu trabalho sobre a autora.

³ Versos do poeta Tiago de Melo – “Sugestão” – Antologia Poética.

Pode-se dizer que a poesia é a biografia da poetisa. Assim sendo, quem se interessar pelos acontecimentos mais íntimos da autora, basta passar os olhos por estes livros, que dão a sua ficha civil, intelectual, sentimental e moral, pois é a sua autêntica vida, sem disfarces, sem máscaras. É Cora se sobrepondo a Aninha e vice-versa. (1990, p. 3)



Fonte: Capa, 9ª ed. Estória da Casa Velha da Ponte

Fg.07 - A poetisa no início de sua carreira literária

A seleta de fragmentos⁴ a seguir compõe uma rica autobiografia de nossa poetisa, pois seus versos a enunciam transparentemente:

⁴ Parte desses fragmentos intitulados “Cora Coralina por ela mesma” foram selecionados por José Mendonça Teles e declamados no enterro de Cora Coralina em 11-04-85, na cidade de Goiás, depois publicados no livro “No Santuário de Cora Coralina”, 1991. Alguns fragmentos foram suprimidos e acrescentados vários outros que pareceram mais pertinentes ao propósito desta pesquisa.

*Venho do século passado
e trago comigo todas as idades
Pertencço a uma geração
ponte, entre a libertação
dos escravos e o trabalhador livre.
Entre a monarquia
caída e a república
que se instalava.*

(Parte

biográfica - MLC)⁵

*Foi uma ex-escrava que me amamentou no seu seio fecundo.
Eram seus braços prazenteiros e generosos
que me erguiam, ainda rastejante, e
Aninha adormecia, ouvindo
estórias de encantamento.*

(Mãe

Didi - MLC)

*Quando nasci, meu velho pai agonizava,
logo após morria.
Cresci filha sem pai,
secundária na turma das irmãs.*

*Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalamado.*

⁵ Todas as obras de Cora Coralina serão citadas por siglas ,letras iniciais dos títulos dos livros, já relacionados anteriormente, tendo em vista a extensão de alguns e sua repetição em cada fragmento apresentado.

De pernas moles, caindo à toa. [...]

*Tinha medo das estórias
que ouvia, então, contar:
assombração, lobisomem, mula-sem-cabeça.
Tinha as pernas moles
e os joelhos sempre machucados,
feridos, esfolados.
De tanto que caía.*

Infância – PBGEM)

(Minha

*Era um bolo econômico,
como tudo antigamente [...].
Eu era menina em crescimento.
Gulosa.
Abria os olhos para aquele bolo
que parecia tão bom e tão gostoso [...]
Minha irmã mais velha
governava, regrava.
Me dava uma fatia
tão fina,
tão delgada...
E o bolo inteiro, quase intangível,
se guardava bem guardado [...]
Destinava-se as visitas da noite
certas ou imprevistas [...]*

(Antigüidades – PBGEM)

*Um dia houve. Eu era jovem, cheia de sonhos.
Rica da imensa pobreza que me limitava
entre oito mulheres que me governavam [...]*

*Despojada, Apedrejada.
Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida.
Eu fui caminhando, caminhando...*

*Fiz um nome bonito de doceira, glória maior.
E nas pedras rudes do meu berço
gravei poemas.*

(Semente e fruto - VC)

*Olha para estas mãos
de mulher roceira,
esforçadas mãos cavoqueiras.
Pesadas, de falanges curtas.*

(Estas mãos – MLC)

*Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão [...]*

*Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
quitute bem feito [...]*

Vive dentro de mim a mulher do povo.

Bem proletária

Bem linguaruda,

desabusada, sem preconceitos,

de casca-grossa

de chinelinha

e filharada.

Todas as vidas dentro de mim:

na minha vida –

a vida mera das obscuras.

(Todas as vidas – PBGEM)

Mulher da vida

minha irmã.

De todos os tempos.

De todos os povos.

De todas as latitudes.

Pisadas, espezinhadas, ameaçadas.

Desprotegidas e exploradas [...]

(Mulher da vida – PBGEM)

Que procura você Aninha?

Que força a fez despedaçar correntes de afetos.

e trazê-la de volta às

pedras lapidares do passado?

(Meu vintém perdido - VC)

Goiás, minha cidade...

Eu sou aquela amorosa

de tuas ruas estreitas,

*curtas,
indecisas,
entrando
saindo
uma das outras.
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.
Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
contando estórias,
fazendo adivinhações.
Contando teu passado
Cantando teu futuro.*

*Eu sou a dureza desses morros,
revestidos,
enflorados,
lascados a machado,
lanhados, lacerados,
Queimados pelo fogo.
Pastados.
Calcinados
e renascidos.*

*Minha vida,
meus sentidos,
minha estética,*

*todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.
Eu sou a menina feia
da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.*

- PBGEM)

(Minha cidade

*Sinto que sou a abelha no seu artesanato.
Meus versos têm cheiro dos matos, dos bois e dos currais.
Eu vivo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas.
Amo a terra de um místico amor consagrado,
num esponsal sublimado,
procriador e fecundo.*

(A gleba me transfigurava – VC)

*Da janela da casa velha
todo dia, de manhã,
tomo a bênção do rio:
- “Rio Vermelho, meu avozinho,
dá sua bença pra mim...”*

(Rio Vermelho - PBGEM)

*Canto a estória dos becos,
dos becos da minha terra,
suspeitos... mal afamados
onde família de conceito não passava.*

“Lugar de gentinha” – diziam, virando a cara.

De gente do pote d’água.

De gente de pé no chão.

Becos de mulheres da vida.

Renegadas, confinadas

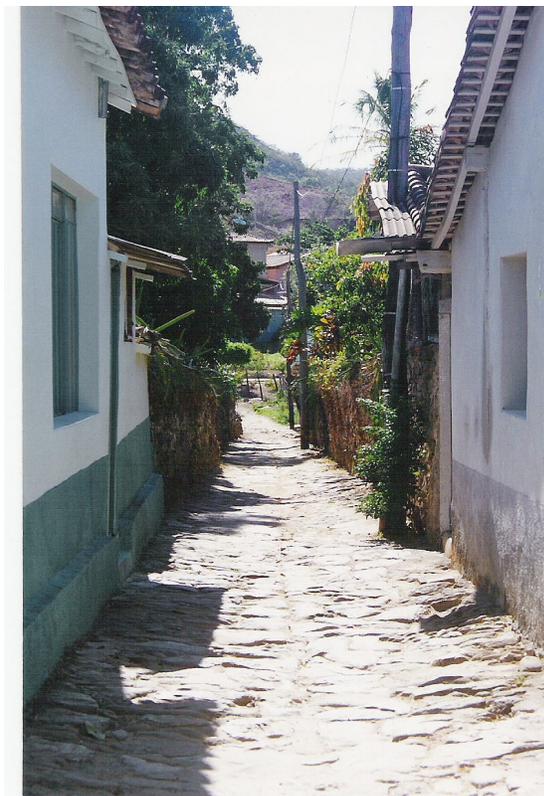
na sombra triste do beco.

(Becos de Goiás - PBGEM)



Divina Paiva

Divina Paiva



Fg.08 - Alguns becos de Goiás

*Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou o amar a vida.
Ser otimista.*

(Aos moços – VC)

*A estrada da vida,
pode ser longa e áspera.
Faça-a mais longa e suave.
Caminhando e cantando
Com as mãos cheias de sementes.*

(As espigas de Aninha – VC)

*Senhor, sois a luz da minha vida.
Que eu sinta a vossa presença
na água da minha sede,
e na paz da minha casa.*

(Oração de Aninha – VC)

*Senhor, fazei com que eu aceite
minha pobreza tal como sempre foi.
Que não sinta o que não tenho.
Não lamente o que podia ter.*

(Humildade – MLC)

*Creio nos valores humanos [...]
Acredito numa energia imanente
que virá um dia ligar a família humana
numa corrente de fraternidade universal.*

(Eu creio – VC)

*Muletas novas, prateadas e reluzentes.
Apoio singelo e poderoso
de quem perdeu a integridade
de uma ossatura intacta,
invicta em anos de andanças domésticas.*

(Ode às muletas – PBGEM)

*Só uma pedra no meu túmulo.
Pedra de renúncia aos bens da vida.
No fim, minha mão vazia, segura
as mãos cheias de Deus.*

(Irmã Bruna – VC)

*Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
entrelaçadas às pedras de meu berço
são cordas que brotam de uma lira.*

*Enfeitai de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal.*

*Não morre aquela
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.*

(Meu epitáfio - MLC)

Ao mesmo tempo em que Cora vai registrando os dados de sua circunstância concreta, descrevendo os espaços experienciados, narrando os seus fatos existenciais marcantes, vai revelando o seu mundo intersubjetivo, deixado aflorar pela riqueza de seu eu poético e pela sua imaginação criadora. Ei-la fecunda de idéias, irmanando poesia, arte e filosofia em todo o vigor da força telúrica de seus poemas. Sua autobiografia talhou-a em versos de linguagem imagística, colorida e envolvente. Seus temas são os de sua (nossa) terra e os de sua vida. Cada palavra da autora tem a sua conotação especial, a sua significação própria e única, o seu sentido existencial profundo. Seus poemas – suas obras – foram vividos no cotidiano e artesanalmente construídos. Lembranças, velhas estórias, lugares percorridos / amados, convicções, tudo transmudado em poesia de recôndita expressão que nos lega uma grande lição de vida: “experiência que ensina e mostra caminhos andados para outras gerações” (RAMON, *apud* CORALINA 1987, p. 30).

Para não dizer que eu só falei de flores⁶, ou melhor, que só foram ressaltados apologeticamente os primores da vida de Aninha – embora a coletânea de fragmentos anterior já evidencie o seu lado triste – faz-se necessário salientar nos seus poemas também a face catártica, as confissões de suas dores, quando a poetisa é impulsionada sobretudo por um desejo incontrolável de se abrir para o mundo. Agora não é mais o domínio do mimético em que a poetisa fotografa, mantendo sua antena estendida no universo e recebendo os dados. Ela copia em sua consciência o real que a limita numa relação tempo-espacial, porém o universo imaginário de seus poemas preenche-se de conteúdos psicológicos oriundos de uma auto-análise. Cora tem consciência dessa passagem do mimético para o catártico e marca alguns poemas com o qualificativo de freudianos (Minha Infância, Vintém de Cobre). Muitos outros podem receber esse mesmo qualificativo, inclusive o subtítulo da obra “Vintém de Cobre” – Meias confissões de Aninha – sugere essa catarse (SANTOS, *apud*, CORALINA, 1980)

Dentre os poemas coralíneos suficientemente exemplificativos em que a alma da poetisa se revela, são os que a própria autora qualifica de freudianos, como pode ser visto a seguir:

*Éramos quatro as filhas de minha mãe.
Entre elas ocupei sempre o pior lugar [...]
Contenção... Motivação... Comportamento estreito,
limitado, estreitando exuberâncias,
pisando sensibilidades. [...]
Intimidada, diminuída. Incompreendida.
Atitudes impostas, falsas, contrafeitas.
Repreensões ferinas, humilhantes.
E o medo de falar...
E a certeza de estar sempre errando...
Aprender a ficar calada.
Menina abobada, ouvindo sem responder [...]
Triste, nervosa e feia [...]*

⁶ Parodiando o título da música do poeta-compositor Geraldo Vandré. “Para não dizer que eu não falei de flores”.

*Sem carinho de mãe
 Sem proteção de pai...
 E nunca realizei nada na vida
 Sempre a inferioridade me tolheu
 E foi assim sem luta que me acomodei
 na mediocridade do meu destino.*

(Minha Infância – PBGEM)

*Dinheiro curto, escasso
 parco. Parcimonioso
 de gente pobre [...]
 Fui criança do tempo do cinquinho
 do tempo do vintém.
 Do antigo mandrião
 de saias velhas da vovó.
 De cobertas de retalho [...]
 De velhos preconceitos [...]
 O tempo, velho tempo que passou
 nivelou muros e monturos.
 Remarcou dentro de mim
 a menina magricela, amarela, inassimilada,
 do tempo do cinquinho.*

(Vintém de Cobre – PBGEM)

“ *E nunca realizei nada na vida* ” - modéstia do intelectual o qual “sabe que nada sabe”, alguma frustração por algo não realizado ou seriam anseios da alma poeta que sonha alçar vôos de condor?

Como a poesia possui a riqueza ímpar da simbolização capaz de sinteticamente significar e ressignificar as coisas e os seres, recorre-se aqui a um fragmento do poema-homenagem, intitulado

“Cora Coralina” de autoria de Célia Siqueira Arantes (*apud* CORALINA, 1980, p. 21) para ornar a pintura do perfil da poetisa de “Vintém de Cobre” via palavras de rica conotação:

*Cora Coralina
 Mulher anciã, vivida...
 Na força fecunda de sua palavra
 que inunda sua obra, sua barra
 abrangendo em comunicação
 alma e coração,
 no desencadear de pensamentos
 feitos de emotividade
 e envolvimento,
 contando e cantando
 a natureza
 na simplicidade
 da beleza,
 na magia de seu rude verso
 a riqueza do seu universo.
 Mulher de todos os tempos
 Sem idade [...]*

Assim, foi / é Aninha – ou Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, ou melhor, Cora Coralina – uma personalidade que superou as limitações do tempo, eternizando-se em tudo que a terra goiana produz, bens morais, materiais, culturais. Lendo atentamente seus poemas e captando sua essência, pode-se verificar que a “poetisa do cerrado” foi eleita a intelectual do ano de 1983, primordialmente, pela fecundidade e solidez de sua obra, reveladora de um regional, não folclorizado pelo saudosismo da recordação, mas pela presentificação de tradições casadas com valores universais da humanidade. Tornou-se conhecida e reconhecida como símbolo do Estado de Goiás, das letras e da cultura goiana.

1.5 - A formação religiosa de Cora Coralina por ela mesma

Como já foi salientado, falar sobre Cora e sua obra é falar muito pertinentemente de sua religiosidade, de seu misticismo. A profissão de fé da poetisa de Vintém de Cobre perpassa toda a sua obra, seja de maneira direta, como ela o faz em seus versos, revelando-nos sua formação religiosa, sua prática dos rituais católicos e seus conhecimentos bíblicos, seja de modo indireto pelo seu fervor telúrico, sacralizador da natureza, seja pela sua atuação social nas organizações religiosas de caridade e na defesa dos desamparados, dos oprimidos da sociedade, enfim, pela sua cosmovisão profundamente humana e transcendental. É o que se pode observar em diversos fragmentos nos quais a voz vibrante da poetisa vai nos revelando sua religiosidade, a religiosidade do povo vilaboense – que é também a do goiano – por meio de suas páginas literárias de beleza impar e depois pela biografia da autora escrita por sua filha⁷, que é quase uma autobiografia porque narrada e vivida pela própria Cora na inter-relação e interação do cotidiano de seu lar, conforme palavras da filha co-autora.

Primeiramente, a tradição católica de sua família, desde o tempo de sua bisavó, inclusive com parentes e amigos sacerdotes, surge em meio a seus relatos, especialmente em suas memórias da infância ao lado de seus parentes mais próximos. A prática dos rituais do catolicismo popular fazia parte do cotidiano de seus familiares, acompanhando a longevidade de muitos deles, a exemplo da autora que faleceu aos 95 anos. Vê-se que o rigor na observação dos preceitos religiosos era intenso, aliás, como todo o tradicionalismo da época, início do século passado:

Ana, nome escolhido pela avó, fervorosa devota de Sant'Ana.
Sou bastante religiosa, para não admitir uma união sem a bênção de Deus..
(CCCP – 1995, p. 10).

Outras (cartas) eram de velhos irmãos de minha bisavó, padres e cônegos do tempo em que estudavam Humanidades em Coimbra e Leister.
(Papéis de Circunstância – HVCP)

Meu avô dizia curta oração. Nós o acompanhamos / com o prato e a colher na mão [...]

⁷ A biografia de Cora foi escrita e publicada em 1995 por sua filha caçula, Vicência Bretas Tahan sob o título de “Cora Coragem, Cora Poesia” por ocasião do centenário do nascimento da poetisa.

Esta irmã de meu avô, em moça, renunciara ao casamento, primeiro: / oferecer sua virgindade à Santa Mãe de Jesus”. [...] / Depois para cuidar da mãe na invalidez.

(As Maravilhas da Fazenda Paraíso – VC)

Prosseguindo a tradição familiar, concretiza-se a sua formação religiosa pelos próprios padres da cidade e a sua convivência com eles, especialmente com os padres Dominicanos aos quais Cora não poupa elogios às virtudes: austeridade, severidade, ascetismo, dignidade, fidelidade, espírito missionário, humildade, confessores, penitentes, caridade, santidade são alguns qualificativos empregados pela autora para descrever esses “*atletas da fé*”, ou “*guardiões da sua fé*” como diz ela no belo poema dedicado a Frei Germano, seu catequista na escola primária.

*Corria a lhes pedir a bênção.
Ganhar santinho. Frei Henrique,
Frei Constâncio,
Frei Manuel, Frei Germano,
E quantos outros [...]
Muito manso,
muito humilde
se fazendo pequenino
propôs à mestra em dia certo da semana
ensinar a doutrina à meninada. [...]
Como prêmio de aplicação
conservo daquele tempo,
recebido de suas mãos
uma antiga História Sagrada
e uns santinhos que me têm valido na aflição. [...]
E sei até hoje / se me perguntarem
os “novíssimos do homem”
que nenhum leitor, / católico praticante,*

*dirá ao certo / sem rever de novo
o catecismo.[...]
E até hoje guardião de minha fé,
vai me levando pela vida
Frei Germano.*

(Frei Germano – PBGEM)

A fé e prática dos rituais católicos (dela mesma e dos goianos) ao longo de sua existência são freqüentemente citados na maioria dos escritos de Cora quando menciona sua participação ativa em inúmeros rituais do catolicismo, tais como missa, orações, confissões, comunhões, procissões, casamentos, batizados, festas de santos e quermesses, etc...



E a gē **Fg.09** -Cora e a bandeira do Divino nos últimos dias dos seus 95 anos

Cidinha Coutinho

A igreja, refúgio e confessionário antigo [...]

A gente saía confortada, ouvia a missa, cumpria a penitência e comungava humildemente ajoelhada, véu na cabeça em modéstia reforçada [...]

(Moinho do Tempo – VC)

Me carregava na procissão

Eu dormia na cadeirinha de seus braços.

(Mãe Didi – MLC)

Tudo isto também é focalizado na biografia da autora por sua filha caçula, Vivência Bretas Tahan, conforme pode ser lido em alguns fragmentos abaixo extraídos do livro “Cora Coragem, Cora Poesia”, publicado em 1989:

Morando logo atrás da Igreja dos Capuchinhos, Santuário de S. Francisco de Assis, Cora passa a freqüentar a missa diariamente às seis horas da manhã (p. 113).

Finados aproxima-se. [...] levar flores e assistir à missa na capelinha ao lado” (p. 59)

Eu fiz uma promessa: quando você voltasse, iríamos todos à Igreja da Lapa, a pé, levar velas. Vão caminhando e rezando o terço pelas ruas. (p. 106)

Muitas pessoas, centenas, refugiam-se em igrejas ou capelas domésticas por horas, rezando terços, orações inúmeras, apelando para todos os Santos. (p. 35)

Talvez (Aninha) tenha ido à missa logo cedo..., pois hoje tem confissão com Frei Germano (p. 95)

As Verônicas de açúcar, alvíssimas, que bem definem o espírito religioso goiano, distribuídas ao povo na Festa do Divino. (p. 56)

Sua atuação em Associação de Caridade, ligadas à igreja, além das demais práticas cristãs, também é salientada na biografia da autora por sua filha Vicência como uma das atividades que assumia com o maior empenho. Desde a organização das associações, o levantamento das famílias a serem atendidas, as visitas aos dirigentes políticos, a distribuições de alimentos, a busca de tratamento médico-

hospitalar, e até empregos para as pessoas, contavam com Cora à frente de tais conquistas, relata Tahan (1989):

Aninha está firme no seu trabalho junto à Associação de Caridade.
 [...] A Associação tem atendido aos pobres da cidade. (p. 87)
 [...] e agora pertencendo à Ordem Terceira de São Francisco, pouco tempo tem.(p. 15)

Seus conhecimentos bíblicos, cujo discurso é largamente empregado em seus escritos, permeando seus versos, envolve na mesma subjetividade o eu-tu em que a voz da poetisa se sobrepõe à voz do sujeito bíblico (Cristo ou outros autores de passagens da Bíblia) e vice-versa. Assim, o discurso bíblico empregado por Cora Coralina envereda para a existência, para a contemplação, para a ação, e os elementos da natureza são metaforicamente comparados com várias passagens do Livro Santo, propiciando-nos imagens poéticas de rara beleza.

*... e no terceiro dia da criação
 o Criador dividiu
 as águas e fez os
 mares e os rios e separou
 a terra e deu a ela ervas e plantas”
 ... e quando das águas separadas
 aflorou Goiaz, há milênios,
 ficou ali a Serra Dourada [...]
 E o Criador vendo que era boa multiplicou as espécies.*

(Anhangüera ... Anhangüera – MLC)

*Rio, meu pobre Jó... Cumprindo sua dura sina.
 Respondo sua lazeira nos cacos dos seus monturos.
 Rio, Jó que se alimpa...*

(Rio Vermelho – PBGEM)

No suor do teu rosto comerás o teu pão até que te torne a terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó, e em pó te tornarás”.

Cumpriu-se assim a condenação do Gênesis e fez-se a primeira referência bíblica ao pão.

Não comas o pão do Maligno porque ele forçará teu ventre e obrigará teus braços a pagamento dobrado.

Havia um partir de pão em casa de Onesifero quando Paulo ali entrou com seus amigos.

(A Lenda do Trigo – MLC).

“- Lavo as mãos do Sangue desse justo”. E o entregou à multidão.

Com ele mais dois condenados ao suplício da cruz.

(A Dívida Paga – MLC)

Eu sou o caminho, a verdade e a vida.

Segue-me.

Transformarei a tua vida e te levarei “a verdes pastos”.

(Segue-me – VC)

Paralelamente ao conhecimento bíblico Cora demonstra seu profundo conhecimento do ritual sagrado da Santa Missa descrevendo-o no poema “A Jaó do Rosário”, no qual expõe minuciosamente todos os passos desse nosso ritual sagrado, tido como o maior preceito a cumprir pelo Católico praticante. Enquanto vai poetizando todos os momentos da Missa, vai sobrepondo o canto triste de uma Jaó, a Jaó do Rosário, colocando também no gorjeio da ave o louvor ao Criador. Inclusive logo após o momento do mistério da transubstanciação, em que pão e vinho tornam-se o corpo e o sangue de Cristo, o pássaro canta “o Glória” em louvor àquele santo instante de profunda veneração. E pelas palavras ditas em Latim, pode-se inferir que sua familiaridade com a Santa Missa remota à época do passado quando só a Língua Sagrada era permitida para essa celebração.

Liturgia. / Sacerdote no altar.

Introibo ad altare Dei.

Quia tu és Deus.

Deus meu, in te confido, non enrubescam.

... e começa o canto daquela Jaó.

A Epístola.

São Paulo fala aos Coríntios da nova Lei.

Evangelho de São Mateus: [...]

“Creio em Deus Pai...

[...]

No centro do altar

o sacerdote prepara-se para o sacrifício.

Abre os braços em cruz.

Baixa a cabeça.

Ora em silêncio.

[...]

Ablução. O manustérgio. / E o vinho da Consagração.

[...]

O sacerdote benze o vinho.

Parte a hóstia sobre o cálice

que se eleva no mistério da transubstanciação [...]

Corpo e Sangue de Cristo.

Deus vivo sobre o altar

[...]

... e canta o Glória

aquela Jaó.

Comunga o sacerdote. [...]

A comunhão dos confessados [...]

Retorno ao altar

Volta a âmbula ao sacrário

[...]

A bênção.

“*Dominus vobiscum...*

Finis missa est...”

[...]

A Deus cantando, / glorificando

até o final

aquela jaó.

(A Jaó do Rosário – PBGEM).

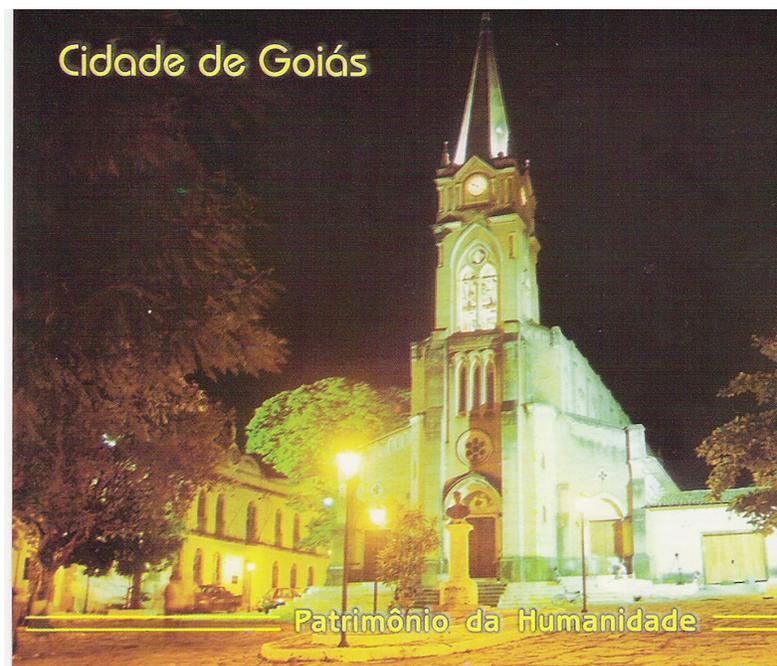


Fig.10 - Igreja de N.S. do Rosário –
chama viva da fé católica

Sua poética humanística extraída da Oração se materializa em belos poemas-oração e nos revela uma tendência modernista tanto nos poemas de versos livres (literatura moderna) como nas preces de livre conversação com Deus e Virgem Maria. Mas há também algumas de caráter fixo como o poema “Eu creio”, verdadeira paráfrase do nosso “Credo” ou “Profissão de Fé”: “*Creio nos*

valores humanos [...] / creio na força do trabalho [...] / acredito numa energia imanente / que vira um dia ligar a família humana / numa corrente de fraternidade universal...” Porém, o predomínio é da oração livre, de características individuais (MAUSS, 1979) em que vislumbramos não só uma poesia humanitária, mas igualmente a absorção de todos os ensinamentos bíblicos. E confirma-se, mais uma vez, a fé e a confiança da poetisa em Deus, sua religiosidade, seu lado Cristão.

Como afirma Marcel Mauss (1979), a prece se presta a várias funções ou papéis, tais como: súplica, louvor, penitência, confissão, iniciação, ato de fé dentre outros. Também em Cora Coralina encontram-se orações direcionadas a diferentes esferas da vida social, cumprindo diferentes papéis.

Senhor, nada valho.

Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.

Sou a pobreza vegetal agradecida a vós, Senhor, que me fizeste necessário e humilde.

Sou o milho.

(Oração do milho – PBGEM)

Fazei, Senhor, presente

a razão dos que me julgam,[...]

Meus Deus, acordai o coração dos meus juizes.

Senhor, daí idealismo às autoridades...

(Oração do Pequeno Delinqüente – PBGEM)

Senhor Deus, daí-me o que preciso...

Acertai, Senhor os meus passos.

Fazei com que dentro desta casa de espera e correção...

(Oração do Presidiário – PBGEM)

Senhor, sois a luz da minha vida.

Que eu sinta a Vossa presença

na água da minha sede,

e na paz da minha casa. [...]

(Oração de Aninha – VC)

*Minha Nossa Senhora das Graças
toda minha.
Abençoi, minha Nossa Senhora,
todos aqueles que se foram e que se desfizeram
na obscuridade e no esquecimento
da árvore ingrata que alimentam.*

(Meu Pequeno Oratório – MLC)

Além dos poemas-prece que nos revelam a sua formação Católica e o seu lado cristão-humanitário, a sua preocupação com os desvalidos e excluídos da sociedade, inúmeros outros poemas nos revelam esta mesma preocupação por meio das mensagens voltadas aos humildes. Muitos são compostos para homenagear gente simples, trabalhadores do lugar que simbolizam universalmente os demais serviçais. Recebem eles, via poesia, todo o carinho e o respeito da generosa poetisa, também ela pessoa simples, trabalhadora, doceira de mãos prendadas que tirava seu sustento com “o suor de seu rosto” fabricando seus saborosos doces cristalizados. O labor de sua gente e seu próprio labor, um hino incansável ao Criador.

Essa preocupação com os outros – gente humilde e os excluídos, principalmente – encontra respaldo nas análises de Rouanet (2002, p. 2) sobre Ferry que demonstra haver uma “divinização do humano”⁸ no contexto da modernidade. Trata-se de um “extravasamento em direção a “transcendências horizontais, livremente consentidas, puramente humanas”. Para Rouanet a força motriz da transcendência horizontal é o amor, que leva os sujeitos a ultrapassarem sua interioridade monádica para alcançarem o outro. A esse sentimento nobre chama de “ágape cristão”, pois nos liga ao próximo, mesmo aos que nos são indiferentes e tem como horizonte virtual a humanidade inteira. Ferry (*apud* ROUANET, 2002, p. 2) denomina de “humanismo transcendental, porque instaurador de

⁸ A divinização do humano, segundo interpretação de Rouanet, contrapõe-se à humanização do divino (que reina na modernidade secularizada), porém encontra-se nas entranhas da imanência dessa mesma modernidade.

valores que excedem uma definição puramente imanentista do humano”⁹. Assim, o homem divinizado, muito cristãmente, é um ser capaz de amor e de caridade para com os demais, sentimentos de profundas implicações religiosas:

O novo humanismo sustenta a existência de valores transcendentais a partir do amor; acha que esses valores não podem sempre ser explicados pela razão; acredita que são valores religiosos no sentido etimológico de “religare”, de criarem um vínculo entre todos os homens; afirma que eles constituem um domínio que deve ser visto como sagrado; e pensa que eles fundam um vínculo com a eternidade e com a imortalidade, porque são valores pelos quais vale a pena lutar e morrer e, portanto, se situam além da vida terrena.

(ROUANET, 2002,p. 3)

É possível entrever esse humanismo transcendental, conseqüência do amor, ágape cristão, fartamente na poesia coralineana. Uma demonstração de seu acolhimento aos humildes, com espontânea opção que a leva a exaltá-los, venerá-los. Não só desse acolhimento estão impregnados muitos de seus poemas mas também de ensinamentos, de alerta, de reivindicações a favor dos desvalidos, em especial, da mulher. Essa abordagem vai ao encontro do que afirma Zilda F. Ribeiro (1998, p.89): “O poder ‘alternativo’ que a mulher sempre ofereceu à Igreja foi o do serviço, do amor/ágape, isto é, o poder e a força para ajudar o outro a chegar ao próprio ser e ao poder-ser”. Os fragmentos seguintes são ampla e satisfatoriamente exemplificativos do seu amor aos infortunados, da sua força para auxiliar o outro a “poder-ser”:

Essa mulher...

Tosca. Sentada. Alheada...

Braços Cansados [...]

Vai lavando. Vai levando.

Levantando doze filhos

⁹ Humanismo porque não é mais possível ao homem recuar para um lugar secundário em relação ao divino, explica Rouanet (2002, p. 2).

*crescendo devagar,
enrodilhada no seu mundo pobre,
dentro de uma espumarada
branca de sabão
É a lavadeira.*

(A Lavadeira – MLC)¹⁰



Divina Paiva



Divina Paiva

Fig.11 As Lavadeiras de Goiás

*Donde vem criança?
Por que tão cedo esse batismo impuro
que mudou teu nome? [...]
criança periférica, rejeitada...
Pudesse eu te ajudar, criança estigma.
Defender tua causa, cortar tua raiz chagada...*

¹⁰ Há repetições de um mesmo fragmento ou de diferentes fragmentos de um mesmo poema para exemplificar diversificados enfoques em análise.

(Menor Abandonado – PBGEM)

*Creio na salvação dos abandonados e na
regeneração dos encarcerados, pela exaltação
e dignidade do trabalho.*

(Eu Creio – VC)

*Foi uma ex-escrava que me amamentou
em seu seio fecundo.
Eram seus braços prazenteiros e generosos que
me erguiam ainda rastejante [...].
Para você, mãe Didi, esta página sem brilho
do meu livro de Cordel.*

(Mãe Didi – MLC)

*Mulher da vida,
Minha irmã [...]
Pisadas, espezinhadas, ameaçadas
Desprotegidas e exploradas [...]
“Aquele que estiver sem pecado
atire a primeira pedra” [...]*

(Mulher da vida – PBGEM.)

*Maria das muitas que rola pelo mundo.
Maria pobre. Não tem casa nem morada.
Vive como quer.
Tem seu mundo e suas vaidades. Suas trouxas e seus botões [...]
Maria companheira certa e compulsada.
Inquilina da Casa Velha da Ponte...
Tão vazia de gente, tão cheia de sonhos, fantasmas [...]
Seus fantasmas, enterro de ouro. Lendas e legendas*

Cabem todas as Marias desvalidas do mundo e da minha cidade.

Entre Maria, a casa é sua.

Nem precisa mandar. Seus direitos sem deveres.

Vai pela manhã e volta pela tarde.

Suas saiais, seus botões, seus grampinhos, seu sério.

Muda e certa...

(Coisa de Goiás: Maria – VC)

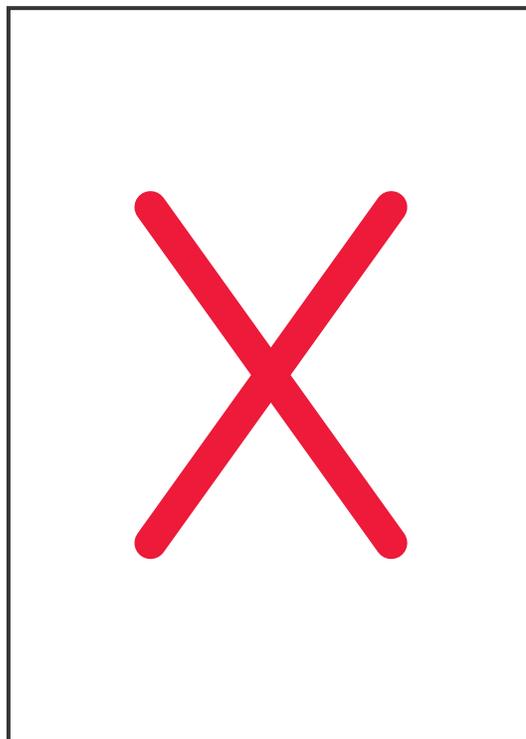


Fig.12 Maria Grampinho – “inquilina da Casa Velha da Ponte”.

A religiosidade de Cora Coralina explicitada por sua poesia parte do ser humano divinizado e se projeta na natureza cósmica sacralizada. Seu amor á natureza tem como ponto de partida o ágape cristão, que abrange todos os seres humanos universalizados, enquanto respeito, fraternidade, caridade, solidariedade. Surge, a partir daí uma co-extensão íntima entre natureza e homem divinizado, como veremos mais adiante.

Pelo que já foi dito – e principalmente pelo que a poetisa disse em seus versos – a formação religiosa de Cora, tornou-se parte da sua personalidade e de seu estilo literário. Ao interiorizar (subjetivar) a religiosidade de sua família, de sua época, de seu espaço, ela tornou elos de uma mesma corrente: autora - poesia - sacralidade - misticismo. Ao fazer uma obra que extrapolou o regional, tornou-se ela e sua poética símbolos das letras goianas.

CAPÍTULO II

2 - POESIA E POETISA: PRINCIPAIS MEDIAÇÕES SIMBÓLICAS

O termo “símbolo” tem sido empregado para significar uma variada gama de coisas e comumente várias coisas ao mesmo tempo. Pelo seu papel fundamental na vida de qualquer sociedade, trata-se de um assunto discutido em todas as áreas do conhecimento como uma unidade básica do comportamento humano à qual coube a tarefa de transformar e fazer dos homens seres humanos. “Só o homem usa símbolos nenhuma outra criatura o faz” afirma White (*apud* IANNI & CARDOSO, 1973, p. 182), complementando o que assegura anteriormente:

Todo comportamento humano consiste no uso do símbolo, ou depende disto. Comportamento humano é comportamento simbólico, e comportamento simbólico é comportamento humano. O símbolo é o universo da humanidade. (p.180)

Uma concisa e clara definição de símbolos encontra-se em Cohen (1978, p. 38): “Símbolos são objetos, atos, conceitos ou formas lingüísticas que acumulam ambigualmente vários significados diferentes e que simultaneamente evocam emoções e sentimentos impelindo os homens à ação”.

O referido autor nos descreve também em que circunstâncias as mediações simbólicas se fazem presentes, ou seja, em todas as atividades formalizadas, em todos os cerimoniais e atos consagrados pela tradição de um povo.

Quanto à significação do símbolo, pode-se reportar a Geertz (1989) que

discute o “sistema de símbolos religiosos” mostrando as dimensões que têm sido tomadas por diversos campos de estudo, dentre as quais a última abordagem é a que o autor afirma seguir:

Para alguns, ele [o símbolo] é usado para qualquer coisa que signifique uma outra coisa para alguém [...]; para outros é usado apenas em termos de sinais explicitamente convencionais de um ou outro tipo [...]; para outros, ainda, limita-se a algo que expressa de forma figurativa aquilo que não pode ser afirmado de modo direto e literal [...]. Para outros, entretanto, ele é usado para qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção – a concepção é o significado do símbolo (p. 105)¹¹

Geertz chama de padrões culturais os sistemas ou complexos de símbolos que representam fontes extrínsecas de informações, isto é, fora dos limites do organismo do indivíduo, um mundo intersubjetivo de compreensões comuns no qual nascem todos os indivíduos. Como “fontes de informações” o autor quer dizer que eles fornecem um diagrama em termos do qual se pode dar forma definida a processos externos a eles mesmos. E já que o comportamento humano é determinado por fontes de informações intrínsecas, as fontes extrínsecas passam a ser vitais, pois o homem precisa de concepções que só pode adquirir de fontes simbólicas. Assim, os conjuntos de símbolos (ou padrões culturais) em suas relações uns com os outros “modelam” as relações nos sistemas físico, orgânico, social ou psicológico. Trata-se, então, de uma questão de “modelo da realidade”. Sintetizando: os símbolos modelam o mundo e induzem o indivíduo a um conjunto de disposições, isto é, tendências, capacidades, propensões, habilidades, hábitos, compromissos, inclinações, ânimo, motivações (GEERTZ, 1989, p. 106-14).

E, descrevendo, ainda, a profunda dependência do homem aos símbolos Geertz cita Langer (1973, p. 144) que afirma: “nossos bens mais valiosos são sempre os símbolos de orientação geral na natureza, na terra, na sociedade e naquilo que estamos fazendo”. Enfim, como afirma Geertz, (1989

¹¹ Foram suprimidas todas as explicações e exemplificações do autor que permeiam as abordagens citadas por serem desnecessárias ao nosso propósito.

p. 114), “o homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura”.

Um dos grandes estudiosos da questão simbólica, Mircea Eliade (1991) afirma que o símbolo é consubstancial ao ser humano, precedendo a linguagem e a razão discursiva. Ele reabilitou a importância da imaginação simbólica, como função qualificante do ser, possibilitando, assim, que mitos, ritos e símbolos tivessem sua estrutura universal redescoberta. Em *O Sagrado e o Profano*, (ELIADE, 1992, p.179) escreve: “Os símbolos despertam a existência individual e transmutam-na em ato espiritual, em apreensão metafísica do mundo [...]. Compreendendo o símbolo, o homem consegue viver o universal”. Este estaria, então, respondendo a uma necessidade e preenchendo a função de pôr a nu as mais secretas modalidades do ser e de possibilitar a percepção da sua inserção no cosmos (1991). E em se tratando da função e do valor de um símbolo, o autor argumenta que estes não se esgotam nos planos da vida diurna e da atividade consciente, ou seja, o símbolo liberta a sua imagem e preenche a sua função mesmo quando o seu significado escapa à consciência.

Eliade afirma ainda que “os símbolos jamais desaparecem da atualidade psíquica” (1991,p.13), às vezes, mudando de aspecto, mas permanecendo a mesma função. Pertencentes à substância da vida espiritual, podem ser camuflados, degradados, porém jamais extirpados. E sua perenidade deve-se à arte literária: “Condenados a mudar incessantemente de emblema, eles resistiram a essa hibernação graças à literatura” (ELIADE, 1991, p. 7).

Com essa asserção referente à literatura, o autor reporta-nos a Cora Coralina que utiliza a palavra – já por sua própria essência símbolo de comunicação - como instrumento essencialmente simbólico, porque transfigurada em palavra poética e transfigurante enquanto representação do social, revelam, sob esta mediação, o sistema de valores, as normas, as atitudes de um povo, de um lugar, de uma época.

Sendo a poesia, sobremaneira, um campo propício ao desvelamento simbólico, já que imagística pela própria natureza, a palavra poética, imanência do símbolo, revela certos aspectos mais profundos da realidade que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. Como sustenta Eliade (1991),o simbolismo acrescenta um novo valor a um objeto ou a uma ação, sem que por isso cause prejuízo aos seus valores próprios e imediatos. Isto porque ao aplicar-se a um objeto ou a uma ação, o simbolismo torna-os “abertos”, permitindo que o pensamento simbólico faça “rebentar” a sua

realidade imediata, mas sem a diminuir nem desvalorizar. Essa é outra constatação que novamente nos remete à multivalência da simbologia encontrada na poética coralínea.

Assim, tomando os símbolos como modelos de processos lingüísticos e a palavra como meio de comunicação do significado do símbolo – também ela meio simbólico – procura-se nos poemas de Cora Coralina, vislumbrar as principais mediações simbólicas poetizadas pela autora.

2.1 - Símbolo de uma cidade e de uma região

Contando o nosso passado e cantando o nosso futuro permanece a música dos poemas de Cora repletos do imaginário da gente goiana, de vasta simbolização que delineia os rumos de nossa identidade cultural. A nossa saudosa Aninha é revelada como uma figura exemplar, não só por ter conquistado o renome de uma das maiores expressões goianas da literatura brasileira, mas por sua sensibilidade para apreender a alma da região, repoeando-a e restabelecendo o tráfego com a universalidade do humano. Com Cora Coralina vivenciamos um novo regionalismo que só os símbolos poéticos são capazes de expressar. Segundo Oswaldino Marques (*Apud* CORALINA, 1980, p. 8), sua poesia nos remete a Guimarães Rosa:

... esplêndidos efeitos sonoros, estilísticos, robustecem a confiança do leitor na consumada ciência ambiental, ecológica, de quem, como a poetisa, maneja com absoluta perícia o instrumental denotativo da região. Ao lê-la pensamos, não raro, num Guimarães Rosa transposto para a poesia de Goiás. É extraordinária a maneira como absorve, assimila o tempo e a geografia desse perdido paraíso dos trópicos, reofertando-o a nós em sua autenticidade inaugural.

Cora Coralina perpetuou em seus lapidados versos o seu “Santuário”: inicialmente, a Vila Boa dos bandeirantes, do lendário ouro levado para São Paulo de Piratininga, lembrança dos Goyazes, dizimados pela ambição do Anhangüera e seu maldito prato de aguardente chamejante: símbolo de bravura para quem olha a história com o olhar do vencedor e de imagem nefasta para os que, como os Goyazes, percebem no “Diabo Velho” o símbolo da traição e da destruição. Depois, a cidade de Goiás, patrimônio cultural da humanidade, acrescida de outro patrimônio, sua mais ilustre filha que, como ninguém, soube poetizar os cantos e encantos de nossa velha capital e da região, retratando o espaço e as atividades vivenciadas por ela. Isto nos remete a Eliade (1992) que nos explica sobre lugares privilegiados, qualitativamente diferentes de outros lugares que, para a experiência profana,

constituem um espaço homogêneo e neutro. Ao contrário, são espaços que conservam traços de uma valorização religiosa do mundo. Lembram, portanto, “a não-homogeneidade específica da experiência religiosa do espaço” (1992, p.28) – o espaço sagrado carregado de significado, o único real e realmente existente, circundado por outros espaços sem estrutura, sem forma, sem significação – o que demonstra a impossibilidade de se abolir completamente o comportamento religioso do ser humano, por mais dessacralizado que possa parecer o mundo aos olhos daquele que optou por uma vida profana, afirma o autor. E, como exemplo de tais lugares, ele cita a paisagem natal, o sítio dos primeiros amores, uma cidade visitada na juventude... Esses espaços guardam “uma qualidade excepcional, única: são os lugares sagrados, do seu universo privado, como se neles um ser não-religioso tivesse tido a revelação de uma outra realidade, diferente daquela de que participa em sua existência cotidiana” (1992. p. 28). A seguir, alguns exemplos de lugares particularmente sagrados para Cora poetizados com ricas e graciosas metáforas:

*Goiás, minha cidade
 Eu sou aquela amorosa
 de tuas ruas estreitas
 curtas,
 indecisas,
 entrando
 saindo
 umas das outras [...]*

*Eu sou aquela mulher
 Que ficou velha, [...]
 contando estórias,
 cantando teu passado.
 Cantando teu futuro. [...]
 Eu vivo nas tuas igrejas
 e sobrados [...]
 Eu sou aquele velho muro*

verde de avenca [...]
Eu sou estas casas
encostadas
cochichando umas com as outras [...]
Eu sou o caule
dessas trepadeiras sem classe,
nascidas nas frinchas das pedras [...]

Eu sou a dureza desses morros
revestidos, enflorados,
lascados a machado,
lanhados, lacerados. [...]
Todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.

(Minha Cidade – PBGEM)



Fig.13 Casario Colonial preservado e morro do Cantagalo ao fundo – Cidade de Goiás Mários Dias Boanerges

Pode-se perceber que se evidencia, nesse universo particular poetizado por Cora, uma certa “rotura na homogeneidade” espacial de toda a realidade vivenciada por ela, tal como nos explica Eliade (1992) quando trata do espaço profano (homogêneo) e do espaço sagrado (não-homogêneo porque a-temporal), o qual representa essa quebra da homogeneidade infinita e se torna um ponto de referência – “presença da geografia sagrada e mítica, a única efetivamente real” (1991, p.50). Cora manifesta em “Minha Cidade” todo o seu amor pela urbe natal, apreendida nos pequenos detalhes que o singularizam, a envolvem de encantos mil e, simbioticamente, funde-se com seu ser ao sentir sua vida ligada a tantos locais e coisas tão íntimas desde sua infância até “o tarde da vida”. Portanto, são espaços dignos do respeito, da reverência, da veneração da autora – e, por extensão, do respeito do povo goiano também, já que veiculadores dos traços de goianidade, das nossas raízes – excepcionalmente sacralizados.

Esse “santuário de Cora Coralina” reporta-nos a Geertz (1991) quando trata do palácio do rei de Bali como templo sagrado.¹² Aliás não só o palácio, mas todo o complexo de obras e mobiliário que compõem o espaço real são sagrados por extensão, símbolos do poder do “Estado-teatro”

¹² Geertz (1991) afirma que, como esse, existem muitos outros palácios tradicionais espalhados pelo mundo, notadamente no Índico, como símbolo sagrado, em sua mera forma material.

(negara) e dignos da veneração da população subalterna. Contudo, no caso da poetisa vilaboense, a sacralidade dos seus recantos (casa, becos, igrejas, rio...) nasce espontaneamente de sua poética, de suas qualidades de poetisa e de seu amor às coisas da terra natal – cantada e divinizada em versos – hoje, cidade patrimônio cultural da humanidade, por isso mesmo, simbolicamente, elevada à categoria de sacra, porque intocável (tabu).

Um dos melhores exemplos de espaço sacralizado pela poetisa é a sua “Casa Velha da Ponte” tão ricamente poetizada, divinizada neste fragmento pleno de metáforas, prosopopéias e outras figurações:

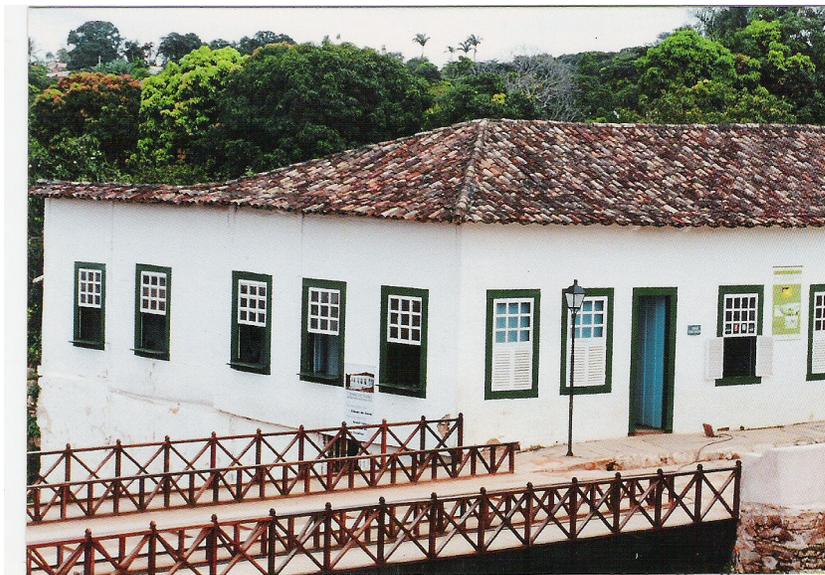
Casa Velha da Ponte...
Olho e vejo tua ancianidade vigorosa e sã.
Revejo teu corpo patinado pelo tempo,
marcado das escaras da velhice.
Desde quando ficaste assim? [...]
Minha Casa Velha da Ponte...
assim a vejo e conto, sem datas e sem assentos.
Assim a conheci e canto [...]
Casa Velha da ponte, velho documentário
de passados tempos, vertente viva de estórias
e de lendas. [...]
... voltei à velha Casa da Ponte, barco centenário encalhado
no Rio Vermelho, contemporânea do Brasil Colônia [...].
Ancorada na ponte, não quiseste partir rio abaixo, agarrada às pedras.
Casa Velha da Ponte, és para o meu cântico ancestral
uma bênção madrinha do passado.

(Casa Velha da Ponte – MLC)

A explanação de Eliade (1993, p.18) pode justificar a simbologia que envolve

a Casa Velha da Ponte: “em qualquer lugar num dado momento histórico, cada grupo humano transubstanciou certo número de objetos, de animais, de plantas, de gestos em hierofanias e é muito provável que nada tenha escapado a esta transfiguração”. O que, sem dúvida, prosseguiu acompanhando a caminhada humana, em particular, a do homem religioso.

Duplamente celebrizada e eternizada pela poetisa, nessa prosa-poética¹³ ornada de rica alegoria, foi publicada primeiramente e em “Meu livro de Cordel” (1976) e depois em “Estórias da casa velha da ponte” (1985), já pelo título desta última, homenageada, enobrecida, personificadamente santa, “uma bênção madrinha do passado”, no dizer poético da autora. Casa velha que se torna membro da família, fortaleza conhecedora – e depositária – da história dos passados tempos e das estórias de Cora, nela ouvidas / vividas. Este, sim, é um espaço cuja sacralidade procedeu-se em ascensão: primeiramente por Aninha, que a amou e a imortalizou – uma co-extensão da outra e vice-versa, nas reminiscências do passado e no labor do seu presente – depois pela gente de Goiás, turistas visitantes dos dois monumentos: Casa Velha e poetisa doceira; e, por último, o ápice da glória: hoje Museu Cora Coralina que reúne toda a memória da poetisa dos Becos de Goiás.



Marlos Dias Boanerges

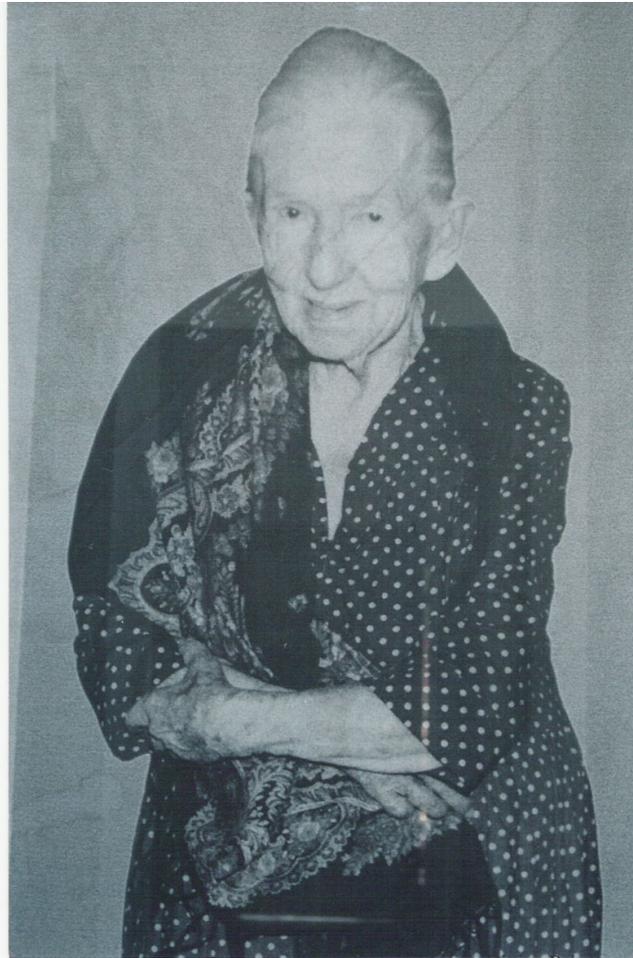
¹³ Em anexo: cópia completa da descrição / narração “Casa Velha da Ponte”.

Fg.14 Casa Velha da Ponte – Hoje, Museu “Casa de Cora Coralina”

O Museu – “Casa de Cora Coralina” – foi criado após o seu falecimento, em 27 de setembro de 1985 com o objetivo de preservar viva a memória de sua ilustre moradora: suas idéias, seu trabalho, seus sonhos e propostas. Esse velho/novo relicário da poetisa permanece sempre aberto à visita – passagem obrigatória para quem vai à cidade de Goiás.

Logo no corredor da entrada do Museu, uma visão portentosa: um voile – em movimentos leves ao sabor da corrente de ar que entra pela porta – com o retrato de Cora, tamanho normal, em dupla face: voltada para a porta, como se recebesse o visitante e voltada para dentro, como se agradecesse a visita. Na casa, encontram-se todos os móveis e utensílios domésticos diversos que pertenceram à poetisa, muitos dos quais relíquias da família. O quarto de Cora está preservado com todos os seus pertences pessoais; em cômodo próximo está o seu ambiente de trabalho, com a mesa, seus manuscritos e a velha máquina de datilografia que aprendeu a usar aos 70 anos. Ao lado, a preciosa biblioteca em cujos livros formou-se escritora. A sala das homenagens onde se destacam dezenas de prêmios: medalhas, comendas, placas, títulos, diplomas, certificados e troféus recebidos, dos quais alguns merecem destaque, como o “Troféu Juca Pato”, 1983 – União Brasileira de Escritores (única mulher a receber esse troféu); Doutor “Honoris Causa”-1983 – Universidade Federal de Goiás; Troféu Jaburu, 1981 – Personalidade Cultural – Conselho Estadual de Cultura de Goiás; Grande Prêmio da Crítica-literatura – Associação Paulista de Críticos de Arte; Troféu Cora Coralina, 1983 – Secretaria de Educação do Rio de Janeiro. Esses são apenas uma amostra dentre as 110 homenagens e premiações arroladas até o ano de 1989 no livro “Cora Coragem, Cora Poesia”, (biografia da autora). Além dessas premiações a sala expõe também

alguns trajes peculiares usados nessas ocasiões especiais. Outras homenagens têm sido feitas, mas ainda não constam da lista oficial. O museu continua procedendo a um levantamento de outros preitos e de tudo o que já se publicou sobre a autora. Destacam-se ainda painéis diversos com históricos de várias ocasiões e com fatos marcantes da vida da poetisa e alguns painéis-homenagem a pessoas simples, auxiliares de Cora; fotos de familiares e dela mesma, em diversas idades até a última fotografia tirada dois dias antes de sua morte. Além de tudo isso, projeta-se um vídeo – “Vídeo Vida” – o dia todo para os visitantes com depoimentos e declamações da própria Cora. Em algumas dependências do museu é possível ouvir a poetisa declamando seus poemas, em gravações organizadas em CDs. Sua voz vibrante amaina (ou aumenta?) a saudade deixada por ela no coração dos que a conheceram.



Fg.15 Voile – Retrato de Cora em dupla face

Lá continua o inviolável e velho documentário “barco encalhado no Rio Vermelho, ancorada na ponte, insistindo em não partir rio abaixo, agarrada às pedras” para não nos privarmos da riqueza desse nosso memorial.

E foi assim que Cora Coralina retratou e exaltou a Cidade de Goiás em cada detalhe, bem como o ambiente rural vivenciado por ela desde a infância. Sua poética reflete a sua circunstância concreta. Nada lhe escapa à sensibilidade de mulher e de poetisa. Por toda a sua contribuição na divulgação cultural de Goiás é um destaque quando se fala em regionalismo no Centro-Oeste, mas um regionalismo peculiar que traduz uma imagística singular de nossa região e ao mesmo tempo

universaliza seus escritos ao poetizar valores humano-sociais universais: o respeito ao próximo, o amor, a solidariedade, o senso de justiça, a ética e, notadamente, a religiosidade, sustentáculo de todos os valores. Assim, com convincentes poderes, repoeiza esse espaço encravado no planalto centroestino.

2.2 - Símbolo de uma época

Embora as mensagens de Cora Coralina possam ser consideradas atemporais – pois que veiculam a identidade, as raízes históricas, as tradições goianas numa renovada presentificação, como afirma Levi Strauss, (1975) quando trata da eficácia simbólica da metáfora e sua propriedade indutora – pela metáfora poética coralineana o leitor é induzido a pensar nos idos anos da primeira metade do século passado, já que por meio do recurso metafórico a poetisa reconstrói ou representa a identidade do goiano, mas, principalmente, provoca no leitor pulsões, emoções, representações, recordações. Assim, transporta-os para variadas discussões e espaços, que podem ser diferentes para cada pessoa graças ao seu léxico individual onde cada qual acumula o vocabulário de sua história pessoal, uma vez que não se pode esquecer da plurivalência da palavra conotativa, nunca a mesma para todos, tampouco do fato de que a autora, como todos nós, está condicionada pela história passada e contemporânea. Como afirma Levi Strauss, (1975, p. 235) “o mundo do simbolismo é infinitamente diverso por seu conteúdo”. Essa riqueza de significações sempre presente nos poemas de Cora, sem dúvida permite, em alguns poemas, um reportar ao passado, nostalgicamente, em saudoso rememorar, estabelecendo relações imagísticas entre o símbolo e a coisa simbolizada, ou para empregar o vocabulário dos lingüistas, entre o significante e o significado, elementos constitutivos do signo, como é possível sentir nestes versos, cuja forma eficaz dos elementos simbólicos permite ao leitor alçar inúmeros e diferentes vôos:

*Venho do século passado
e trago comigo todas as idades [...]
Pertencço a uma geração
ponte, entre a libertação
dos escravos e o trabalhador livre.
Entre a monarquia*

*caída e a república
que se instalava.*

**Todo o ranço do passado era
presente.**

*A brutalidade. A incompreensão, a ignorância.
Os castigos corporais,
Nas casas. Nas escolas. [...]*

**Sobrevivi, me recompondo aos
bocados, à dura compreensão dos
rígidos preconceitos do passado.**

(Parte Biográfica – MLC)

A gente era moça do passado.

Namorava de longe, vigiada. [...]

**A pobreza em toda volta, a luta obscura
de todas as mulheres goianas. No pilão, no tacho,
fundindo velas de sebo, no ferro de brasas de engomar. [...]
Tudo economizado, aproveitado.**

(Moinho do Tempo – VC)

Nasci antes do tempo.

Alguém me retrucou.

Você nasceria sempre

antes do seu tempo.

(Nasci Antes do Tempo – VC)

A poetisa da “Casa Velha da Ponte” não só nos reporta ao passado como também prediz o futuro e revela o seu eu poético repleto de sonhos, profundamente humanitários, ainda que aparentemente utópicos. Por esse pendor profético, Oswaldino Marques (*apud* CORALINA, 1980, p. 9) discursa: “estamos em presença não apenas de uma restauradora de crepúsculos, mas também de uma anunciadora, de uma celebradora de adventos”.

Oxalá se concretizem todas as suas profecias do futuro, as quais, à semelhança das contidas nestes versos, alimentam as almas sequiosas com esperanças universais:

*Tempo virá. Uma vacina preventiva de erros e violência se fará.
As prisões se transformarão em escolas e oficinas.
E os homens, imunizados contra o crime, cidadãos de um novo mundo.
Aqueles que acreditam caminham para a frente ...*

(Premunições de Aninha – VC)

Analogicamente a estas, muitas outras mensagens poéticas da autora ressaltam imagisticamente o recordar de um passado, a vibração de um presente e o vislumbrar profético do futuro pela sapiência e sensibilidade da alma artista, capaz de antever aquilo que escapa à mente do homem comum.

Alguns poemas coralíneos permitem ver uma analogia, entre acontecimentos por ela narrados e o mito do princípio (in princípio), do instante primordial e atemporal de que nos fala Eliade (1991). O melhor exemplo é o poema “Anhangüera... Anhangüera, que apresenta o tempo sagrado da criação do mundo, narrado em Gênesis, o qual é também o *tempo original* da criação do espaço geográfico de Goiás. Temos, então, a simbologia de dois tempos sagrados que se unem, se sobrepõem e ainda outro tempo primordial que se apresenta: o início do desbravamento das terras goianas pelos bandeirantes paulistas, - que aqui chegaram “*deflorando a terra*” – marco de uma nova era que encerra também uma mitologia histórica. Reatualizado e presentificado aflora na palavra poética de Cora Coralina esse *in illo tempore*:

Anhangüera ... Anhangüera

*... e no terceiro dia da
criação o Criador
dividiu as águas fez os
mares e rios e separou
a terra e deu ela ervas
e plantas.*

*... e quando das águas separadas
aflorou Goyaz, há milênios,
ficou ali a Serra Dourada
em teorias imprevistas
de lava endurecida,
e a equação de equilíbrio
da pedra oscilante.*

*Vieram as chuvas
e o calor acamou o limo
na camarinha das grotas.
O vento passou
trazendo na custódia das sementes
o pólen fecundante.
Nasceu a árvore.
E o Criador vendo que
era boa multiplicou a espécie
em sombra para as feras
em fronde para os ninhos
e em frutos para os homens.
Só depois de muitas eras
foi que chegaram os poetas.*

*Evém a Bandeira dos Polistas...
num tropel soturno
de muitos pés, de muitas patas.
Deflorando a terra.
Rasgando as lavras
nos socavões.*

*Esfarelando cascalho,
ensacando ouro,
encadeiam Vila Boa
nos morros vestidos
de paudarco.*

*Foi quando a perdida gente
no sertão impérvio.
Riscou o roteiro incerto
do velho Bandeirante
e Bartolomeu Bueno,
bruxo feiticeiro,
num passe de magia
histórica
tirou Goyaz de um prato
de aguardente
e ficou sendo o Anhangüera
(Anhangüera ... Anhangüera – MLC)*

2.3 - Símbolo das tradições goianas

Somos produto da sociedade, a qual determina não só o que fazemos, como também o que somos. A localização social afeta tanto a nossa conduta quanto o nosso ser, afirma Berger (1986). E mais: não sofremos com o poder exercido pela sociedade porque quase sempre desejamos o que ela espera de nós. “Queremos obedecer às regras. Queremos os papéis que a sociedade nos atribui” (p.107). Nesse sentido, a obra literária, embora de fundo ficcional, traduz a realidade de cada grupo social, seus valores, sua ideologia, via palavra do autor que, como todo ser humano, recebe desse fenômeno dialético (sociedade) a retroação contínua sobre si mesmo. É o produto interagindo com seu produtor.

Cora criticou alguns preconceitos de sua época, rompeu com certos valores e foi vanguardista de outros. No entanto, pelo que foi explicitado até aqui, é possível observar o

tradicionalismo que perpassa todos os seus poemas, seja de modo direto ou sugerido pelas imagens densas de poesia. Comporta, então, apenas reforçar com mais pertinência os traços culturais da gente goiana, perpetuados na voz vibrante da poetisa, já que toda a realidade de região se encontra retratada por riquíssima mediação simbólica que traduz vasta gama de significação da natureza sócio-cultural focalizada. Como foi visto anteriormente em Cohen (1978), os símbolos estão presentes em todos os traços culturais que constituem o estilo de vida de um grupo. Cora Coralina, nesse quesito, pode ser considerada o expoente maior dentre os autores goianos, uma das maiores expressões da identidade goiana. Goiás é o tema de seus versos: as raízes, os valores, as relações sociais, o espaço centroestino, mais especificamente o vilaboense, tudo relatado no seu rico imaginário poético por um, ora velado ora transparente, véu de alegoria. No seu dizer poético podem-se visualizar a identidade do povo goiano e a paisagem da cidade de Goiás.

Para exemplificar tudo isso, o melhor é deixar que a poetisa pinte com seus versos o retrato das tradições goianas, com uma riqueza simbólica inigualável, conforme suas próprias palavras confirmam:

*A cidade de Goiás, sendo um conjunto social tradicionalista
e fechado, não entendeu nem justificou o turista.*

*Acostumada a receber visitas, dispensar atenções e cortesias
aos que chegam, não o entende e se surpreende com esse tipo novo e suas
atitudes desatentas, longe do padrão aceito e requerido.*

(Reflexões de Aninha – A cidade e seus turistas – VC)

Canto e descanto meus vizinhos.

Contei sempre com eles e nunca me faltaram.

Beleza simbólica maior: o Dia do Vizinho.

(Coisas do reino da minha cidade – VC)

“Todo o mundo...”

Expressão pejorativa muito expressiva.

Muito goiana. Muito Brasil [...]

Costume estabelecido:

Levar buquê de flores.

Dar lembranças, dar recado.

Visitas com aviso prévio [...]

Goiás tinha seus costumes familiares.

Normas sociais interessantes

Conservadas através de gerações.

(Do Beco da Villa Rica – PBGEM)

Tinha sido o aniversário daquela senhora.

Uma sua amiga tinha lhe mandado, à moda do tempo, bandeja de doces.

Dois pratos: manjar e pudim. Duas compoteiras.

Doces em calda: figo e caju.

(Normas de Educação – VC)

Beco de minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja [...]

Conto a estória dos becos,

Dos becos de minha terra,

suspeitos...mal afamados

onde família de conceito não passava.

(Becos de Goiás – PBGEM)

*Minha bisavó – que Deus a tenha em bom lugar
inspirada no passado*

sempre tinha o que contar.

Velhas tradições. Casos de assombração.

Costumes antigos. Usanças de outros tempos [...]

(Estória do aparelho azul-pombinho – PBEGM)

Cora Coralina vai tecendo versos, contando estórias e História, dando a todos exemplos de luta, de força, de coragem, de humanidade, de trabalho, a exemplo desses versos que dão lições de labor – “*mãos afeitas ao trabalho*” - humanismo, fraternidade, fé:

*Olha para estas mãos
de mulher roceira,
esforçadas mãos cavouqueiras
Minhas mãos doces ...
Jamais ociosas.
Fecundas, imensas e ocupadas.
Mãos laboriosas.
Abertas sempre para dar,
ajudar, unir e abençoar ...*

(Estas mãos - MLC)

E, por merecimento, deve ser acrescentado: mãos que manejaram caneta para ensinar a todos, especialmente aos jovens. Aliás, a intencionalidade é um aspecto a ser destacado nos escritos da poetisa. Direta ou indiretamente ela transmite ensinamentos movida por seu pendor pedagógico. Os fragmentos a seguir exemplificam bem o seu propósito:

*Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do
Passado antes que o Tempo passe tudo a raso.
É o que procuro fazer, para a geração nova,
sempre atenta e enlevada nas estórias, lendas,
tradições, sociologia e folclore de nossa terra.
Para a gente moça, pois, escrevi este livro de
velhas estórias. Sei que serei lida e entendida.*

(Ao leitor –

PBGEM)

*Meu jovem, a vida é boa e você cantando o
cântico da mocidade pode fazê-la melhor.
E o melhor da vida é o trabalho.
No trabalho está a poesia e o ideal...*

(Recados de
Aninha-I – VC)

Esse pendore de autêntica mestra autodidata lembra “o guru” de quem fala Fredrik Barth (2000, p. 147): “a tarefa do guru no relacionamento com seu público é instruir, esclarecer e educar, de modo que seus discípulos aprendam com ele em uma relação pessoal e duradoura.” Assim semelhantemente foi / é Cora Coralina; sempre preocupada em repassar os valores, as tradições da gente goiana e, também, valores humanos universais, por meio de mensagens de grandes ensinamentos. A diferença entre o guru e Cora se encontra no modo de repassar os ensinamentos. Ela o fez e continua a fazê-lo pela via indireta, simbólica, de seus versos e contos – catarse das suas frustrações de menina, de moça sonhadora e incompreendida pelos familiares – ricos de experiência e sapiência, adquiridos nas “*quebradas da vida*” – “*Eu sou aquela mulher / a quem o tempo / muito ensinou*” Já o guru se prepara para ensinar seus discípulos estudando muito e viajando, obtendo conhecimentos em uma ampla região geográfica (2000, p. 144). Parece ser um ponto comum entre eles o fato de ambos saberem explicar, instruir, exemplificar e “incutir nas mentes do público elementos de tradições prolíficas”, conforme análise de Barth (2000, p. 145) sobre o guru de Bali. O próprio termo “Guru” significa “peso da tradição”, aquele que “contém a cultura”, por isso é um sábio mediador.

Tantos foram/são os ensinamentos que Cora Coralina transmitiu/transmite a quem com ela conviveu e leu/lê seus livros que foi chamada apropriadamente por Oswaldino Marques de “professora de existência” (*Apud* CORALINA, 1980, p. 7). Sua obra sintetiza os valores, as tradições, a própria região Centro-oeste, transubstanciando o tempo em matéria emocional e autobiografando ela mesma. Portanto, a própria “poetisa do cerrado” é síntese da cultura de Goiás representante da gente e da terra goianas, que lega às gerações sua lição de vida e todo um tesouro de beleza.

2.4 - Símbolo da religiosidade do povo de Goiás

O simbolismo está presente em todo o pensamento religioso, em todos os lugares do pensamento, afirma Eliade (1991). Sendo, então, a religião um sistema simbólico por excelência, sua força ao apoiar os valores sociais encontra-se na capacidade dos seus símbolos de formularem o mundo no qual esses valores são ingredientes fundamentais. Como há culturas diversas, diferentes valores e tradições, lógico se destaca que o complexo de símbolos vistos pelos povos como sagrados

varia muito amplamente, conforme explica Geertz (1989). Assim, uma das características próprias dos símbolos é a flexibilidade de sua estrutura. Em cada sociedade eles adquirem novas configurações e são interpretados de maneira complementar, mesmo porque a história acrescenta continuamente vários significados ao símbolo sem, no entanto, alterar ou destruir a estrutura de um símbolo imanente. As novas formas que o símbolo adquire vai assegurando sua sobrevivência, sua perenidade imagística, tornando-o sempre familiar, escreve Elíade (1991). Em se tratando da questão religiosa, é possível concordar com Geertz quando sustenta que “tal como os símbolos oníricos, os símbolos religiosos são ricamente polissêmicos” (1991, p. 135). E mais: pode-se inferir que a força e a perenidade dos símbolos sagrados se repousam, principalmente, no fato de se ligarem às situações-limites a que todos estão sujeitos em sua existência. Os sofrimentos, as vicissitudes da vida, levam as pessoas a buscarem apoio na religião, via mediação simbólica.

A arte literária registra sobremaneira o comportamento religioso do homem, sobrepondo, aos símbolos sagrados, novos símbolos lingüísticos, ricos de imagens poéticas que dão luz às mensagens divinizadas pela palavra figurada. Notadamente, a poesia que, pela própria natureza, é essencialmente imagística e cuja linguagem também interpenetra o campo do sagrado, realiza essa função com muita eficácia.

Tudo isto pode ser averiguado largamente nos versos coralineanos, pois que sua poesia tem a marca fundamental da religiosidade do povo goiano, do catolicismo reinante na cidade de Goiás e já tivemos uma boa amostra disso no item 1.3, quando foi destacada a “formação religiosa de Cora Coralina por ela mesma”, ou melhor, por sua própria palavra poética. Porém, mesmo correndo o risco de transgredir pelo repetitivo, necessário se faz ao propósito desse trabalho detalhar e exemplificar melhor este enfoque para ressaltar o porquê de Cora e sua poesia serem símbolos da religiosidade do povo de Goiás.

A cidade de Goiás denominada pertinentemente de “Santuário de Cora Coralina” por José Mendonça Teles (1991) é o cenário em que a “poetisa do cerrado” se transfigura pelo fogo sagrado do verbo e impregna seus poemas de sacralidade, de referências bíblicas, de ritos do catolicismo popular, de hierofanias da natureza cósmica. Eleva alguns à condição de oração, encerra ou permeia outros de tom oracional, personifica elementos e os diviniza, em poéticas analogias, com figuras do mundo religioso. É isso que pode ser visto por meio de sua palavra poética, a qual traduz a impressão da força vital de sua voz, jamais esquecida, ressoando um enumerar infinito de símbolos (mediações marcantes) da religiosidade

da gente goiana.

Significativo é iniciar com as igrejas, símbolo do domínio da Igreja Católica na cidade de Goiás e símbolo sintetizador dos demais rituais e dogmas do catolicismo. É imprescindível deixar que a poetisa dos Becos de Goiás nos apresente as igrejas vilaboenses e seus rituais, por meio de alguns fragmentos abaixo:

Goiás, minha cidade. [...]

Eu vivo nas tuas igrejas

e sobrados

e telhados

e paredes.

(Minha cidade – PBGEM)

Tinha uma Jaó no Rosário [...]

diziam que era do frade Zé Maria [...]

Liturgia.

Sacerdote no altar [...]

(A Jaó do Rosário – PBGEM)

De noite ... noite de quarto,

a cidade vazia se recolhe

num silêncio avaro, severo. [...]

Procissão das almas

Vai saindo da porta fechada das Igrejas.

Vem vindo pelas ruas.

(O Beco da Escola – PBGEM)

Acaba de ser rezada a missa, da Matriz de Santana; o povo deixava a igreja e tomava a direção de suas casas [...]

O sino da Igreja da Abadia ali mais perto, tocava finados. Respondia o Carmo, o Rosário, a Matriz, a Boa Morte.

(Correio Oficial de Goiás – EVCP)

No fragmento a seguir, a Virgem Maria é apresentada como símbolo de proteção de tudo, de todos (seres animados e inanimados) e de cada um em particular, numa demonstração de grande devoção, veneração e confiança em sua proteção:

*Minha Nossa Senhora das Graças
toda minha.
Das raízes e dos troncos.
Das florestas e das frondes.
Dos rios que correm para o mar...
Nossa Senhora dos maus e dos bons.
Profundamente minha
porque de todos os anônimos...
abençoi, minha Nossa Senhora...*

(Meu pequeno oratório – MLC)

Em Pão-Paz, o leitor encontra um poema perpassado por gratidão e misticismo, revelados por vários símbolos sagrados:

*O campo se tornou verde em flor, e veio junto o joio,
convivente, excrescente.
Já vigente nas parábolas do Evangelho [...]
Fazei, Senhor, com que as sobras das mesas fartas
sejam levadas em vosso nome àqueles que nada têm.
Graças, meu Deus, por essa bandeira branca de Paz
que traz a certeza do pão.
Graças pelas mil vezes que os Livros Santos
escrevem e confirmam*

a palavra generosa e suave: Pão.

(Pão-Paz – MLC)

“Segue-me”, representa a fusão da linguagem poética com a linguagem bíblica, também poética, e simboliza uma das funções da religião: dar sentido e direcionamento à vida humana, principalmente, frente aos “pontos críticos” – ou para Max Weber “problema de sentido” – de que fala O’Dea (1969) ao analisar a teoria funcional e esclarecer que o homem possui necessidades resultantes de três características fundamentais da sua existência: contingência, impotência e escassez, as quais se desdobram em variada gama de implicações. A religião teria o papel de auxílio no ajustamento desses três fatos brutos da condição humana.

Eis abaixo o fragmento do poema místico, “Segue-me” tecido pela poetisa de Vintém de Cobre em tom oracional, focalizando a referida problemática existencial:

*Eu sou o caminho, a verdade e a vida.
Segue-me. E eu te darei repouso e sombra na tua caminhada
afastarei pedras e farpas de teus pés caminheiros [...]
“Senhor, aonde irei sem vós? Tendes palavras de Vida Eterna”
Jesus eu sou aquele cego surdo e mudo.
Tropeço nos caminhos errados.
Minha fé é frágil, o mundo me domina.
sustentai a minha fé.
Senhor! Aonde irei sem vós?... (Segue-me – VC)*

Em “Moinho do Tempo”, Cora Coralina revela os valores, a doutrina da igreja, os exemplos a seguir, as virtudes a preservar, e as santas protetoras das virgens – símbolos das virtudes:

*E a gente se apegava aos santos,
tão distantes...
Rezava, Rezava, pedia prometia...
A igreja, refúgio e confessionário antigo.
O frade, velho e cansado. Frei Germano, piedoso,*

*exortando paciente e severo. “Minha filha, a virgindade
é um estado agradável aos olhos de Deus. Olha as santas virgens,
Santa Terezinha de Jesus, Santa Clara, Santa Cecília,
Santa Maria, Mãe de Jesus”. [...]*

(Moinho do Tempo – VC)

O seguinte poema-oração é símbolo da profunda fé da poetisa e de sua livre conversação com Deus, modalidade de prece místico-subjetiva, atualmente muito utilizada inclusive pelos católicos:

*Senhor, sois a luz da minha vida.
Que eu sinta a vossa presença
na água da minha sede,
e na paz da minha casa. [...]
“Quem chama por Deus
não cansa nunca”
e Ele se fará presente.*

(Oração de Aninha – VC)

No poema “A Jaó do Rosário”, já citado anteriormente, a autora une dois rituais simbólicos: a celebração da missa, passo a passo, e todo o desenvolvimento do seu ritual acompanhado do canto da ave, ambos glorificando o Senhor, o que envolve o poema de profunda mística e contemplação espiritual, conforme pode-se sentir no seguinte fragmento, início e final do poema:

*Liturgia.
Sacerdote no altar. [...]
...e começa o canto
daquela Jaó. [...]*

Salve rainha, mãe de misericórdia...”

*A Deus cantando,
glorificando
até o final
- aquela Jaó.*

(A Jaó do Rosário – PBEGM)

“Oração do Milho” é um poema-prece, símbolo de humildade, de louvor e de graças ao Criador:

*Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos e
das lavouras pobres. [...]*
*Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,
que me fizestes necessário e humilde.*
Sou o milho. (Oração do Milho – PBGEM)

O “Poema do Milho”¹⁴ é símbolo de fé, de crença no auxílio do alto, dos santos protetores:

*Jesus e São João
desceram de noite na roça,
botaram a bênção no milho.*
*E veio com eles
uma chuva maneira, criadeira, fininha,
uma chuva velhinha
de cabelos brancos,
abençoando
a infância do milho*

¹⁴ A “Oração de Milho” e o “Poema do Milho”, poemas inseparáveis, serão, à frente, melhor analisados no item que trata da hierofania dos vegetais.

(Poema do Milho – PBGEM)

Nos dois poemas-prece, “Oração do Pequeno Delinqüente” e “Oração do Presidiário”, encontra-se a divinização do humano de que fala Ferry (*apud* ROUANET, 2002, p. 2) que se caracteriza por um extravasamento em direção a transcendências horizontais, cuja “força matriz é o amor, que leva os sujeitos a ultrapassarem sua interioridade monádica para alcançarem o Outro”. Trata-se do “ágape cristão”, sentimento que nos liga a todos, tem como horizonte virtual a humanidade inteira, e profundas implicações religiosas, já que sustenta a existência de valores transcendentais a partir do amor, mas de um amor que constitui domínio do sagrado.

É possível sentir este pendor humanitário, ágape cristão, de Cora Coralina que brota de sua oração-poema nos fragmentos abaixo:

*Fazei, Senhor, presente
a razão dos que me julgam,
que enquanto os filhos de pais abastados
tinham escolas escolhidas,
alimentos, recreação, carinho e brinquedos
eu, filho de pais ignorantes e pobres,
era criança marginalizada
perdida pelas ruas [...]
às voltas com o juizado de menores.
Eu tinha fome.
Sonhava com um bife bem grande [...]
Meu Deus, acordai o coração do meus juizes.
Senhor, daí idealismo às autoridades
para que elas criem em cada bairro pobre,
uma escola conjugada profissional
e alfabetização para os meninos pobres
antes que eles se percam pelo abandono
ou por medidas inoperantes e superadas dos que tudo podem*

(Oração do pequeno delinqüente – PBGEM)

Essa mesma linha voltada para o social, de extrema caridade e compreensão cristã, de defesa dos oprimidos é apresentada no poema-prece a seguir por Cora Coralina que eleva sua voz em uníssonos com a dos presidiários, num ato de contrição, longa oração expiatória de todas as culpas, cumprindo uma das funções básicas da prece, segundo Mauss (1979). Basta um pequeno fragmento para que a poetisa revele tudo isso:

*Senhor Deus, dai-me o que preciso, melhor sabeis do que eu,
perdido e só nas malhas dos meus erros,
cego para o conhecimento da Vossa Vontade [...]
Meu Jesus, viestes ao mundo para os doentes. É a letra e o espírito do
Evangelho. Eu sou esse doente. Curai-me de minhas culpas. Dai-me o
remédio da regeneração. [...]*

(Oração do presidiário – PBGEM)

Estes são apenas alguns exemplos dentre os inúmeros símbolos de religiosidade que podem ser encontrados nos escritos coralineanos. Impossível apresentar todos porque são raros os poemas que não apresentam alguns elementos relacionados ao campo do sagrado. Todavia, a recorrência da linguagem bíblica é merecedora ainda de destaque por dar sempre um toque de misticismo a poemas que tratam do profano, como por exemplo, estes versos do poema “Mulher da vida”:

*Mulher da vida,
Minha irmã. [...]
Pisadas, espezinhas, ameaçadas.
Desprotegidas e exploradas.
Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito. [...]
A Justiça estendeu sua mão poderosa
e lançou o repto milenar:
“Aquele que estiver sem pecado
atire a primeira pedra”. [...]*

*O Justo falou então a palavra
de equidade:
“Ninguém te condenou, mulher...
nem eu te condeno.”*

(Mulher da vida – PBGEM)

No fragmento acima, Cora demonstra respeito por todas as exploradas e as chama de irmãs sem nenhum preconceito ou discriminação. É a mulher profundamente humana, compreendendo a sina das mulheres, objetos de satisfação do mundo machista.

Como esta passagem bíblica, simbolizadora da generosidade e do perdão, inúmeras outras perpassam a maioria dos poemas coralíneos, revelando a sua intimidade com o Livro Sagrado e com as mediações simbólicas do catolicismo popular, transformados em linguagem poética ao serem incrustados como pedras preciosas nos versos – jóias raras – de nossa saudosa e imortal poetisa.

Todo esse ressoar de misticismo, de religiosidade, de encantamento com o sagrado pela voz de nossa poetisa coincide com um período (meados e 2ª metade do século passado) de acirradas discussões entre partidários da secularização e do desencantamento do mundo e opositores ou adversários – para empregar uma terminologia de Pierucci (2001) – teóricos para os quais a modernidade trouxe consigo um intenso reencantamento ou, ainda, para alguns que, como Negrão (1994), afirmam que aqui no Brasil, e no Terceiro Mundo em geral, nem houve desencantamento¹⁵.

De fato, parece contraditório falar em desencantamento do mundo numa época de grande vigor da religiosidade, de intenso pluralismo religioso que, segundo Pierucci (2001), tanto pode ser resultado como fator de secularização crescente, por sinal outro paradoxo a ser analisado com maior profundidade, mas que foge ao propósito desse trabalho.

¹⁵ Secularização/desencantamento, encantamento/reencantamento constituem temática de reiteradas discussões e controvérsias. Aqui foi trazida à baila por constatar-se que nas cidades interioranas de Goiás e, notadamente, nas que preservaram as tradições religiosas do catolicismo popular, o encantamento nunca foi quebrado. Pelo contrário, permanece inabalável.

Duas perspectivas merecem destaque, pois podem explicar a religiosidade presente na poética de Cora Coralina: os estudos de Habermas (*apud* ROUANET, 2002, p.4) que “é a favor da secularização, mas de uma secularização, que preserve os conteúdos da religião” e as análises de teóricos para os quais a secularização – e todas as mudanças culturais – não se deu (ou não se dá) de igual forma no mundo ocidental. Nessa linha encontra-se Damatta (2001) que afirma ser o Brasil um país multicultural, em cujos traços mesclam espaços secularizados e sacros. Mistura que se encontra presente em todos os elementos componentes da sociedade brasileira:

Nossa sociedade é moderna e tradicional. Combinou, no seu curso histórico e social, o indivíduo e a pessoa, a família e a classe social, a religião e as formas econômicas mais modernas. Tudo isso faz surgir um sistema com espaços internos muito bem divididos e que, por isso mesmo, não permitem qualquer código hegemônico e dominante (p.120).

Geográfica e culturalmente falando, a cidade de Goiás é um dos espaços em que a tradição religiosa católica permanece até nossos dias. Desde a sua fundação, cujo marco inicial foi a Capela de Sant’Ana, os vilaboenses cultivam as tradições do catolicismo com devoções que passam de geração a geração. Os rituais diversos, as irmandades, as festas religiosas, contam com turistas de todos o Estado e mesmo de outros estados brasileiros, como por exemplo, a comemoração da Semana Santa com a procissão do fogaréu e seus farricocos¹⁶ – um dos pontos máximos da semana, já folclorizado como expressão tradicional da cidade. Esta acolhe seus filhos, netos, bisnetos que residem fora, mas continuam a participar das irmandades e lá retornam para cultuarem suas devoções, participando ativamente dos cerimoniais sacros. Outra festa bem típica do local é a do Divino. Sua imagem e

¹⁶ Farricocos são homens encapuzados e vestidos de longa túnica que saem na procissão à meia-noite da 4ª- feira Santa para prenderem Jesus.

bandeira ficam na casa do Imperador, principal festeiro, sorteado para o próximo ano no dia 08 de junho, data na qual finaliza a festa iniciada na Semana Santa. Sete bandeiras percorrem as residências da cidade até o dia do encerramento da festa com vários outros rituais.



Fig.16 - Procissão do Fogaréu: Farricocos carregam tochas na encenação da prisão de Cristo.

Fonte: O Popular 11/04/2002

Pela importância de preservar essas tradições tão caras para os vilaboenses, e para grande parte dos goianos, pode-se afirmar que o encantamento permanece e com raízes profundas que garantem a sua perpetuação.

Como explica Berger (1972), a sociedade determina tanto o que fazemos como o que somos. Portanto, Cora Coralina, fundamentalmente não reencantou o espaço goiano com a mística de sua poesia, mas, tendo recebido sua formação nesse ambiente de encantamento com o sagrado, reinterpreta toda a religiosidade da gente de sua terra natal e, com sua alma sensível de poetisa, esse encantamento ganha matizes inigualáveis. Ao ler seus poemas, o leitor emotivo eleva-se, transcende o plano material, põe-se a orar com ela, entoando um canto de louvor e graças ao criador e a toda a sua criação.

Desta forma, parece não ser extremismo fazer coro com Negrão (apud PIERUCCI, 2001, p. 50) quando inquire: “Como reencantar um mundo [ou uma

cidade] que sequer foi desencantado?” E – como no Brasil existem espaço bastantes secularizados – igualmente fazer coro também com Damatta (2001, p.119) que explica: “o Brasil é um país de cultura ambivalente, uma mescla de espaços secularizados e sacros”. Assim tem-se aí um dos traços de goianidade: a religiosidade. E os escritos da “poetisa dos Becos de Goiás” revelam isso com um rico e simbólico imaginário, por isso fizeram-se símbolo da religiosidade do povo de Goiás.

2.5 - Símbolo das letras goianas

A força da comunicabilidade, a originalidade, a riqueza de experiência humana, a sensibilidade especial e o lirismo identificado com as fontes da vida fez de Cora Coralina um símbolo das letras goianas, “a pessoa mais importante de Goiás” no dizer de Carlos Drumond de Andrade¹⁷ Ela se construiu como símbolo da região Centro Oeste pela via da palavra poética prenehe das tradições e dos valores do povo de Goiás. Símbolo que sintetiza a cultura goiana e se alarga, atingindo o universal pela sensibilidade, pelo humano que encerra seus escritos enunciadores de suas crenças e vivências, portanto de seu próprio ser e de suas relações com os outros. Sua poesia rompeu os horizontes, saindo do cerrado goiano para ganhar o cenário nacional. Tornou-se o canto do planalto central na voz da vigorosa “poetisa do cerrado”. Poesia e poetisa não se separam, fundem-se num único símbolo: patrimônio cultural de Goiás, como é possível vislumbrar nos fragmentos dos poemas que se seguem:

Eu sou aquela mulher

¹⁷ Texto publicado no Jornal do Brasil, sob o título “Cora Coralina de Goiás” .(Cad. B, 27-dez-80) e citado por Cora Coralina em Vintém de Cobre, 1983, p. 21-22.

*a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota. [...]*

(Ofertas de Aninha - VC)

*... e quando das águas separadas
aflorou Goyaz, há milênios,
ficou ali a Serra Dourada [...]
Foi quando a perdida gente
no sertão impérvio
Riscou o roteiro incerto
do velho bandeirante
e Bartolomeu Bueno,
bruxo feiticeiro
num passe de magia histórica
tirou Goyaz de um prato
de aguardente
e ficou sendo o Anhangüera*

(Anhangüera ...
Anhangüera – MLC)

*Sinto que sou abelha
no seu artesanato.
Meus versos têm cheiro dos matos,
dos bois e dos currais [...]
Amo a terra de um velho amor consagrado.*

(A gleba me
transfigura – VC)

*Nasci numa rebaixa da Serra
entre serras e morros.
Longe de todos os lugares.
Numa cidade de onde levaram
o ouro e deixaram as pedras.*

(Parte Biográfica –

MLC.)

Pelo que foi visto até aqui, faz sentido afirmar que a poesia de Cora Coralina se realiza como elo de permanência da tradição que vem dos tempos passados em busca da afirmação de uma goianidade futura. A autora é considerada por vários literatos como um registro histórico-social do século XX, bem como uma enunciativa de adventos, por suas inquietações humanas. Temos em sua obra uma representatividade ímpar das letras goianas: nosso símbolo de primeira grandeza. Por conseguinte, poesia e poetisa, também símbolos ícones representativos da religiosidade da nossa gente, quiçá um dos traços maiores de nossa goianidade. Religiosidade que, incrustada em sua poética, se inicia pelos dogmas do catolicismo, perpassa o humanitário, o místico e transcende para o além, para toda a natureza cósmica, com um olhar sacralizador para o telúrico e para tudo que se liga à terra, como será visto no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

3 - A FORÇA SIMBÓLICA DAS HIEROFANIAS DA NATUREZA NA POÉTICA CORALINEANA

Hierofania, - algo do sagrado que se revela – cerne da imanência do sagrado, é um termo proposto por Mircea Eliade (1992) que analisa essa categoria em várias de suas obras, particularmente, em “O Sagrado e o Profano”, cujas páginas ilustram e precisam a oposição que se estabelece entre essas duas realidades, descrevendo as modalidades do sagrado e a situação do homem num mundo carregado de valores religiosos.

O vocábulo hierofania indica o ato de manifestação do sagrado em que um objeto profano qualquer da natureza animada e inanimada torna-se “outra coisa” (sagrada) e continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. Por essa dialética, Eliade afirma que “toda hierofania, mesmo a mais elementar, constitui um paradoxo” (1992, p.18). Trata-se de uma coincidência paradoxal entre o sagrado e o profano, o ser e o não ser, o absoluto e o relativo, o eterno e o devir. A transfiguração de um objeto em hierofania supõe uma escolha, um nítido desprendimento do objeto hierofânico em relação ao restante meio. Restante que sempre existirá mesmo quando se trata de uma imensa hierofania, como por exemplo, o céu, a pátria. E o autor complementa (1993, p.25) dizendo que o desprendimento do objeto hierofânico faz-se, na maior parte dos casos, a respeito de si mesmo, visto que ele apenas se torna uma hierofania no momento em que deixa de ser um simples objeto profano e adquire uma nova “dimensão”: a da sacralidade.

Para aquele que um objeto se revela como sagrado, a sua realidade imediata transmuta-se em realidade sobrenatural, isto é, para quem tem uma experiência religiosa, “a natureza inteira é suscetível de se revelar enquanto sacralidade cósmica” (1992, p. 18). Aliás, o cosmos não só é o lugar ideal das hierofanias, como também, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania, transmutando-se em sagrado. Desse modo, para as sociedades tradicionais, o mundo só poderia ser cosmos se consagrado; o restante seria “outro mundo”, o caos que só se transformaria em cosmos pela instalação do homem nele. Essa ocupação é que transforma o espaço caótico, simbolicamente, em cosmos por uma espécie de reprodução da criação, uma repetição do ritual da cosmogonia ou reiteração da obra exemplar dos deuses. Por isso toda consagração de um espaço (hierofania espacial) equivale a uma cosmogonia. Tal manifestação cosmológica do sagrado leva Eliade (1992, p.59) a uma conclusão: “o mundo deixa-se perceber como mundo, como cosmos, à medida que se revela como mundo sagrado”.

O autor, assinalando a diferença existente entre os dois comportamentos do homem – o tradicional (religioso) e o das sociedades industriais (moderno e profano) – ressalta que há uma profunda nostalgia do homem religioso a qual exprime o seu “desejo de viver num cosmos puro e santo, tal como era no começo, quando saiu da mão do Criador” (1992, p. 61). Sua casa é santificada “é o universo que escolheu para si, imitando a cosmogonia” (1992, p. 54). Trata-se de uma necessidade religiosa, expressão de uma inextinguível sede ontológica. Já para o homem do mundo industrializado (não-religioso) sua casa é “máquina de habitar” e deve ser funcional. Essa histórica dessacralização da morada humana faz parte da gigantesca transformação do mundo, possibilitada pela dessacralização do Cosmos (ELIADE, 1992).

No entanto, o autor se indaga se essa secularização da natureza seria definitiva, se não há a possibilidade de o homem não-religioso reencontrar a dimensão sagrada da existência do mundo. E afirma, a seguir, que algumas imagens tradicionais e traços de conduta arcaica persistem ainda no estado de “sobrevivência” mesmo nas sociedades mais industrializadas. Os resquícios dessa herança são evidenciados em muitas páginas de suas obras.

As imagens sobreviventes da sacralidade cósmica são persistentemente manifestadas na poesia coralineana, como já foi visto e como melhor será daqui para frente. Cora santifica seu espaço e sua época: sua Casa Velha da Ponte, o Rio Vermelho, sua biquinha d’água, a terra, a água, os vegetais, as pedras, as festas, os rituais religiosos (tempo sagrado). Ardorosamente, ressalta os traços de goianidade e o seu amor pelas coisas vilaboenses: as igrejas, os becos, a paisagem, a gente, os costumes do lugar... Tudo muito amado, até muito venerado porque muito goiano, muito vivido por ela e, ainda, demonstra o quanto é atual e muitas vezes universal. Suas preocupações vêm ao encontro das mesmas preocupações ecológicas da sociedade pós-moderna: respeitar a natureza, proteger o ambiente, preservar os recursos naturais para garantir os elementos vitais do planeta terra, nossa “grande casa”. Nesse sentido, atualmente, houve-se amiúde falar em ecossistema, ecologia,

reserva ecológica; patrimônio natural ou ecológico da humanidade. “Natureza, terra, água, vida são temas da moda” (TERNES, 2000, p.06). Há movimentos de protesto dos ecologistas atuantes, “Noés da atualidade”, (REIMER, 2003, p.145) diante de qualquer ameaça ao meio ambiente, bem como um trabalho incansável para salvar as espécies (animais e vegetais) ameaçadas por ações inseqüentes ou acidentes catastróficos. Por outro lado, o Partido Verde denuncia, grita contra a ação morosa das autoridades diante da exploração destruidora do meio ambiente. As escolas entram na batalha da conscientização dos jovens, mostrando o contra-senso do imediato contra o futuro, ou seja, do lucro fácil, da ganância humana, da limpeza rápida do mato por queimadas devastadoras, de ataque às espécies ameaçadas, dos desastres da poluição... “É a batalha entre as duas religiões do “mato”¹⁸ escreve o economista Cláudio de Moura Castro, refletindo sobre as atitudes do “ignorante” em relação à natureza e a nova postura dos “convertidos à nova religião do mato” (CASTRO, 2003, p.20)

O professor Haroldo Reimer, em seu artigo “Textos sagrados e educação ambiental” (2003), reflete sobre essa necessidade pedagógica: “Hoje, educação ambiental é praticamente uma perspectiva necessária e fundamental de todo o processo educativo; fala-se inclusive de uma “pedagogia da terra” (GADOTTI, *apud* REIMER, 2003, p.137). Constitui um desafio às crises ecológicas provocadas pelo progresso no projeto da modernidade e a “pós-modernidade nos coloca diante de sérias questões de ordem pedagógica”, afirma Reimer (2003, p.136), para quem o paradigma da modernidade –“a terra é uma grandeza a ser dominada e explorada em favor dos seres humanos” – necessita ser revisto e expresso em novos termos: “a terra é a casa comum de todos os seres vivos e cada qual tem responsabilidade de seu cuidado” (p.137). Trata-se de um novo conceito que expressa novos jeitos de pensar e novas práticas. Nessa mudança de paradigma, as religiões devem dar uma grande contribuição. Pela interdisciplinariedade e complementariedade curricular, o discurso religioso sintonizado com outros campos do saber deve promover a compreensão da interdependência econômica, social, política e ecológica; deve proporcionar conhecimentos necessários à proteção do ecossistema, como também “induzir novas formas de conduta nos indivíduos e na sociedade, a respeito do meio ambiente” (FREIRE DIAS, *apud* REIMER, 2003, p.138). E, falando sobre a necessidade de educar as pessoas para a sensibilidade em relação à problemática ambiental, Reimer conclui metaforicamente com a pedagógica passagem bíblica do bom samaritano:

Bons samaritanos tornam-se todas as pessoas que educam a sua sensibilidade para esta realidade de decadência ambiental e agem como o bom samaritano, “aquele que usou de misericórdia”. A história e o

¹⁸ CASTRO, Cláudio de Moura. Ponto de vista – O mato não é treva – Revista Veja, São Paulo, ano 36, n. 27, p. 20, jul.2003.

*ensinamento de Jesus de Nazaré são um indicativo para uma nova prática:
“Vai e faze tu o mesmo” (V.37, REIMER, 2003, p. 152).*

Reportando novamente ao campo poético, pode-se constatar que, primando pela linguagem simbólica, a poesia retrata todo o universo humano, toda a natureza cósmica por meio do mais rico imaginário simbólico – pela própria natureza estrutural, multivalente – captando a realidade profunda das coisas e dos seres, das inter-relações entre os seres vivos e a natureza. Essa linguagem essencialmente simbólica, imagística situa-se muito proximamente da linguagem do campo religioso, sagrado, já, por esta característica, traduzindo uma dimensão mística à poesia e não raras vezes ao elemento poetizado.

O paradoxo dialético da hierofania, um objeto tornar-se sagrado mesmo permanecendo ele próprio, leva-nos a compreender bem a transformação do mundo pelo símbolo, inclusive pelo símbolo poético. Como já foi explicitado no capítulo II, “o simbolismo acrescenta um novo valor a um objeto ou a uma ação, sem por isso prejudicar seus valores próprios imediatos”, (ELIADE 1992, p. 178). De fato, o pensamento simbólico faz explodir a realidade imediata, sem diminuí-la ou desvalorizá-la, assim, o universo é aberto, nada se isola em sua própria existencialidade e tudo permanece junto, por meio de correspondências e assimilações, conforme nos apresenta Eliade (1992), um “mundo aberto” e rico de significados que a arte poética encarna com primazia porque o simbólico é a sua matéria-prima por excelência.

Nessa perspectiva é que focalizamos a poesia coralineana e, especificamente, as suas inúmeras hierofanias, coloridas pela linguagem poética da autora. A poetisa dos Becos de Goiás, procura as figuras de recorrência que trazem em suas simbologias o infinito movimento cíclico da vida: a terra, a água, a pedra, a árvore (vegetais) elementos que apontam a química do chão (VELLASCO, 1990). Desponta na obra de Cora uma solidariedade infinita entre o telúrico de um lado, o vegetal e o humano de outro, em conseqüência de ser a vida a mesma por toda a parte, que palpita tanto na Mãe como nas suas criaturas. “Há entre a Terra e as formas orgânicas por ela geradas um laço mágico de simpatia” (ELIADE, 1993, p.206).

Os elementos hierofânicos a seguir focalizados na poesia coralineana primam pela goianidade e, no entanto, unem-se à preocupação ecológica universal da atualidade, ecoando em uníssono um hino apologético à ecologia sagrada e alçando a poetisa à condição de pedagoga da pós-modernidade pela vibrante voz em favor do que é ambiental.

3.1- A terra: símbolo da maternidade universal

Dentre as hierofanias coralineanas algumas são bastante recorrentes, vibrantes, sensibilizadoras. Principalmente, as que se ligam ao telúrico. A terra é, para Cora Coralina, sagrada por excelência: é a Grande Mãe Universal, a origem de tudo o que está nela e sobre ela; nutridora, dadivosa, receptiva e berço final das criaturas pela lei do “eterno retorno”. Essa é a mesma imagem primordial da Terra-Mãe de que nos fala Eliade (1992, p. 117):

Encontra-se essa imagem em todas as partes do mundo, sob inúmeras formas e variantes. É a Terra Mater ou a Tellus Mater [...] que dá nascimento a todos os seres; “É a Terra que cantarei”, lê-se no hino homérico. À Terra, “mãe universal de sólidas bases, avó venerável que nutre em seu solo tudo o que existe... é a ti que pertence o dar a vida aos mortais, bem como o tomá-la de volta...

O olhar sagrado para as coisas da terra leva a poesia coralineana ao retorno à primitividade mítica, à sacralização da terra, das águas, dos cereais, dos frutos... Enfim, seu telurismo promove a fusão do ser humano com a terra, personificando seus elementos, não raras vezes a própria poetisa se transmuta em elementos da natureza, se integra à terra, num imagístico amálgama:

*A gleba me transfigura. Dentro da gleba [...] eu me identífico.
Sou árvore, sou tronco, sou raiz, sou folha,
sou graveto, sou mato, sou paiol
e sou a velha telha de barro [...]*

(A Gleba me Transfigura – VC)

Nessa simbiose entre os elementos do telúrico e a poetisa, representante de todos nós, tudo é

santificado, já que tudo na terra é origem, é essência, é vital. A sua sensibilidade vai filtrando o real e por meio da linguagem poética ela rompe o temporal e ordinário rumo a outra direção, a outra dimensão.

Redimensiona a linguagem, buscando novos sentidos, novas imagens. Como resultado as coisas da terra se igualam ao ser humano e ao divino. Aliás, a sua visão da sacralidade da terra surge como uma extensão do seu amor transcendental que abrange todos os seres humanos universalizados.

Sua visão do Cosmos nos remete novamente a Eliade (1992, p. 123) quando nos afirma que “o Cosmo é um organismo vivo e se renova periodicamente, e o seu modo de ser e a sua capacidade de se regenerar é expressa simbolicamente pela vida da árvore”.

Então, pela força da palavra poética de Cora, as coisas da terra perdem o seu sentido natural e simbolicamente assumem nova dimensão, promovendo, assim, a junção do profano e do sagrado. O mítico, o divino retornam e se presentificam nos seus versos.

Impossível não se emocionar profundamente ao perceber como Cora Coralina nos fala desta Mãe Telúrica Universal com riqueza de elementos – filhos da Terra – em alguns de seus versos dentre os inúmeros que revelam a Terra como uma hierofania indiscutível.

*Eu sou a **Terra**¹⁹, eu sou a vida.*

Do meu barro, primeiro veio o homem.

De mim veio a mulher e veio o amor.

Veio a árvore, veio a fonte,

vem o fruto e vem a flor.

¹⁹ Ao longo desse capítulo foram grifados alguns termos para destacar o elemento da natureza em análise.

*Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura do teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou espiga generosa de teu gado
e certeza tranqüila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida
Só em mim acharás descanso e Paz.*

*Eu sou a **Grande Mãe Universal**.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a **gleba**, a gestação, eu sou o amor.*

*A ti o lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.
E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranqüilo dormirás. [...]*

(O Cântico da Terra – PBGEM)

O Cântico da Terra, como podemos sentir e apreender, é um emocionante hino sacro entoado pela poetisa em estado de simbiose com a Terra, mãe universal de todos os seres animados e inanimados.

Além da sacralidade atribuída à Terra, a poetisa tece uma intertextualidade com passagens e figuras bíblicas mitológicas, como por exemplo, o mito da criação do homem pelo Criador (Gênesis, 2-7), conforme podemos ver nestes versos do poema acima: “*Do meu barro primeiro veio o homem*” [...] “*De mim vieste pela mão do Criador.*” E nos últimos versos, podemos ler a paráfrase da seguinte

passagem bíblica: “No suor do teu Rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó, e em pó te tornarás:” (Gênesis, 3-19).

Eliade (1992), discorrendo sobre a questão cosmogônica, afirma que há sempre uma reiteração da cosmogonia a cada Ano Novo. Recria-se o Mundo, regenera-se o Tempo, retualiza-se a criação. Nessa reatualização revela-se o esforço do homem para aproximar-se dos deuses, viver no Tempo da origem, e exprime, ao mesmo tempo, seu desejo de santidade e sua nostalgia ontológica. Para esse teórico “a eterna repetição dos gestos exemplares e o eterno encontro com o mesmo Tempo mítico da origem [...] a existência humana [do homem religioso] lhe parece salvar-se do nada e da morte” (1992, p. 94).

Reportando à Cora Coralina e suas hierofanias relativas ao telúrico, pode-se encontrar em alguns versos a sacralidade do trabalhador e do trabalho com a Terra e ainda na última estrofe citada a repetição cosmogônica e o “eterno retorno” ao tempo de origem de que nos fala Elíade. É o que se pode constatar em algumas estrofes do longo “Poema do Milho”, considerado a “obra-prima” da poetisa goiana:

*Cavador de Milho, que está fazendo?
Há que milênio vem você plantando.
Capanga de grãos dourados a tiracolo.
Crente da **terra**. Sacerdote da **terra**.
Pai da **terra**. Filho da **terra**.
Ascendente da **terra**.
Descendente da **terra**.
Ele mesmo, **terra**.*

*Planta com fé religiosa.
Planta sozinho, silencioso.
Cava e Planta.
Gestos pretéritos, imemoriais.
Oferta remota, patriarcal.
Liturgia milenária.
Ritual de Paz
Em qualquer parte da **Terra**
um homem estará sempre plantando,
recriando a Vida.*

Recomeçando o Mundo.

(Poema do Milho – PBGEM)

Nessa mesma linha de sacralidade, é possível colocar esse excerto em que a hierofania do elemento terra como Terra-Mater e o “eterno retorno” às origens aparecem no momento em que a poetisa se compara à terra na gestação: ela gera um filho, semente em seu ventre e a Terra gera a vida pela fecundação de nova semente lançada em seu solo, ventre universal de todas as vidas.

*[...] Sentia a pequenina semente germinando
dentro de mim. Transladava para mim
aquele mistério. Eu era a **Terra**.
Voltava às origens absolutas da vida,
e era o meu próprio **ventre** que se
abria para aquela nova **fecundidade**.*

(Assim Será Minha Vida – MLC)

Segundo Eliade (1992, p. 120), há uma solidariedade reconhecida entre a fecundidade da gleba e a da mulher o que constitui um dos traços marcantes das sociedades agrícolas: “A mulher relaciona-se, pois, misticamente com a terra; o dar à luz é uma variante, em escala humana, da fertilidade telúrica.”

Isto foi possível entrever nos versos acima e se confirma em outros belíssimos em que a autora se transfigura junto à gleba – leiva particular, pequeno torrão cultivável, parte da grande Mãe Universal – e se une a ela numa identificação simbiótica e mística. Eliade (1993, p.208) explicita nessa assimilação da mulher e do campo lavrado uma solidariedade, cuja “síntese mítico-ritual apresenta diversos elementos: identificação da mulher e da terra arável; identificação do falo e da charrua [também da enxada]; identificação do trabalho agrícola e do ato gerador”. Identificação de intuição arcaica muito difundida que perdurou ao longo dos tempos entre vários povos. O leitor pode envolver seus sentidos e suas emoções frente a alguns versos do extenso e comovente poema “A gleba me Transfigura”, que nos revelam Cora inserida na gleba, mulher terra:

Sinto que sou abelha no seu artesanato.

*Meus versos têm cheiro dos matos, dos bois e dos currais.
Eu vivo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas.
Amo a **terra** de um amor místico consagrado,
num sponsal sublimado, procriador e fecundo.
Sinto seus trabalhadores rudes e obscuros.
suas aspirações inalcançadas, apreensões e desenganos.
Plantei e colhi pelas suas mãos calosas
e tão mal remuneradas. [...]
Minha identificação profunda e amorosa
com a **terra** e com os que nela trabalham.*

*A **gleba** me transfigura. Dentro da **gleba**,
ouvindo o mugido da vacada, o mééé dos bezerros,
o roncar e fucinhar dos porcos, o cantar dos galos,
o cacarejar das poedeiras, o latir dos cães,
eu me identifico.*

*A **gleba** está dentro de mim. Eu sou a **terra** [...]
A **gleba** me transfigura, sou semente, sou pedra.
Eu sou a **terra** milenária, eu venho de milênios.
Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e fecundada
no ventre escuro da **terra**.*

(A Gleba

me Transfigura - VC)

Poder-se-iam multiplicar os exemplos das hierofanias telúricas coralíneas e da identificação da mulher (representada pela poetisa) com a gleba – segundo Eliade (1993), uma identificação histórica, milenar em que a mulher pela sua fertilidade será sempre representante da Terra-mãe. Isso não exclui o homem, que “é visto como solidário das sementes que fecundam a gleba” (1993, p. 270) , o representante legítimo dos deuses na terra, afirma Eliade. Também Cora Coralina fala dessa simbologia, a mulher como a Terra e o homem como a semente, ambos – Terra e semente; mulher e homem – criados para

propiciarem a fecundação e gestação da vida:

*“Disse à mulher: [...] Tu és a **Terra** fecunda.*

O homem porta a sementes nos seus alforjes.

(Mensagens de Aninha – VC)

Assim, mulher e terra se igualam na gestação das sementes, nutrindo e produzindo os frutos, dádivas dos deuses e dos homens fecundadores.

3.2 - As águas: símbolo sintetizador das inúmeras hierofanias

Os simbolismos aquáticos constituem um grupo de símbolos solidários, o único sistema capaz de integrar todas as revelações particulares das inúmeras hierofanias. A simbologia das águas vai do batismo (lavar o pecado) e do dilúvio (destruir o mal), à regeneração, purificação, renascimento, santificação, “As águas simbolizam a soma universal das virtualidades; elas são *fons* e *origo*, e reservatório de todas as possibilidades da criação.” (ELIADE, 1991, p. 150). O contato com a água supõe sempre uma regeneração: a dissolução é seguida de um “novo nascimento”; a imersão fertiliza e multiplica o potencial de vida. Em todas as religiões, “as águas conservam invariavelmente sua função: elas desintegram, eliminam as formas, ‘lavam os pecados’, são ao mesmo tempo purificadoras e regeneradoras”, escreve Eliade (1991, p. 152). Inclusive a Igreja explora certos valores pré-cristãos e universais do simbolismo aquático e lhe enriquece com outros significados. Ilustrando as hierofanias específicas das Águas, Eliade citando Tertuliano (1991, p. 153) coloca a representativa passagem do conjunto de funções simbólicas das águas:

[...] a água foi a primeira a ser a sede do Espírito divino, que a preferiu, então, a todos os outros elementos...foi à água, antes de todos, que ele ordenou que produzisse as criaturas vivas...foi a água, antes de todos, que produziu o que tem vida, a fim de que nossa surpresa acabe quando um dia ela der a vida no batismo. Na formação do homem em si, Deus utilizará a água para acabar sua obra...Toda água natural adquire logo, pela antiga prerrogativa com a qual ela foi honrada na sua origem, a virtude da santificação no sacramento, quando Deus é invocado para tanto. Assim que as palavras são pronunciadas, o Espírito Santo, que desceu dos céus, pára sobre as águas santificando-as por sua fecundidade: as águas, assim santificadas, impregnam-se por sua vez da virtude santificante...O que curava antes o corpo cura hoje a alma; o que procurava a saúde no tempo procura a salvação na eternidade...

Pode-se também recorrer à Mary Douglas (1976) – que tratando da questão da limpeza e da sujeira, fala sobre os símbolos ambíguos e exemplifica com os símbolos da anomalia, mostrando

como um símbolo permite, ao mesmo tempo, incorporar significados diversos para encontrar essa diversidade na simbologia aquática. A água “mata”, dissolve, elimina e ao mesmo tempo é elemento criador, faz renascer: é morte e vida. E Eliade (1993, p.153) completa: “A imersão na água implica uma dissolução e a emersão das águas repete o gesto cosmogônico da manifestação formal, a água é a matriz de todas as possibilidades de existência”. É a essência da vegetação, o princípio de toda cura, enfim o fundamento de toda a manifestação cósmica.

Como se apresenta o simbolismo das águas em Cora Coralina? Também podem ser encontradas comportando diferentes funções: dar vida, regenerar, limpar e lavar sujeira, destruir, matar (morte e renascença). No entanto, a sacralidade se destaca, quase sempre, no campo provedor de vida, exemplos que se encontram em vários poemas enriquecidos por metáforas significativas, como é possível ler nos versos a seguir:

Rio Vermelho das janelas da casa velha... [...]

Rio vidraça do céu.

Das nuvens e das estrelas.

Tira retrato da Lua. [...]

Rio das **águas** velhas.

Rio do princípio do mundo.

Rio da contagem das eras. [...]

Rio, santo milagroso.

Padroeiro que guarda e zela

a saúde da minha gente,

da minha antiga cidade largada.

Rio de lavadeiras lavando roupa.

De meninos lavando o corpo.

De potes se enchendo **d'água**.

E quem já ficou doente da **água** do **Rio**?

Quem já teve ferida braba, febre malina,

pereba, sarna ou coceira?

Rio, meu pobre Jó...

*Cumprindo sua dura sina.
Raspando sua lazeira
nos cacos dos seus monturos.*

***Rio**, Jó que se alimpa,
pela graça de Deus, Virgem Santa Maria,
nas cheias de suas enchentes
que carregam seus monturos.[...]*

*Da janela da casa velha
Todo dia, de manhã,
tomo a bênção do **Rio**:
“**Rio Vermelho**, meu avôzinho
dá sua “bença” pra mim.”*

(Rio Vermelho – PBGEM)



Marlos Dias Boanerges

Fg.17 - Rio Vermelho em período de cheia

Como foi visto, há uma série de metáforas que se sucedem, o Rio Vermelho, espelhando o céu, deixa escorrer suas águas limpadoras, curativas, saciadoras da sede e, como tal, mantenedora da vida. Passa de santo milagroso, que protege a saúde, à condição de Jó, o lazarento bíblico

que, após o sofrimento chagático, recebe a graça da cura – assim também o Rio purifica-se, alimpa-se, e volta à condição do avozinho dadivoso dando sua bênção à poetisa que também representa todos os beneficiários das águas vitalizantes do Rio, eternamente passantes. Pode-se perfeitamente justificar as mensagens contempladas no poema Rio Vermelho e na biquinha d'água do porão da casa velha da ponte, que veremos mais à frente, com esta análise de Eliade (1993, p.162) sobre cursos d'água:

*A esta multivalência religiosa da água, correspondem, na história, numerosos cultos e ritos concentrados à volta de fontes, rios e riachos. Cultos que se devem, em primeiro lugar ao valor sagrado que a água encorpora em si, como elemento cosmogônico, mas também à epifania local, manifestação da presença sagrada em certo curso de água ou em certa fonte. Estas epifanias locais são independentes da estrutura religiosa sobreposta. A água corre, é “viva”, agita-se, inspira, cura, profetiza. Em si mesmos, a fonte ou rio manifestam o poder, a vida, a perenidade; eles **são** e são **vivos**. Deste modo adquirem uma autonomia e seu culto permanece a despeito de outras epifanias e de outras revoluções religiosas.*

Outro poema, já exemplificado em outras passagens, lembra o mito bíblico da criação (Gênesis) a partir das Águas é Anhangüera...Anhangüera no qual a autora descreve a origem de Goyaz também a partir das mesmas águas, estabelecendo uma contemporaneidade entre as duas criações, quase uma junção temporal, como pode-se entrever nas duas primeiras estrofes do poema:

*“...e no terceiro dia da
criação o Criador
dividiu as **águas**, fez os
mares e os **rios** e separou
a terra e deu ela ervas e plantas.”*

*...e quando das **águas** separadas
aflorou Goyaz, há milênios,
ficou ali a Serra Dourada
em teorias imprevistas
da lava endurecida,
e a equação de equilíbrio
da pedra oscilante.*

(Anhangüera...Anhangüera – MLC)

Assim, pela simbologia coralineana, Deus criou o Mundo e criou Goyaz porque das águas separadas pela mão do Criador aflorou a cantada e encantada Serra Dourada e adjacências. Essa belíssima imagística alegórica nos remete novamente a Eliade (1993, p.153) com estas frases sintetizadoras: “Elas [as águas] foram no princípio. Elas precedem qualquer forma e suportam qualquer criação”.

Outra hierofania que se pode inferir é quanto a água das chuvas: “criadeira”, vivificante, fecundante e fertilizante. E Eliade (1993, p.157) falando sobre a chuva como elemento fecundante, menciona o mito pelo qual “no simbolismo erótico-cosmogônico, o Céu abraça e fecunda a terra por meio da chuva”. E imensamente generosa com os vegetais e com os homens, conseqüentemente tal é a sua sacralidade que a chuva desce à Terra em companhia de Jesus e São João, mediando a bênção ao milho, como se fosse a água do seu batismo, na sua infância. É possível observar tudo isso na palavra da poetisa.

*Terra molhada, terra saróia [...]
E o milho realiza o milagre genético de nascer [...]
Jesus e São João
desceram de noite na roça
botaram a bênção no milho.
E veio com eles*

uma **chuva** maneira, criadeira, fininha,
uma **chuva** velhinha,
de cabelos brancos
abençoando
a infância do milho

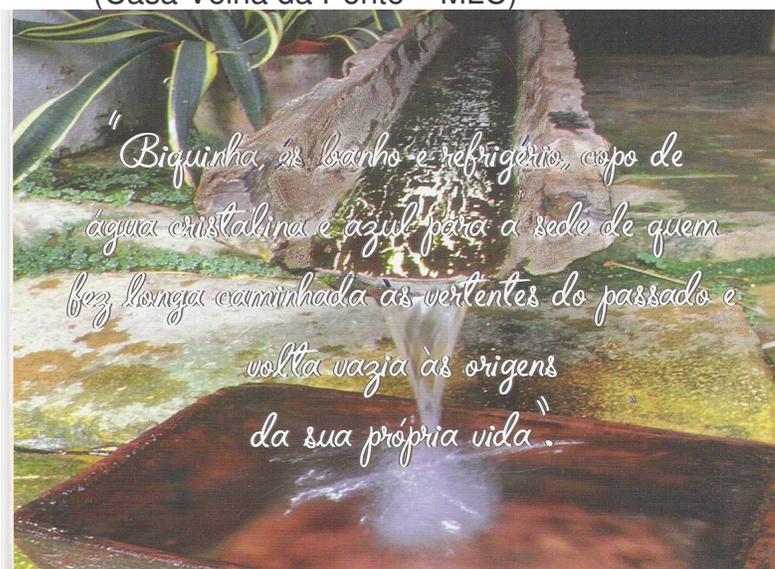
(Poema do Milho – PBGEM)

Ressalta-se também nos versos acima uma graciosa metáfora: “*uma chuva velhinha / de cabelos brancos*”, que leva o leitor, enamorado da poesia, a visualizar uma lavoura recém-germinada, coberta por fino véu de gotículas da garoa madrugadeira.

Impossível encerrar a simbologia das águas contida nos poemas coralineanos sem mencionar a lendária biquinha d’água do porão da casa velha da ponte, à qual os visitantes atribuíam qualidades mágicas, ingrediente indispensável ao sabor inigualável dos doces da nossa poetisa, também doceira. No trecho a seguir, fecho de ouro para a narrativa-poética sobre a “Casa Velha da Ponte”, a autora atribui qualidades humanas e divinas à sua biquinha d’água – que a recebe de volta à terra natal, cansada da longa caminhada existencial – personificando-a em rica prosopopéia:

*Ainda vive e pulsa aqui teu coração imortal, testemunha vigilante do passado. Humilde, pequenina e ofertante, a **biquinha d’água**, generosa, indiferente à decadência, a biquinha anciã de **águas** puras de ignota **mina**. Cantante e fria, correndo sempre menina na sua calha de aroeira. Biquinha, és banho e refrigério, **copo de água** cristalina e azul para a sede de quem fez longa caminhada às vertentes do passado e volta vazia às origens de sua própria vida.*

(Casa Velha da Ponte – MLC)



Fonte: Folder do Museu “Casa de Cora”

Fig.18 - Biquinha d’água do porão da Casa Velha da Ponte

Essa sacralizada biquinha d'água da velha casa de Cora foi construída no século XVIII pelos escravos, para servir à casa recebedora do “Quinto Real” (5ª parte do ouro extraído no local, pago como imposto destinado à Coroa Portuguesa) – mais tarde quando se esgotou o ouro da região a casa foi leiloada e posteriormente adquirida pela família de Cora. A nascente da biquinha fica no pé da serra e foi canalizada em pedra-sabão, passando por baixo das velhas construções da cidade (inclusive por baixo da Igreja do Rosário), das ruas calçadas de pedras irregulares e toscas, terminando no porão da casa onde despeja sua água cristalina e potável, na famosa biquinha de madeira. Água que lá corre na mesma proporção o ano todo, para refrigério de todos os visitantes. Verdadeiro milagre da natureza a emocionar-lhes sempre que lá voltam.

Toda a água, por um processo de participação é eficiente, fecunda, medicinal, tendo propriedades da “Água Viva – símbolo cosmogônico, receptáculo de todos os gérmenes, a água torna-se a substância mágica e medicinal por excelência; ela cura, rejuvenesce, assegura a vida eterna.” (ELIADE, 1993, p. 157). Purificadoras, regeneradoras, restauradoras, sustentáculo da vida, as águas estão presentes em quase todos os atos religiosos, precedendo ou acompanhando os rituais.

3.3 - O simbolismo sagrado dos vegetais

Todos os estudos sobre a simbologia da vegetação descrevem a existência de ritos e símbolos vegetais na história de todas as religiões, nas tradições populares do mundo inteiro, na arte popular, nas místicas arcaicas, na iconografia, nas metafísicas. Sempre a vegetação se apresenta envolta por símbolos e ritos de renovação, sacralizada pela sua regeneração periódica, manifestadora do poder

sagrado na ordem da vida. Mas nunca a vegetação ou a árvore foi adorada por si mesma, mas por aquilo que ela implicava, significava, ou através dela se revelava (ELIADE, 1993). Conforme Austin (2000) na mesoamérica (superárea cultural da América Latina habitada, antes dos espanhóis, por vários povos), por exemplo, toda a natureza vegetal era envolta em mitos que narravam explicações e justificativas para todo o elemento com que interagem os povos da região. Desse modo, os “invisíveis” (deuses, seres sobrenaturais) estavam em tudo, fazendo parte dos seres desse mundo, especialmente da vegetação, cujo sustento dela tiravam. Em destaque dessa sacralidade estava o milho, já que “a economia descansava no seu cultivo” (AUSTIN, 2000, p. 35). Universalmente, podem-se encontrar numerosos “cultos da vegetação e Eliade (1993, p. 264) explica que.

Através da vegetação, é a vida inteira, é a natureza que se regenera por múltiplos ritmos, que é “honrada”, promovida, solicitada. As forças vegetativas são uma epifania da vida cósmica, na medida em que o homem está integrado nessa natureza e crê poder utilizar essa vida para seus próprios fins, ele manipula os “sinais” vegetais ou venera-os.

Assim, o homem prestando homenagem a um vegetal (sagrado), reverencia a vida em todas as suas modalidades, a natureza no seu trabalho fecundo e infatigável.

A árvore, por exemplo, com suas raízes plantadas sobre a terra e seus galhos rumo ao céu, encarna do mesmo modo que o homem o “ser de dois mundos” e a Criação que une o alto e o baixo. É, então, o “símbolo da criação inteira, emblematiza ao mesmo tempo a estrutura ontológica do mundo e do homem”, lê-se na “Encyclopédies des Symboles”, (1996, p. 43).

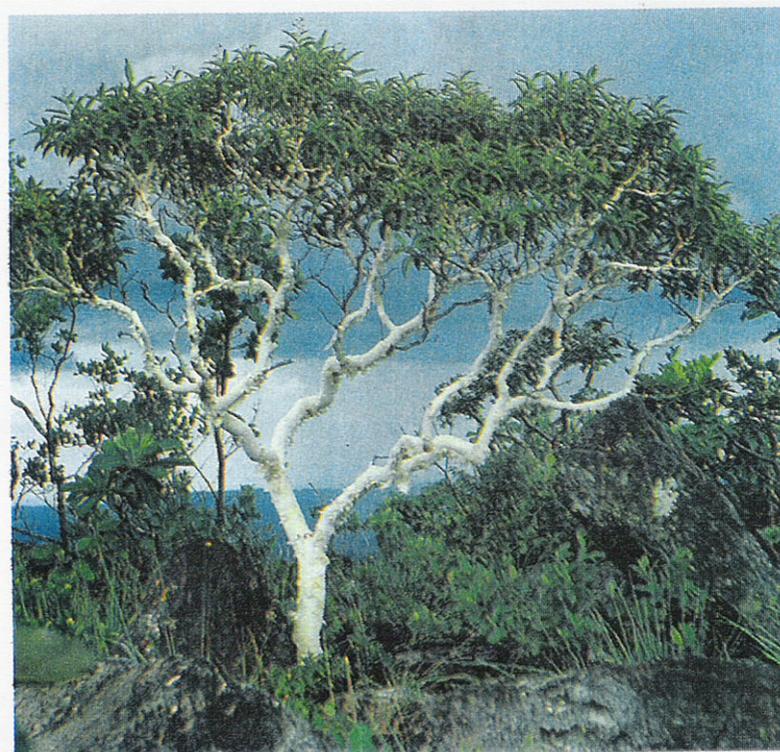
Quanto à agricultura, evidencia-se que ela revela de maneira mais dramática o mistério da regeneração

vegetal. Como o homem intervém na agricultura, a vida vegetal e o sagrado da vegetação já não lhe são exteriores: participa deles e manipula-os.

Eliade afirma que, apesar de a natureza se apresentar radicalmente dessacralizada nas sociedades modernas, para o homem religioso, ela “apresenta ainda um ‘encanto’, um ‘mistério’, uma ‘majestade’, onde se podem decifrar os traços dos antigos valores religiosos” (1992, p. 126). Nessa perspectiva, percebe-se que crentes e não crentes são sensíveis aos encantos da Natureza e às plantas. Os jardins ornamentais estão por toda a parte para essa comprovação. Na verdade, a contemplação estética da natureza conserva ainda um prestígio religioso.

Com essa conotação de sacralidade encontram-se em Cora Coralina inúmeras passagens que se referem à agricultura (plantio, colheita), ao cultivo de flores, às árvores frutíferas de sombras benfazejas e de frutos saborosos para a delícia da criança e para os tachos das famosas doceiras de Goiás, entre elas a própria poetisa.

Seu amor, veneração e simbioses com as plantas justificam-se já que a “poetisa do cerrado” nasceu e viveu em um ambiente de grande riqueza vegetal, incluído espécies nobres ou raras. Ela mesma cultivou árvores, flores e plantou lavouras.



Fg.19 - Papiro: árvore símbolo da região da Serra Dourada. Fonte: Dossiê de Goiás – 96

O “Poema do Milho” ao lado da “Oração do Milho” e o poema “A Flor” formam a tríade representativa da sua veneração aos vegetais: chegam ao devocional e assinalam uma teia imagética com alto teor de poesia: neles pode ser encontrada a magia sagrada da renovação e o “Poema do Milho” “contém a mais brilhante poetização da febre genésica do vegetal”, na concepção de Osvaldino Marques (*apud* CORA CORALINA, 1990, p. 11). Concebido pela poetisa como planta sagrada, por analogia ao trigo, o arquétipo da renovação da vida e da infinitude, a autora transmuta a sua ciência do cultivo da terra em lídima poesia e, num passe de mágica, descerra a nossos olhos, o sagrado desenvolvimento gestatório do milho. Observa-se isso em algumas estrofes desse longo poema de densa expressividade lingüística, considerado pela crítica literária como a obra-prima de nossa poetisa.

Milho...

Punhado plantando nos quintais

Talões fechados pelas roças [...]

Planta de enxada. [...]

Seis grãos na cova,

Quatro na regra, dois de quebra. [...]

*E o **milho** realiza o milagre genético de nascer.*

Germina, vence os inimigos.

Aponta aos milhares. [...]

Um canudinho enrolado

amarelo pálido, frágil dourado, se levanta.

Cria substância.

Passa a verde.

Liberta-se. Enraíza.

Abre folhas espaldeiradas.

Encorpa. Encana. Disciplina,

com os poderes de Deus.

Jesus e São João

Desceram de noite na roça,

*botaram a bênção no **milho**.*

E veio com eles

uma chuva maneira, criadeira, fininha,

uma chuva velhinha,

de cabelos brancos

abençoando

*a infância do **milho**.*

Senhor!... Como a roça cheira bem!

*Flor de **milho** travessa festiva.*

Flor feminina, esvoante, faceira.

Flor masculina – lúbrica, desgraciosa.

*Bonecas de **milho** túrgidas,*

negaceando, se mostrando vaidosas.

Túnicas, sobretúnicas...

Saias, sobre-saias...

Anáguas...camisas verdes.

Cabelos verdes...

Cabeleiras soltas, lavadas, despenteadas...

*- O **milharal** é desfile de beleza vegetal.*

Cabeleiras vermelhas, bastas, onduladas.

Cabelos prateados, verde-gaio.

Cabelos compridos, curtos,

queimados, despenteados...

champu de chuvas...

*Fragâncias novas no **milharal**.*

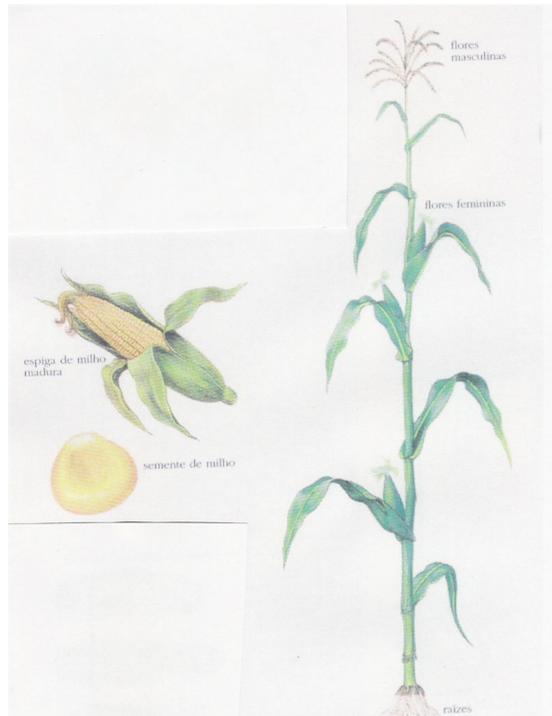
- Senhor, como a roça cheira bem!...

*Boneca de **milho**, vestida de palha...
Sete cenários defendem o grão.
Gordas, esguias, delgadas, alongadas.
Cheias, fecundadas.
Cabelos soltos excitantes.
Vestidas de palha.
Bonecas verdes, vestidas de noiva.
Afrodisíacas, nupciais...*

*Cabelos verdes, cabelos brancos.
Vermelho-amarelo-roxo, requeimado...
E o pólen dos pendões fertilizando...
Uma fragrância quente,
invade num espasmo o **milharal**.*

*A boneca fecundada vira espiga.
Amortece a grande exaltação.
Já não importam as verdes cabeleiras rebeladas.
A espiga cheia salta da haste.
O pendão fálico vira ressecado, esmorecido,
no sagrado rito da fecundação.
Tons maduros de amarelo. [...]
Montes de **milho** novo, esquecido,
Marcando claros no verde que domina a roça.
Bandeiras perdidas na fartura das colheitas.*

(Poema do Milho – PBGEM)



Fonte: Enciclopédia Mirador

Fg.20 - Milho - peculiaridades poetizadas por Cora

Esses versos são apenas uma amostra de todo o ritual do desenvolvimento desse vegetal hierofânico no poema. Da germinação à colheita, toda a metamorfose desfila aos nossos olhos, ciclos que se repetem a cada plantio: ritos de passagem e de renovação da vida vegetal.

Em duplicidade hierofânica inseparável, o “Poema do Milho” vem acompanhado da “Oração do Milho” na qual o cereal personificado assume uma humildade própria dos seres místicos, mas ciente da sua importância para a alimentação, já que é o pão dos povos e sustento dos animais destas terras desprovidas dos trigais. Aliás, a humildade do Milho vem da comparação à nobreza do trigo. Nessa relação trigo-milho pode-se inferir dupla simbologia conotativa: primeiramente, uma metáfora pela qual o milho se iguala ao trigo na importância para a alimentação; aquele sustento básico dos povos do novo mundo (ameríndios) e este sustento histórico de gerações pretéritas,

orientais e européias, que se estende aos nossos dias. E igualmente sacralizados já que ambos sustentáculos da vida. Contudo, paralelamente a essa metáfora, encontra-se uma antítese que surge do confronto entre os dois cereais: o trigo, nobre, consagrado Pão da Vida (corporal e espiritual), símbolo universal da alimentação humana, oferta misericordiosa do Grande Pai, abençoada por Jesus, que perpassa todos os Livros Santos, tanto na forma do vegetal e do cereal quando em sua forma derivada, o pão. O milho humilde, sem tradição bíblica, sem nenhuma menção na Palavra Santa, pão rústico dos pobres das Américas. Todavia se iguala ao trigo e, na sua humildade, até o supera, pois que alimento forte, substancial, força para o trabalho e mais: ração animal para aves e mamíferos. Então, igualmente sagrado, pois que, como todo alimento, dádiva divina do Criador às suas criaturas. Oremos com o Milho neste fragmento:

Senhor, nada valho.

Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.

Meu grão, perdido por acaso,

nasce e cresce na terra descuidada.

Ponho folhas e haste e se me ajudares, Senhor, [...]

dou espigas e devolvo em muitos grãos [...]

Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo

e de mim não se faz o pão alvo universal.

O Justo não me consagrou Pão da Vida [...]

Sou apenas o alimento forte e substancial

dos que trabalham a terra [...]

alimento de rústicos e animais de jugo. [...]

Quando Jesus abençoava os trigais maduros

eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.

Fui o angu pesado e constante do escravo [...]

Sou a farinha econômica do proletário

Sou a polenta do emigrante [...]
Sou apenas a fartura despreocupada dos paióis
Sou o cocho abastecido donde rumina o gado.
Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece.
Sou o cacarejar alegre das poedeiras [...]
Sou a pobreza vegetal agradecida a vós, Senhor,
que me fizestes necessário e humilde.
Sou o milho.

(Oração do Milho – PBGEM)

Na “Oração do milho”, nossa autora faz menção ao alimento básico, sustento dos primeiros habitantes das Américas: “*eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias*”. Esse verso nos remete a Austin (2000) que, nos falando sobre a sacralidade atribuída ao milho, afirma que, para os mames, este cereal forma a mão e os pés do deus Paxil e, segundo os otomis, possui uma alma que é a de uma divindade muito respeitada, por isso recolhiam qualquer grão de milho caído no caminho. Tamanho era o respeito pelo vegetal personificado e santificado que os nahuas também recolhiam o milho derramado pelo chão dizendo:

Pobre do nosso sustento! Está chorando! Se não o levantarmos, nos acusará diante de Nosso Senhor. Dir-lhe-á: “Senhor nosso, este homem não me levantou quando eu estava esparramado no chão. Castiga-o ou talvez terá fome!

(SAHAGÚN, *apud* AUSTIN, 2000, p. 47).

E Austin ainda, citando Galinier, nos descreve o mito segundo o qual, “em seu aspecto feminino, o milho aparece em forma de uma mulher de cabelos longos, ruivos e se chama “mãe do milho”, fonte da vida constantemente renovada”. (2000, p. 47). Essa narrativa mítica nos reporta ao “Poema do Milho” de Cora, em cujos versos, já apresentados anteriormente, percebe-se a representação da figura feminina, agora não somente de cabelos ruivos, mas de todas as tonalidades como que representando todas as mulheres de todas as raças. Comporta rever tudo isso:

Flor feminina, esvoaçante faceira [...]
cabeleiras soltas, lavadas, depenteadas...

cabeleiras vermelhas, bastas, onduladas.

Cabelos prateados, verde-gaio.

Cabelos roxos, lisos, encrespados.

Destrançados.

Cabelos compridos, curtos,

queimados despenteados [...]

cabelos soltos excitantes

vermelho-amarelo-roxo, requeimado...

(Poema do milho – PBGEM)



Fonte: Enciclopédia Mirador

Fig.21 - Flor feminina do milho - cabeleiras metaforizadas pela poetisa

Como pode se perceber, os versos coralineanos guardam resquícios das antigas concepções dos primeiros povos habitantes das Américas em que as forças sobrenaturais produziam a inter-relação dos seres divinos e terrenos e uma circulação dessas forças, numa troca constante de energia. No caso do milho, “a Terra devora os corpos dos homens para que o milho creça”, é crença entre os popolocas (JACKLEIN, *apud* AUSTIN, 2000, p. 50). Portanto, além da sobrenaturalidade inerente ao milho por sua importância no sustento, ele é também, uma co-extensão humana, por isso mesmo duplamente divinizado.

Para concluir essa busca da divinização milho-trigo, hierofania coralineana, duplamente inseparável, nada melhor que reportar às narrativas da autora que inebria a alma emotiva do Ser com o histórico do trigo, misto de labor e ritual sagrado:

*Era o **trigo** um grão milenário, que já os Faraós, muito antes da*

Era Cristã, cultivavam às margens do Nilo, como planta Sagrada e cuja sementeira, trato e colheita, eram precedidos de sacrifícios e rituais litúrgicos, onde a menor fração de palha ou colmo era queimada com resinas aromáticas em holocausto aos deuses que propiciavam a abundância, e as cinzas eram devolvidas às margens do Rio Sagrado depois de abençoadas pelos sacerdotes.

(Assim será minha vida – MLC)

Assim, percebe-se no trigo, a continuidade do culto coralineano à vegetação, presente em todos os seus escritos. Então, justifica-se mais uma vez ressaltar a sublimação dessa planta nobre: cereal sagrado por excelência, símbolo de alimento do corpo e da alma, sacralizado pela Bíblia que o evoca em inumeráveis momentos do Velho ao Novo Testamento, seja em forma de vegetação ou de pão. Jesus parte o pão, alimenta as multidões com a sua milagrosa multiplicação, dá graças ao Pai e pede a bênção do nosso alimento diário: “O pão nosso de cada dia nos daí hoje...” (ensina-nos Jesus a orar), até o milagre maior da Transubstanciação quando Ele próprio se torna o pão de nosso espírito na hóstia consagrada – trigo na essência material, mas Cristo na essência espiritual pelo mistério da Eucaristia. A própria Cora fala ao leitor desse ecoar bíblico:

*Nas páginas da Bíblia há referências ao **trigo-pão** desde o Gênesis, passando pelos patriarcas, pelos videntes e profetas. Está no livro de Ruth em páginas de beleza emocional. Reaparece nos Evangelhos, no milagre da multiplicação dos **pães**, nas parábolas do Semeador. Na oração do Pai Nosso. Na última ceia temos seu ponto culminante com o mistério da Eucaristia: a Transubstanciação das espécies consagradas. Reaparece nas epístolas...*

(Assim Será Minha Vida – MLC)

A poetisa de Meu Livro de Cordel apresenta juntamente a seus poemas “A Lenda do Trigo”, narrativa poética por excelência, na qual se lê a mais sublime veneração poetizada ao cereal –

hierofania universal – e a sua forma derivada. Percebe-se que a lenda é uma extensão do ato da Criação pela mão do Criador, tanto que em seqüência até o final trata-se de uma contínua enumeração de passagens bíblicas referentes ao trigo-pão, alimento doado pela generosidade do onipotente aos seus filhos (dáviva do Grande Pai às suas criaturas), o próprio pão uma partícula extensiva do Criador, já que mantenedor, sustentáculo da vida. Comovente é essa rara “beleza emocional”, na palavra poética de Cora: “*estrelinhas douradas*” tiradas de uma galáxia e lançada na terra do Edem pela destra poderosa do Senhor, preocupado e zeloso com os seres que acabara de criar. Eis aí as sementes poetizadas de Cora que dão origem ao trigo, como pode-se ler nesta lenda, mescla de figuras e mensagens bíblicas com figuras lingüísticas que traduzem uma simbologia ímpar e a transmuta semanticamente para o oracional:

A LENDA DO TRIGO

“E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden da banda do Oriente, fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista e boa de se comer”.

Não contente, ainda, queria uma planta que vencesse os milênios e servisse ao homem enquanto houvesse na Terra fôlego de vida e geração de gerações.

Uma planta que fosse bela, simbólica, que fosse útil ao homem e aos animais, que fosse rústica e ao mesmo tempo agradável aos olhos e cheia de nobreza.

O Criador levantou o olhar. Estendeu sua destra poderosa e tomou de uma galáxia recém-criada que passava, procurando seu lugar no espaço, um punhado de estrelinhas douradas que lançou na terra do Éden da banda do Oriente. Das sementes da galáxia nasceu o trigo e o Criador, vendo que era bom, abençoou essa planta em, bênção redobrada, e dela comeram nossos primeiros pais.

Quando Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, a terra era bruta e sem nenhuma produção de alimento. Cansados de procurar e famintos, voltaram à entrada do Éden guardada por dois anjos. Pediram com humildade que os guardiões lhes dessem algumas espigas da planta mais bela e abundante que sobrava ali dentro. Um anjo, penalizado daquela pobreza e abandono, arrancou grandes feixes de espigas maduras que entregou a eles. Dessa dáviva misericordiosa comeram e plantaram, e quanto mais plantavam, mais a semente rendia e eles eram alimentados e fartos.

*O Paraíso Terreal desapareceu através de milênios, mas aquele **trigo** dado*

pela caridade de um anjo produziu como a boa semente e se espalhou pelo mundo inteiro.

“No suor do teu rosto comerás o teu **pão** até que te tornes à terra; porque dela fostes tomado; porquanto és pó, e em pó te tornarás”. Cumpriu-se assim a condenação do Gênesis, e fez-se a primeira referência bíblica ao **pão**.

No Deuteronômio oito vezes se escreve a palavra **pão**. No Evangelho de São João, dezenove vezes. Abraão ofereceu **pão** aos três anjos que predisseram o nascimento de Isaac já na velhice de Sara. Os filhos de Jacob foram buscar no Egito o **trigo** dos faraós.

A escrava Hagar recebeu **pão** das mãos do anjo do Senhor, quando andava errante no deserto de Barseba.

Melquizedeque rei de Salem, trouxe **pão** e vinho a Abraão.

Na prosperidade, Job comia **pão** com seus amigos e parentes. Nas lamentações: aos sírios e aos egípcios pedirão esmolas do **pão**.

Os irmãos de José comiam **pão** quando o vendiam aos Ismaelitas, que o venderam a Putifar, da guarda do Faraó.

Está nos Provérbios: “Não comas o **pão** do Maligno porque ele forçará teu ventre e obrigará teus braços a pagamento dobrado”.

Na prisão, José revelou o sonho daquele prisioneiro que levava na cabeça um cesto de **pão**, que os corvos assaltavam.

Vai por aí até o Livro de Ruth, em páginas de beleza emocional, quando ela, aconselhada a voltar aos seus, responde tranqüila e segura à sua velha sogra: - “Onde quer que fores eu irei contigo. O teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus”.

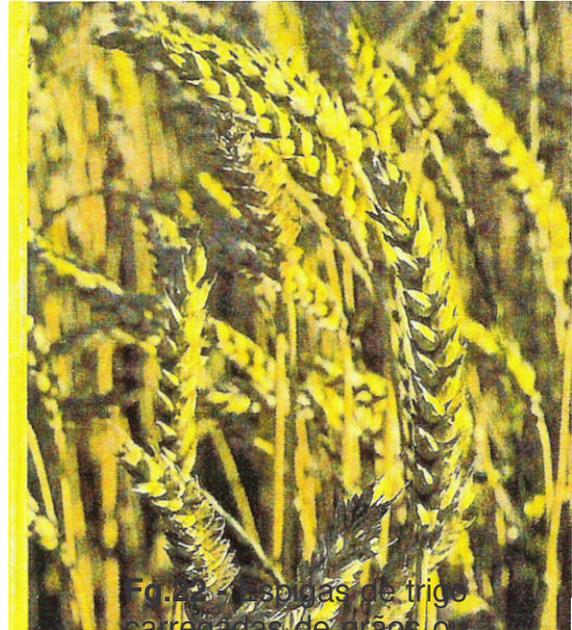
Noemi ouviu que o Senhor tinha visitado o seu povo, dando-lhe **pão**, e ela voltava a ele: - “Cheia parti, porém vazia o Senhor me fez, tornar. Chamai-me Mara, porque grande amargura me tem dado o “Todo-Poderoso”.

Assim ela voltou da terra de Moab e com ela sua nora Ruth, a moabita, e chegaram a Belém de Judá no tempo da sega do trigo Respigando as espigas caídas e largadas nas searas de Booz, Ruth encontrou seu Remidor e teve um filho de nome Obed, que gerou Jesse, pai de Davi, e por essa linha de gerações chegou ao Cristo.

Está nos evangelhos No milagre da **multiplicação dos pães** nas parábolas do semeador, na oração do Pai-Nosso. Na Última Ceia tem seu ponto culminante com o mistério da Eucaristia, a Transubstanciação das Espécies Consagradas. **Pão de Vida**, diz a igreja na sua eterna sabedoria. Reaparece nas Epístolas.

“Havia um **partir de pão** em casa de Onesífero quando Paulo ali entrou com seus amigos”.

(A Lenda do
Trigo – MLC)



Fonte: Enciclopédia Mirador
Fig. 23 - Espigas de trigo carregadas de grãos ou “estrelinhas douradas”

Assim, como em Cora Coralina, o trigo é sempre entre os cereais o detentor da maior hierofania que tem atravessado os milênios, principalmente, na forma do pão da Eucaristia, mistério perpetuado pelo catolicismo, e ainda como símbolo universal da alimentação. Em todas as civilizações ele tem sido conhecido como um símbolo do ciclo místico da morte e da ressurreição por analogia primeira com o grão que se enfia na terra e parece dormir durante o inverno e que se desperta triunfante na primavera renovada, como nos informa a *Encyclopédies des Symboles* (1996, p. 83-4). A simbólica parábola do Evangelho de São João (12, 24-25) traduz esse ciclo da morte e da ressurreição: “Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, ele permanece só; mas se morrer, dá bons frutos. Quem ama sua vida perdê-la-á, e quem neste mundo aborrece a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna”.

Assim é o trigo, digno de um altar. E por falar em altar...

O sacerdote benze o vinho.

*Parte a hóstia sobre o cálice
que se eleva no mistério da
transubstanciação.*

Agora

*Não mais **trigo**.*

*Não mais **vide**.*

***Pão de vida**.*

***Corpo e Sangue de Cristo**.*

Deus vivo sobre o altar.

(A Jaó do Rosário – PBGEM)

E para encerrar essa busca da sacralidade do trigo, irmão primogênito do milho em termos de sacralidade, e de nutridor da vida, permite-se um coro com a poetisa: “*Eis tudo! Inútil acrescentar mais nada*”. (1997, p. 25).

Quanto à flor, símbolo da beleza vegetal, ornamento de inúmeros rituais, alimento da alma emotiva sequiosa de estética e remédio para a mente e para o corpo pelas substâncias psicoterápicas, também é contemplada por Cora Coralina no seu desenvolvimento vegetal e no seu sublime desabrochar. O poema, sutilmente, trilha um caminho místico, numa sacralidade crescente até à santidade: hierofania já no início em que se dirige rumo ao céu e que se completa no final, quando adentra o Livro Sagrado, direcionando a várias passagens, em que representa o que é agradável a Deus, e ainda evoca simbolicamente a doçura de São José com seu ramo de lírio nas mãos, junto aos braços o menino Jesus, como descrevem os fragmentos abaixo:

Na haste,

hierática e vertical

pompeia

Sobe para a luz e para o alto

***a flor...** [...]*

E eu meu Deus, extasiada

*Vendo, sentindo e acompanhando,
frememente, aquela inesperada gestação.
Um bulbo, tubérculo, célula
levada na hora certa
à maternidade da terra.*

A Flor...

*Ainda não.
Espátula, botão
hígido, encerrado, hermético
inviolado no seu mistério [...]
Promessa, encantamento [...]
Espadins verdes
Montando guarda*

Para a Flor...

*Chamei a tantos... [...]
Ninguém, sentiu comigo
o mistério daquela liturgia floral.
Encerrada na custódia do botão,
ela se enfeita para os esponsais do sol.
Ela se penteia, se veste nupcial
para o esplendor de sua efêmera
vida vegetal.*

Afinal a Flor...

*Do conúbio místico da terra e do sol
– A eclosão. Quatro lírios
semi-abertos,
apontando os pontos cardeias
no ápice da haste.
Vara florida de castidade santa.
Cetro heráldico. Emblema litúrgico
de algum príncipe profeta bíblico
egresso das páginas sagradas
do “Livro dos Reis” ou do “Habacuco”...
E foi assim que vi **a flor**.*



Fonte: Enciclopédia Mirador

Fg.23 - Rosas - flores preferidas de Cora floricultora

Assim são as flores, graciosas e misteriosas, mensageiras da primavera, companheira do homem desde o nascimento até à morte: bouquet da alegria das festas, dos rituais profanos e sagrados, dos ornamentos femininos, das igrejas dos altares, dos funerais, dos túmulos... Símbolo da sexualidade e da fecundidade em algumas culturas – Xochiquetzal, deusa asteca da Sexualidade e da Fecundidade portava nos cabelos uma coroa de flores e na mão um bouquet (Encyclopédies des Symboles, 1996, p. 265).

Na simbologia cristã, o cálice da flor direcionado para o alto evoca a recepção do dom de deus, a alegria infantil experimentada diante da natureza ou paraíso, mas também a característica efêmera de toda beleza, pois esta só pode durar nos jardins do céu (1996, p.264). Esses são pequenos exemplos da simbologia e sacralidade das flores dentre os infinitos exemplos que perpassam as diversas culturas.

E Cora Coralina transfigura, ressignifica as flores vendo-as místicas, divinizadas; a concretização de um milagre: desabrocham, eclodem, crescem e irradiam beleza. Arrebata-nos a poetisa com seus versos. Só poderia ver, apreender e expressar poetizando com tamanha riqueza de detalhes a alma poeta que olha com olhar transcendental os encantos da natureza, alma de quem foi também floricultora como Aninha que desde criança tinha “mão boa para as plantas” e cuidava dos vasos, das roseiras, das plantas ornamentais com todo o desvelo, mais tarde torna-se dona de

viveiro e floricultura (TAHAN, 1996): “Removi pedras, quebrei as arestas da vida, e plantei roseiras”, versejou Aninha (1987, p. 85).

3.4 - A recorrência das pedras e sua flexibilidade simbólica

Ao tratar da forma e função das estruturas simbólicas, Cohen (1978, p.48) afirma que:

Pertence à essência do processo simbólico a capacidade de ocupar uma multiplicidade de funções com economia de formas simbólicas. Se um símbolo possuir muitos significados, ele será mais ambíguo e flexível, evocará sentimentos mais intensos, será mais potente e poderá preencher um maior número de funções.

Nessa perspectiva é que, reconhecida por sua perenidade, a pedra, em numerosas civilizações, é o símbolo do poder divino e de numerosos outros símbolos, tais como poder, firmeza, dureza, resistência, inércia, indestrutibilidade, permanência, imutabilidade, invulnerabilidade ao devir: “Antes de mais nada, a pedra é” (ELIADE, 1993, p. 175).

A devoção à pedra por parte do primitivo refere-se a alguma coisa que a pedra incorpora e exprime. Em muitas mitologias os seres sobrenaturais e humanos nascem das pedras. Os templos sagrados, os altares (casa de Deus) eram construídos a partir de blocos de pedra. Numerosas lendas focalizam as pedras em todas as regiões do planeta. Como forma simbólica de variada significação, a pedra e a rocha aparecem também na Bíblia Sagrada²⁰, por exemplo, nas parábolas de Jesus Cristo, nos Salmos, nas epístolas, nos Evangelhos: “Aquele que dentre nós está sem pecado, atire a primeira pedra” (João, 8-7); “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja (Mateus, 16-18); “Sê para mim um rochedo firme e forte” (Salmo 31 (30) – 2); “Quem ouve as minhas palavras e as põe em prática, é como um homem prudente, que construiu sua casa sobre a rocha”. (Mateus, 7-24); “Qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra?” (Mateus 7-9); “Um semeador saiu a semear (...) outra caiu sobre a pedra, e, nascida, secou-se, pois que não tinha umidade;” (Lucas, 8-6). E por aí vai, conferindo à palavra pedra (rocha) o caráter de solidez, perenidade, peso, ato de condenar, maldade, aridez, frieza, indiferença, nudez, vida árdua, um infinito plurissignificativo, chegando a uma das mais belas palavras do Livro Sagrado: “A pedra (bruta) que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular” (Salmo 118-22), cuja passagem evolutiva representa, em uma das possíveis leituras, o progresso do espírito, da alma, a transformação divina da matéria informal em símbolo de conhecimento e de iluminação. Pela riqueza dessa simbologia, que remonta a cultura arcaica, ela é retomada em inúmeras passagens bíblicas.

Sabe-se que os conceitos são nomes que não dispensam a subjetividade, isto é, na relação

²⁰ A Chave Bíblica (Vozes, 1997) arrola cerca de 74 passagens bíblicas mencionando o símbolo pedra.

significante/significado, não há nenhum vínculo atrelando-os. Na verdade, os conceitos são postulados da razão, eles não se objetivam. São sempre subjetivos, ideais para sugerir, mais que representar. As palavras não se objetivam nos objetos, mas realizam uma representação deles, confirma Neiva (1986). Assim também as pedras sagradas são representações e “são veneradas na medida em que não são apenas simples pedras, mas hierofanias, isto é, algo que ultrapassa a sua condição normal de objetos” (ELIADE, 1993, p.19).

Na poesia ou na mitologia, os símbolos ambíguos são usados com o fim de “enriquecer o significado ou para chamar a atenção a outros níveis de existência, afirma Douglas (1976, p. 55). Desse modo é que percebemos na poesia de Cora Coralina a recorrência do símbolo pedra²¹: uma mesma forma para várias funções ou significações. Parece haver uma verdadeira fixação pela palavra pedra. Tema constante, ela aparece, quase sempre, em todos os poemas e contos, ora na imagem do mineral abundante em sua cidade-natal, na frente da sua janela, às margens do Rio Vermelho, ora, simbolicamente, em variada gama de imagens subjetivas utilizadas pela autora, como será visto a seguir nos versos que vão revelar a grande flexibilidade desse símbolo ambíguo por excelência, veiculador de grande riqueza de significados. Sendo a pedra um arquétipo que exprime principalmente, resistência, é também este sentido de solidez a principal significação nos escritos de nossa poetisa, ao lado de outros também bastantes significativos das várias funções de suas pedras.

A poetisa revela tudo isso ao leitor, permitindo que ele acompanhe o poetizar da autora com a sua leitura pessoal (algumas dentre as possíveis), identificando o sentido ou função de suas pedras nos fragmentos de alguns poemas seguintes nos quais, ecoando a voz das pedras, expõe a condensação de sua vida sem ternura, árdua, difícil.

Abaixo, podem ser vistos dois símbolos para a palavra pedra: o mineral abundante na região e sem valor de mercado e a representação da pobreza deixada no lugar, depois de levarem a riqueza (ouro):

Nasci numa rebaixada da serra

²¹ Tamanha é a recorrência do símbolo pedras que Cora Coralina chega a engrandecê-las nomeando-as nos títulos de alguns de seus poemas: “Das Pedras” – MLC – “O chamado das pedras” – MLC – e “Pedras” – VBG.

entre serras e morros.
“Longe de todos os lugares”.
Numa cidade de onde levaram
o ouro e deixaram as **pedras**.

(Parte Biográfica – MLC)

A seguir as pedras simbolizam a simplicidade, as dificuldades, a rudeza, a revelação de lutas da vida, a própria resistência da poetisa e o seu poe­tar despre­ten­cioso, poesia da simplicidade”, que a­floram em versos livres, narrando marcas existenciais, sem rima e sem métrica formal:

De **pedra** foi o meu berço.
De **pedra** tem sido o meu caminho.
Meus versos: **pedras** quebradas no rolar e bater de tantas **pedras**.

(Mãe Didi – MLC)

Análogos ao sentido do fragmento acima são os versos seguintes nos quais é possível entrever sofrimentos, lutas contínuas na vida (dificuldades econômicas e de saúde familiar, principalmente) fortalecimento ao ir vencendo as batalhas e ainda inspiração para poetizar sua existência de lutas e versificar no meio delas, construindo poemas, sem nenhum soberbo rebuscamento, de uma beleza despojada como as pedras, eis o que se pode ler:

Ajuntei todas as **pedras**
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta [...]
Uma estrada / um leito / uma casa / um companheiro.
Tudo de **pedra**.

Entre **pedras** / cresceu a minha poesia.
Minha vida ... / Quebrando **pedras**

*e plantando flores.
Entre **pedras** que me esmagavam
Levantei a **pedra** rude
dos meus versos.*

(Das **Pedras** - MLC)

O símbolo “pedras” já veicula historicamente o sentido de elemento sagrado, quando é apresentado como meio de purgação, purificação dos pecados e, por extensão, elemento de santificação e renascimento para uma nova vida, portanto permite e acompanha um “rito de passagem”. Pode ser constatado este rito nos versos acima em que a autora passa de uma vida rude, cheia de obstáculos, a sucessivas vitórias até chegar à maior delas: a criação artística de seus versos, fortes, reveladores e firmes porque eternizados pela poetisa – como as escarpas rochosas da Serra Dourada – para sempre em nossa literatura.

Igualmente, nos próximos versos de referência bíblica²², as pedras recebem inicialmente a conotação simbólica de condenação e depois de absolvição de perdão, portanto a passagem de uma vida de pecado para uma vida purificada, santa, pelo ato de profunda misericórdia do emissário da mensagem, Jesus (por si só já santificador), representante legítimo da incontestável Justiça Divina:

*Aflita, ouvindo o tropel
dos perseguidores e o sibilo das **pedras**,
ela encontrou-se com a Justiça.
A Justiça estendeu sua destra poderosa
e lançou o repto milenar:
“Aquele que estiver sem pecado
atire a primeira **pedra**”.
As **pedras** caíram...*

(Mulher da vida – PBGEM)

Na estrofe abaixo, o símbolo pedras pode significar julgamento negativo, conotando e assimilando uma instância de agressividade e dificuldade que assinala a poetisa, e, no final, uma prosopopéia que revela o apego as suas raízes; a voz do coração a chamá-la de volta à terra natal.

*A estrada está deserta
Vou caminhando sozinha [...]
Ninguém me entende a mão.
E as mãos atiram **pedras**. [...]
Sozinha...
Na estrada deserta, [...]*

²² O símbolo bíblico “pedras” é constantemente explorado por Cora em seus versos, ora numa simples retomada poética, ressignificadamente ou ainda em metáforas expressivas.

Do perdido tempo.

*Escuto a voz das **pedras**:*

Volta ... Volta ... Volta ...

(O chamado das **pedras** – MLC)

As pedras abaixo sugerem mineral rochoso ribeirinho, familiaridade desde a infância e desejo de a ter em sua futura lápide: berço sagrado e “eterno retorno” à Terra – Mãe, colo materno a nos acolher na passagem da vida terrena, material para a vida transcendental, espiritual. Berço de caráter monumental e perene:

Meu Rio Vermelho debaixo da janela, janelas da vida [...]

*Minha **pedra** morena. Minha **pedra** mãe.*

*Quem assentará **você** sobre o meu túmulo*

no meu retorno à origem de todas as origens?

(Meu melhor Livro de Leitura – VC)



Marlos Dias Boanerges

Fig.24 Pedras às margens do Rio Vermelho

Saudade, lembranças das coisas boas, dos momentos felizes vividos na infância e na juventude, ligação às raízes, é o que se pode ler a seguir.

Que procura você, Aninha?

Que força a fez despedaçar correntes de afetos

*e trazê-la de volta às **pedras** lapidadares do passado?*

(Meu Vintém Perdido – VC)

Neste outro fragmento, visualiza-se uma seqüência de significados: difamação, condenação, novamente o apontar da agressividade e incompreensão vividas, mas também refrigério, compensação, fortalecimento dificuldades vencidas ambiente de simplicidade e inspiração poética.

*Um dia, houve.
Eu era jovem, cheia de sonhos.
E eu parti em busca do meu destino.
Ninguém me ajudou e todos me jogaram **pedras** [...]
E me nasceram filhos. [...]
E foram eles a **rocha** onde me amparei [...]
Refúgio do meu nada.
Removi **pedras**, quebrei as arestas da vida e plantei roseiras [...]
Fiz um nome bonito de doceira, glória maior.
E nas **pedras** rudes do meu berço
gravei poemas.*

(Semente e Fruto – VC)

Nos versos seguintes, a lápide, a renúncia, o fanal, iluminação e fortalecimento, a firmeza e a solidez da meditação espiritual e do pensamento inspirado pelo Grande Pai:

*Só uma **pedra** no meu túmulo.
Pedra de renúncia aos bens da vida.
Pedra luz de meus votos [...]
Graça maior concedida
à pequenina irmã
que só pedia a Jesus
ser a **rocha** de amparo à sua fé.*

(Irmã Bruna – VC)

Observando os significados conferidos à palavra **pedra** pela poetisa dos Becos de Goiás, infere-se que ela realiza representações diferentes quando se refere esporadicamente à variante **rocha**. Enquanto pedra está mais para os elementos simbólicos móveis, que encerram conotações

pertinentes ao campo das metáforas dinâmicas (ainda que refletindo dureza, solidez); rocha situa-se metaforicamente no espaço simbólico das coisas imóveis, firmes, estáveis e estáticas. Como foi possível entrever nos dois últimos fragmentos acima: “*E me nasceram os filhos / E foram eles a rocha onde me amparei*” e “*...só pedia a Jesus / ser a rocha de amparo à sua fé*”. O verbo amparar presente nestes dois exemplos já nos remete ao sentido de estabilidade: só podemos nos amparar em algo que seja firme, sólido; caso contrário, esmoreceremos ou sucumbiremos ao caos.

Essas são apenas algumas das várias pedras da poetisa que construiu seus versos entre e sobre as pedras de sua existência, e as simbologias atribuídas acima são apenas algumas dentre as possíveis, dado o caráter subjetivo dos versos e sua plurissignificação.

A primeira vista pode parecer que o símbolo **pedra** não comporta na poesia de Cora Coralina um caráter essencialmente sagrado, mas, olhando com mais acuidade e levando em conta o conjunto das mensagens de cada poema (conforme visto nos fragmentos apresentados) deduz-se o contrário: as pedras de nossa poetisa constituem significativas hierofanias. A autora exalta, sublima, as pedras – sofrimentos, dificuldades, lutas - que a dotaram de força para a caminhada; as outras pedras – agressividade, malidiciências, difamação, obstáculos – são transpostas para o campo do Carma, da purificação do pecado, purgação dos erros, absolvição; pedra, como luz, traduz iluminação, espiritualidade, alma repleta do Espírito Santo. É a pedra filosfal, a aspiração à luz, inclusive para construir seus versos a partir de um amontoado de pedras que vieram sobre ela em sua trajetória de vida, como foi visto nos versos acima. Berço de pedras evoca um sentimento de orgulho, de engrandecimento do passado humilde, alicerce de todas as vitórias da vida e a pedra última, sua lápide, monumento para o eterno descanso, traduz-se em respeito, inviolação, reverência ao retorno às “origens de todas as origens: à Terra-Mater. Portanto, as pedras são transpostas pela nossa poetisa ao campo do sagrado. Impossível lê-las com olhos voltados ao profano. Isso seria, sim, uma profanação desse sólido símbolo da poetisa de Vintém de Cobre. Constata-se, então, que o símbolo pedra, apesar das transformações de sentido ao longo da história, guarda ainda os traços da sacralidade atribuídos em suas origens: símbolo do poder divino.

Finalizando a análise dessas quatro grandes categorias hierofânicas de Cora Coralina, comporta apreciar também o emocionante poema – síntese das suas hierofanias da natureza – com o qual a poetisa ainda presenteia o seu público leitor em sua obra póstuma, Vila Boa de Goiás (2002), sob o sugestivo título Pedras:

Pedras

*Os versos cantam para meus ouvidos
a música dos **vegetais**
que se movem ao vento.*

Debaixo de minha janela

*se estende a **Terra-Mãe**.*

*As **pedras** imóveis me enviam
uma bênção ancestral.*

*Que mãos calejadas
e imensas mãos sofridas de escravos
as teriam posto ali
para sempre?*

(Pedras – VBG)

No poema acima, destacam-se as hierofanias Terra, pedras, vegetais e água por extensão da terra e das pedras já que a poetisa só poderia divisar tais elementos de suas janelas (da Casa Velha da Ponte ou da janela da vida) incluindo o Rio Vermelho. Da Casa de Cora de qualquer ângulo (frente ou lateral) que se olha para o ambiente externo, a primeira visão é a do Rio que banha o centenário alicerce de pedras de sua velha casa. Por outra, a visão de sua janela da vida jamais excluiria um desses elementos. Cora cresceu e viveu entre árvores de seu pomar e das fazendas da redondeza: Terra-Mãe, gestando abundantemente a vida. O Rio

Vermelho fazia parte de seu cotidiano e a biquinha d'água lhe ofertava a água fresquinha bebida poeticamente na concha de suas próprias mãos. E as pedras? As pedras forravam/forram o leito, as margens do rio, as ruas (calçamento), os alicerces de todas as casas da época, os morros e serras circundantes da cidade. E sua vida foi uma caminhada entre pedras, obstáculos os quais ela teve que vencer para realizar seus sonhos de mulher e de poetisa.



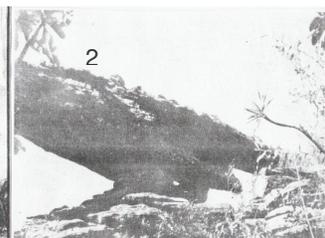
Fig.25 Rio Vermelho em época de seca: pedras à mostra e paisagem ribeirinha.



Fig.26 Casa de Cora (dois ângulos para a visão da mesma paisagem) e busto da autora.

Além disso, é pertinente ressaltar também no poema “Pedra” o seu olhar humanitário para os trabalhadores escravos; um misticismo que retoma e presentifica suas raízes ancestrais; assim como seu amor aos versos que para ela sonorizam a música da natureza viva.

Ao encerrar a interpretação da reiterada sacralidade das pedras da poetisa, resta salientar o seu encantamento com um milagre revelado pela natureza: a “Pedra Oscilante” ou Pedra Goiana, eternizada por ela no poema Anhangüera...: “...e quando aflorou Goyas, há milênios/ ficou ali a Serra



Dourada/ em teorias imprevista/ de lava endurecida/ e a equação de equilíbrio da Pedra Oscilante". Esse maior cartão postal da região rolou serra abaixo pelas mãos profanadoras e criminosas de vândalos, em 1965. Resta agora, apenas, uma pedra similar, bem menor, nas proximidades.

Fg.27 -1- Pedra Oscilante =
Pedra Goiana.
-2 – Pedra Similar à
Pedra Goiana.

Hélio de Brito
Muitos outros símbolos referentes aos elementos da natureza podem ser encontrados na obra *Coralínea*. Para esta pesquisa foram analisados estes por serem os grandes destaques na obra da autora.

CAPÍTULO IV

4 - O MUNDO CORALINEANO: SUA PLAUSIBILIDADE PELA RELIGIOSIDADE

Ao longo dos primeiros capítulos verificou-se na palavra poética coralineana uma grande inquietação com os problemas sociais, uma preocupação com os excluídos e trabalhadores humildes. E ao lado dessas inquietações, a sua profunda religiosidade e misticismo. Como explicar, então, o paradoxo que se nos apresenta entre estes dois pólos: as insatisfações com as injustiças sociais e sua divinização do humano e do Cosmos, o seu encantamento, o seu olhar sagrado para o mundo que a circunda? Na tentativa de compreender melhor essa dualidade aparentemente contraditória, busca-se em alguns autores uma possível justificativa. Dentre eles destaca-se Berger que trata da religião como instrumento de plausibilidade do mundo.

Partindo do princípio de que o mundo socialmente construído é intrinsecamente precário, ameaçado constantemente por fatos humanos que atingem o brutal, o insuportável e, ainda, que a própria vida humana carrega a marca fatal da morte, o indivíduo procura fórmulas legitimadoras para responder às perguntas que surgirão inevitavelmente no decurso das gerações. Conferir significado à realidade, dar sentido à existência, às vezes, humanamente incompreensível, torna-se crucial e é aí que a religião entra em cenário, pois “é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo” (Berger, 1985, p. 41).

Não só para oferecer respostas diante das vicissitudes da vida, mas também a religião tem servido de instrumento amplo, efetivo e eficaz de legitimação, ao relacionar as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas com a realidade suprema. E como, por um processo de interiorização²³, a faticidade do mundo social torna-se igualmente uma faticidade subjetiva no decorrer de uma “prolongada conversação” ou dialética em que o indivíduo é participante ativo, os fatos, os valores vão ganhando sempre uma conotação de naturalidade e acontecendo uma aceitação do nomos legitimado, reforçado constantemente por várias instâncias sociais de controle, conforme a análise de Berger.

“A religião legitima as instituições infundindo-lhes um status ontológico de validade suprema, isto é, situando-as num quadro de referência sagrado e cósmico” (Berger, 1985, p.46). Em outras palavras, concebe a ordem institucional como refletindo a estrutura divina do cosmos: uma relação entre o microcosmo e macrocosmo. A analogia existente entre os dois planos (aqui embaixo x lá em cima) leva todos os fatos, ações ou acontecimentos a serem vistos como fenômenos sacramentais. E os homens, participando da ordem institucional, participam também do cosmos divino.

Berger ressalta que esse esquema sofreu transformações inevitáveis com o

²³ Para compreensão detalhada sobre o processo dialético da interiorização, bem como da exteriorização e da objetivação ver Peter Berger, O Dossel Sagrado, Paulos, 1985.

desenvolvimento do pensamento humano. No entanto, apesar do seu aparente rompimento, as raízes profundas da religião continuaram sempre permitindo sua ação contra o mergulho do homem na anomia. Ainda que a ideação religiosa seja, nos novos tempos, o reflexo dos interesses cotidianos, Berger (1985, p.55) afirma que

a religião serve para manter a realidade daquele mundo socialmente construído no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas. Seu poder legitimamente tem, contudo, outra importante dimensão – a integração em um nomos compreensivo precisamente daquelas situações marginais em que a realidade da vida cotidiana é posta em dúvida.

Tomando por base a perspectiva de que a religião continua a ser significativa como interpretação da existência e de que suas definições da realidade devem ser capazes de explicar a existência de diferentes esferas da realidade na incessante experiência de cada um, percebe-se que tais implicações podem reportar à Cora Coralina que poetiza e historiciza sua experiência pessoal. Não sai de sua época, mas reinterpreta toda a sua experiência pessoal e ressignifica a linguagem, revelando-nos o seu estado de alma. Deixa aflorar efetivamente o real lírico-recordação (SANTOS, *apud* CORALINA, 1980) em que as vivências marcantes da sua vida exterior são interiorizadas e, somadas às catarses da recordação, tornaram-se matéria de poema.

Como escreve Emil Stagner (*apud* CORALINA, 1980, p. 243) “a busca do passado é uma tarefa específica da recordação lírica. O passado como objeto de narração pertence à memória. O passado como tema do lírico é um tesouro da recordação”. Distingue-se os dois tipos de passado nos poemas de Cora, porém voltando os olhos para a matéria do religioso, do místico, percebe-se que, sem deixar o tom narrativo da memória, a autora preenche o seu universo imaginário de conteúdos psicológicos oriundos de uma auto-análise, repleta das recordações da prática dos rituais religiosos, como pode-se observar em alguns fragmentos já apresentados em outras passagens desta pesquisa, aqui retomados para exemplificar sua lírica recordação, início da experiências da autora com a religião, dando plausibilidade ao seu mundo infanto-juvenil:

E a gente se apegava aos Santos,

*Tão distantes...
Rezava, rezava, prometia [...]
A igreja refúgio e confessionário antigo [...]
A gente saia confortada, ouvia a missa
Cumpria a penitência e comungava humildemente ajoelhada.
Véu na cabeça em modéstia reforçada.*

(Moinho do tempo – VC)

*Envergadura de atleta da fé.
Embasamento, sustentáculo,
da ordem de São Domingos.
Grande confessar.
Grande pertinente.
Guardo na lembrança
Sua figura austera
De velho santa [...]
E as lições aprendidas, do pequeno catecismo [...]
Conservo daquele tempo
Recebidos de suas mãos
Uma antiga História Sagrada
E uns santinhos que me têm valido
Na aflição.*

(Frei Germano – PBGEM)

Retomando as análises de Berger sobre a religião como resposta à problemática existencial do homem, averigua-se nos fragmentos acima – como em inúmeros outros – o enfoque desta função: o fato de se apegar aos Santos, buscar seu auxílio nas aflições, rezar, prometer, penitenciar (confessar-se), revela-nos que Cora encontrava a plausibilidade do mundo na religião, para continuar sua existência de lutas, de

simplicidade, de necessidades materiais. Plausibilidade que muito cedo foi por ela sendo inferida por meio da catequese ministrada pelos padres dominicanos, dentre eles Frei Germano.

O poema-oração “Humildade” exemplifica muito bem a sua condição sócio-econômica e a aceitação da mesma, ou melhor, a súplica para que esta aceitação seja de fato repassada de alegria mística. É como se tratasse de uma grande dádiva divina, o pouco que possui. Ela sente-se gratificada com o que pode ter, embora indiretamente revele – por contraposição à sua pobreza material – que os outros detêm privilégios. Observemos os versos seguintes:

*Senhor, fazei com que eu aceite minha pobreza tal como sempre foi. Que não
sinta o que não tenho.
Não lamente o que podia ter [...]
Daí, Senhor, que minha humildade seja como a chuva desejada caindo
mansa, longa noite escura [...]
Que eu possa agradecer a vós
Minha cama estreita,
Minhas coisinhas pobres [...]
E ter sempre um feixe de lenha [...]
E acender eu mesma
O fogo alegre de minha casa
Na manhã de um novo dia que começa.*

(Humildade – MLC)

Percebe-se que a autora aceitando a sua condição humilde, ou suplicando a Deus por esta aceitação, está dentro do quadro das legitimações em que a religião

torna-se o respaldo à manutenção da ordem social estabelecida, como nos explica Berger (1985).

4.1 - A Teodicéia Coralínea da transcendência de si mesma

A explicitação da fé continuada diante das lutas, dos sofrimentos, perpassa todas as obras de Cora Coralina, como já foi possível perceber nas exemplificações anteriormente feitas. Em quase todos os poemas encontra-se a matéria religiosa convertida em poesia repleta de diversificadas imagens. Nelas o louvor a Deus e o agradecimento, até pelas pequenas coisas, quando não pelas mais difíceis ganham destaque especial. Essas considerações remetem à Berger quando trata do problema da teodicéia²⁴ que proporciona significado necessário às situações difíceis da vida, significado para a pobreza, tornando o sofrimento aceitável. Considerações já focalizadas na questão da legitimação do nomos de que se falou anteriormente, contudo Berger aprofunda a questão, examinando os vários tipos de Teodicéia²⁵, dentre os quais um deles em especial nos interessa pela pertinência na análise da poesia coralínea, como será visto mais adiante.

Berger (1985, p.66) começa por dizer que

há uma atitude fundamental, em si mesma muito irracional, subjacente a todos eles [tipos de Teodicéia]: a atitude da capitulação de si mesmo ante o poder ordenador da sociedade, ou seja, todo nomos acarreta uma transcendência da individualidade e assim implica numa teodicéia.

O nomos que envolve todas as experiências do indivíduo, infunde sentido a sua vida, mesmo nos aspectos discrepantes e penosos. Ao situá-lo numa trama de sentido que tudo abarca, sua própria vida ganha uma dimensão

²⁴ Berger segue a discussão de Weber sobre a teodicéia e a define como uma explicação dos fenômenos anômicos em termos de legitimações religiosas, de qualquer grau de sofisticação teológica que seja

²⁵ Weber distingue quatro tipos racionais de teodicéia: a promessa de compensação neste mundo; a promessa de compensação num além; o dualismo; a doutrina do Karma

transcendental e “o indivíduo que interioriza adequadamente esses sentidos transcende ao mesmo tempo a si mesmo” (1985, p. 66). Assim, todos os estágios de sua vida, do nascimento à morte, podem ser por ele interpretados de um modo que transcende o lugar único desses fenômenos em sua experiência.

Reportando-nos novamente à poesia, sabemos que pela própria natureza, poesia e religião possuem um campo lingüístico muito próximo, um raio de intersecção muito amplo. Desse modo, tanto a linguagem poética como a religiosa oferecem ao leitor uma plurissignificação inesgotável. E cada leitor vai produzir a sua leitura específica direcionada pelo ângulo que deseja focar. E na busca de uma compreensão da teodicéia presente na poesia de Cora, bem como da transcendência dos fatos existenciais e de si mesma, alguns poemas nos parecem bastante exemplificativos, como é possível ler nos fragmentos seguintes:

*Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi [...].
Entre pedras
cresceu a minha poesia
minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores
Entre pedras que me esmagavam
levantei a pedra rude
dos meus versos.*

(Das pedras – MLC)

*Removi pedras, quebrei as arestas da vida e
fiz a caminhada de retorno às raízes ancestrais
Plantei roseiras [...]*

*Voltei às origens da minha vida [...]
E na pedras rudes do meu berço
Gravei poemas.*

(Semente e fruto – VC)

Evidencia-se que a trajetória de vida da poetisa, repleta de experiências amargas, não impede sua caminhada rumo à superação: procura e encontra, no caminho feito de pedras, as flores, a poesia, a transcendência de si mesma. Além da anuência em relação às dificuldades como meio de crescimento – portanto uma legitimação sagrada ou teodicéia, pode-se entrever no segundo fragmento acima o mito do eterno retorno que é prolongamento do seu espaço sagrado de que nos fala Eliade (1992, p.73), para quem o regresso ao tempo de origem tem um fim terapêutico, ou seja, começar outra vez a existência, nascer de novo e se fortalecer:

O tempo sagrado e forte é o tempo de origem, o instante prodigioso em que uma realidade foi criada, em que ela se manifestou, pela primeira vez, plenamente. O homem esforçar-se-à por voltar a unir-se a esse Tempo original.

Cora Coralina enaltece a sua caminhada existencial enfrentando as batalhas familiares, os obstáculos, mas revela o grande desejo de retorno às suas origens, à sua terra natal – mais que um tempo passado, um espaço de origem, sagrado para ela, por que de sua infância e juventude, a sua paisagem natal “forte” por

sua significação. Ela conta e canta esse anseio em versos:

*Sozinha...
Na estrada deserta,
sempre a procurar
o perdido tempo
que ficou para trás
Do perdido tempo.
Do passado tempo
escuto a voz das pedras;
Volta...Volta...Volta...
E os morros abriam para mim
imensos braços vegetais.
E os sinos das igrejas
Que ouvia na distância
diziam: Vem...vem...vem...
E as rolinhas fogo-pagou
das velhas cumeeiras:
Por que não voltou...
Por que não voltou...
E a água do rio que corria
Chamava... chamava...
Vestida de cabelos brancos,
Voltei sozinha à velha casa, deserta.*

(O chamado das Pedras – MLC).

Esse ardente sonho de retorno ao espaço e tempo de outrora – após 43 anos de ausência – soa como uma premonição do seu futuro sucesso. Essa reatualização ou restauração das suas origens vai regenerar um pendor literário, deixado para trás, num longo hiato, quando de sua

partida. E com o retorno, a dupla
celebridade:

*Voltei às origens de minha vida,
escrevi o “Cântico da Volta”
Assim devia ser.
Fiz um nome bonito de doceira, glória maior.
E nas pedras rudes do meu berço
gravei poemas.*

(Semente e Fruto – VC)

A poetisa necessita estar em sua paisagem natal para presentificar e reviver o seu passado (valores, costumes, tradições) e dar evasão ao seu eu poético, inspirada em tudo que compõe o seu santuário: a cidade de Goiás, cenário da sua teodicéia pessoal e também da teodicéia da gente goiana.

4.2 - A vida da poetisa entrelaçada à vida dos que compõem a coletividade

Retomando a questão da teodicéia, Berger (1985) nos fala dos tipos históricos de teodicéia que podem ser analisados, sem torná-las exaustivas, num continuum de racionalidade-irracionalidade. O primeiro tipo, que coloca no pólo do irracional, é a transcendência simples do eu, produzida pela completa identificação com a coletividade. “Essa identificação do indivíduo com todos os outros com quem ele interage significativamente parte para uma fusão do seu ser com o deles, tanto na aventura como na desventura” (BERGER, 1985, p.72). Os escritos de Cora Coralina explicitam sua identificação profunda com a gente do lugar, de modo especial com as mulheres de sua terra, obscuras e humildes

e, por extensão, com todas as mulheres que batalham vida afora e sofrem as conseqüências do ser mulher, buscando um espaço a elas ainda muito negado. Solidariza-se, irmana-se e funde-se com elas em vários poemas, colocando em sua voz, a voz de todas na luta contra a opressão e o esquecimento no meio social, na busca da libertação das silenciadas. Dentre estes “Todas as Vidas” é por excelência o mais exemplificativo, dessa alma universal que reúne todas as vozes femininas à procura da luz emancipadora:

*Vive dentro de mim
uma cabocla velha [...]
Benze quebranto [...]*

*Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão [...]
Vive dentro de mim
a mulher cozinheira
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito [...]*

*Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda [...]*

*Vive dentro de mim
a mulher roceira
Enxerto da terra,*

trabalhadeira, madrugadeira [...]

*Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada [...]*

*Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida
a vida mera das obscuras*

(Todas as Vidas – PBGEM)

“Todas as vidas”. E Cora Coralina as celebra todas com o mesmo sentimento de quem abençoa a vida”, escreve Drumond em artigo no Jornal do Brasil (*apud* CORALINA 1983, p. 22). Sua consciência humanitária não é menor que sua consciência da natureza. Ao se identificar com a mulher simples, ama e exalta-as em sua pequenez, aliás, como o faz com todos os humildes e excluídos em muitos outros poemas, revelando o humanismo transcendental que impulsiona o indivíduo rumo ao outro (ROUANET, 2002). Isto permite que a poetisa sinta e reconheça a luta dos ignorados como a sua própria luta, como demonstram também estes outros fragmentos:

*Amo a terra de um misto amor consagrado [...]
Sinto seus trabalhadores rudes e obscuros.
Plantei e colhi pelas suas mãos calosas [...]
Minha identificação profunda com a terra
E com os que nela trabalham [...]*

(A Gleba me transfigura – VC)

*Mulher da vida,
Minha irmã.
Pisadas, espezinhadas, ameaçadas, desprotegidas...
Nos fins dos tempos
No dia da Grande Justiça [...]
Serás remida e lavada*

de toda condenação.

(Mulher da vida – PEGEM)

4.3 - A poetisa: transcendência e projeção nos elementos não-humanos

Berger (1985), discutindo a teodicéia pela participação através da transcendência de si mesmo explica que remonta às religiões primitivas o fato de a vida do homem não ser nitidamente separada da vida que se expande pelo universo, vida humana ou não-humana, prevalecendo o esquema microcosmo/macrocosmo o qual não se limita à religiosidade primitiva. Mostra ainda que o misticismo – “atitude religiosa em que o homem visa à união com as forças ou seres sagrados” (p.75) – é um fenômeno religioso em que a mencionada teodicéia surge reiteradas vezes. Nas formas modificadas do misticismo, encontra-se uma atitude de capitulação, pois na medida em que tudo está em Deus, tudo é bom.

Nesta perspectiva de teodicéia da participação pela transcendência podem ser encontrados vários poemas coralíneos que permitem uma tal leitura. Pela sensibilidade, pelo amor à terra, as fontes do telurismo (natureza, homem, tradições) invadem o interior da poetisa e, assim, interiorizados, concorrem para a existência de uma simbiose entre ela (representante de todos os seres humanos) e a terra, mãe universal de todas as coisas: “é de identificação e de simbiose a expressão poética de Cora Coralina em relação à sua terra e sua gente” (CASTELO BRANCO, *apud* Coralina, 1980, p.14). Ao se processar essa fusão poetisa-terra, o telurismo ganha um poder de elevação, rumo ao encontro de sua essência. É o “eterno retorno” à primitividade mística, conforme pode-se perceber nesses fragmentos, (já apresentados em outros itens) por excelência exemplificativos:

*Sinto que sou abelha no seu artesanato [...]
Amo a terra de um místico amor consagrado,
num esponsal sublimado, procriador e fecundo [...]
Minha identificação profunda e amorosa
com a terra e com os que nela trabalham [...]
Dentro da Gleba [...] eu me identifico.
Sou árvore, sou tronco, sou raiz, sou folha,
sou graveto, sou mato, sou paiol [...]
A Gleba está dentro de mim. Eu sou a terra [...]
A Gleba me transfigura, sou semente, sou pedra.
Pela minha voz cantam todos os pássaros do mundo.
Sou a cigarra cantadeira de um longo estio que se chama Vida [...]
Em mim a planta renasce e floresce, sementeia e sobrevive.
Sou a espiga e o grão fecundo que retornam à terra [...]
Eu sou a terra milenária, ou venho de milênios.
Eu sou a mulher mais antiga do mundo,
plantada e fecunda
no ventre escuro da terra.*

(A Gleba me transfigura – VC)

Percebe-se que há uma regressão às origens, para que, pela participação da criação, nos tempos remotos, possa se fazer presente em tudo que procede da terra. E para concretizar poeticamente este projeto, a poetisa cria imagens em que a terra e a mulher se confundem. Sendo a terra o símbolo, por excelência da fecundidade, transmutar-se em terra é uma forma eficaz de estar presente em toda a criação em todos os tempos e de superar as limitações do futuro.

Este “esponsal sublimado” entre coisas da terra e poetisa – em que um se descobre o prolongamento do outro (união perfeita) e ambos se nutrem misticamente na eterna jornada cósmica – parece caminhar para aquilo que Berger (1985, p. 76) nos explica: “onde a união perfeita é

consumada, a aniquilação do eu e sua absorção pelo divino *realissimum* constituem a mais excelsa bem-aventurança imaginável, a culminação da busca mística no êxtase inefável”.

Parece ser assim que nossa poetisa, sacralizando a terra como extensão do criador, já que progênie de sua vontade, poetiza o encontro da Paz – ventura maior almejada por todos os homens – quando do nosso inexorável retorno final ao seio materno da terra, grande Mãe Universal, hierofania maior:

Eu sou a terra, eu sou a vida [...]
Eu sou a fonte original de toda a vida [...]
De mim vieste pela mão criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz
Eu sou a grande Mãe Universal [...]

(O Cântico da Terra – MLC)

Paralelamente à revelação dessa mística da teodicéia transcendental e complementando esse processo participativo, evidencia-se que os elementos da terra expressam uma linguagem universal e convergem para uma poética do telurismo. Tudo o que é ligado à natureza se mentonimiza em “coisas” do chão e o seu eu se vê percebido por estas coisas, pelo universo telúrico. “Urge responder ao convite da terra que é o elemento vital da alquimia poética de Cora” (VELLASCO, 1990, p. 44). A sua identificação com a Terra, as simbioses com os elementos da natureza, com sua gente, com seus valores e costumes, demonstram que a autora funde os tempos, os objetos, as pessoas em um processo alquímico para tudo transformar e manter co-participante do eterno vir-a-ser que demarca os ciclos da natureza (UFG (Ed.) *apud* CORALINA, 1987).

Encontram-se em sua poética todas as tradições componentes do telurismo e do regionalismo. Porém, se seus versos estão impregnados dos objetos imediatos e caseiros, das vivências interioranas, a poetisa não escorrega para o folclorismo, antes universaliza a região goiana. Inova,

repoetiza esse espaço centroestino e restabelece o tráfego de sua circunstância concreta com a universalidade do humano e da natureza. Dá sentido ao seu mundo numa visão pós-moderna, cujo contexto combina elementos místicos (que podem ser entrevistados na maioria de seus poemas) e elementos modernos representados pela temática telúrica-ecológica, universalizada – a ecologia é hoje, mais que nunca, universal, haja vista as preocupações ambientais postas nos cenários das discussões no decorrer do século XX até os dias atuais. Por outro lado, revelados por meio de seu misticismo, surgem valores transcendentais e universais tais como amor ao próximo e à natureza, solidariedade, senso de justiça, ética, demonstrando sua religiosidade, sua fé profunda que não se deixou contaminar pelo secularismo, valores que constituem uma tendência atual defendida por Rouanet (2002).

Todo o apego de Cora às suas origens, às coisas de sua terra, da sua cidade, do seu passado, fornecedores dos componentes dos poemas da lírica-recordação, infunde-lhe o desejo de legar às gerações futuras a memória de seu vivido pretérito: *“alguém deve rever, escrever e assinar os autos do passado antes que o tempo passe tudo a raso”*, escreve ela (Ao leitor, p. 33) em prefácio da obra *“Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”*. Em *Vintém de Cobre* – moeda metáfora de sua terra, de sua gente, que inspira o título do livro – a autora insiste nessa mesma necessidade, poetizando:

*Minha pena é a enxada do plantador
É o arado que vai sulcando
Para a colheita das gerações*

(A Gleba me Transfigura – VC)

Ao tecer todas as interpretações entre seu eu poético e coisas circundantes, Cora vai tecendo personificações, prosopopéias de rara beleza, que dão vida aos seres inanimados os quais falam, cantam e poetizam com ela e por mediação dela. Sua linguagem é inundada pela força viva da terra e os elementos que estão sobre ela se igualam ao ser humano e assumem atributos humanos, como ilustram esses fragmentos, apenas para destacar alguns:

*Nasci numa rebaixa da serra
Entre serras e morros [...]
Aos meus anseios respondiam
As escarpas agrestes.*

(Parte Biográfica – MLC)

*Pela minha voz cantam todos os pássaros,
Piam as cobras e coaxam as rãs,
Mugem todas as boiadas que vão pelas estradas*

(A Gleba me Transfigura – VC)

*Do passado tempo
Escuto a voz das pedras:
Volta... Volta... Volta...*

(O Chamado das Pedras – MLC)

4.4 - Visão da morte: meio de transcendência total rumo ao além

Em “O Cântico da Terra”, a poetisa em êxtase atinge o ápice da força personificativa quando a Terra, pela sua palavra, recebe uma inspiração do alto e nos envolve num doce embalo materno acalentador até o fim de todos os nossos fins:

*E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno do meu seio
tranqüilo dormirás.*

(O Cântico da Terra – PBGEM)

Berger (1985, p.57) – analisando a questão da morte como a situação marginal mais importante²⁶, desafio maior com o qual o ser humano se confronta no mundo cotidiano da existência – sustenta que:

Na medida em que o conhecimento da morte não pode ser evitado em nenhuma sociedade, as legitimações da realidade do mundo social perante a morte são exigências decisivas em qualquer sociedade. É óbvia a importância da religião em tais situações. A religião mantém, por conseguinte, a realidade socialmente definida legitimando as situações marginais em termos de uma realidade sagrada de âmbito universal.

Essa perspectiva permite ao indivíduo continuar a existir no mundo, sabendo que essa experiência crucial encontra lugar no seio de um universo que tem sentido. É possível, de tal modo, integrar a morte, bem como a anomia e o caos, no nomos da vida humana. E como “a teodicéia é uma tentativa de se fazer um pacto com a morte [...] a necessidade dessa tentativa persistirá enquanto os homens morrerem e tiverem que compreender esse fato” (1985, p. 92).

Relacionando a morte por este prisma da teodicéia nos escritos de Cora Coralina, encontra-se um relacionamento pacífico com esse fato inevitável. Mais que isso: subjetivamente significativo, pois para ela é como escreve Eliade (1998, p.93): “A morte é uma transcendência da condição humana, uma passagem para o além”. Ainda demonstra que pode ser uma passagem para outra dimensão ainda de vida terrena, uma transmigração da matéria com a possibilidade de continuar a

existência nesse mundo em outra forma material. "É a terra que pode salvar-nos do nada"²⁷ - e depois para o plano espiritual, quando do encontro com o Divino na eternidade e da libertação total da alma.

Os fragmentos seguintes exemplificam bem essa visão coralineana:

*Morta ... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas à pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira*

(Meu Epitáfio – MLC)

*Só uma pedra no meu túmulo
Pedra de renúncia aos bens da vida [...]
No fim, minha mão vazia.
segura as mãos cheias de Deus
E continuar na eternidade
a renovação de meus votos jovens,
na glória imensa de ter sido em vida e morte,
Dele, a mais humilde e pequena serva.*

(Irmã Bruna – VC)

Se em um fragmento a poetisa é/será misticamente absorvida pela natureza – que é divina porque é ou está em Deus – no outro há a consumação da união perfeita, maior glória almejada pelo homem religioso, já que “a aniquilação do eu e sua absorção pelo divino *realissimum* constituem a mais excelsa bem-aventurança imaginável, a culminação da busca mística no êxtase inefável” (Berger, 1985, p.76).

²⁶ Berger tira de Heidegger essa concepção da morte como situação marginal mais importante para a existência do indivíduo.

²⁷ Texto védico citado por Eliade em sua obra “Tratado de História das Religiões” p. 8 (Rig Veda, X).

Encontra-se ainda outra dupla transcendentalidade, pois além de dar à morte uma interpretação significativa, legitimando-a e projetando-se para outra dimensão por sua crença e misticismo, a autora profetiza a própria imortalidade – e a dos demais poetas no plano terreno – como gravadora de memória em forma de poesia, constituída eterna presenticidade, quando lapida seu epitáfio que fala da sua experiência pessoal de poetisa.

*Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos²⁸*

(Meu Epitáfio – MLC)

²⁸ Terceira e última estrofe do poema que Cora deixou preparado em pedra para ser colocado em seu túmulo e encontra-se na obra “Meu livro de Cordel” com o manuscrito próprio da autora.

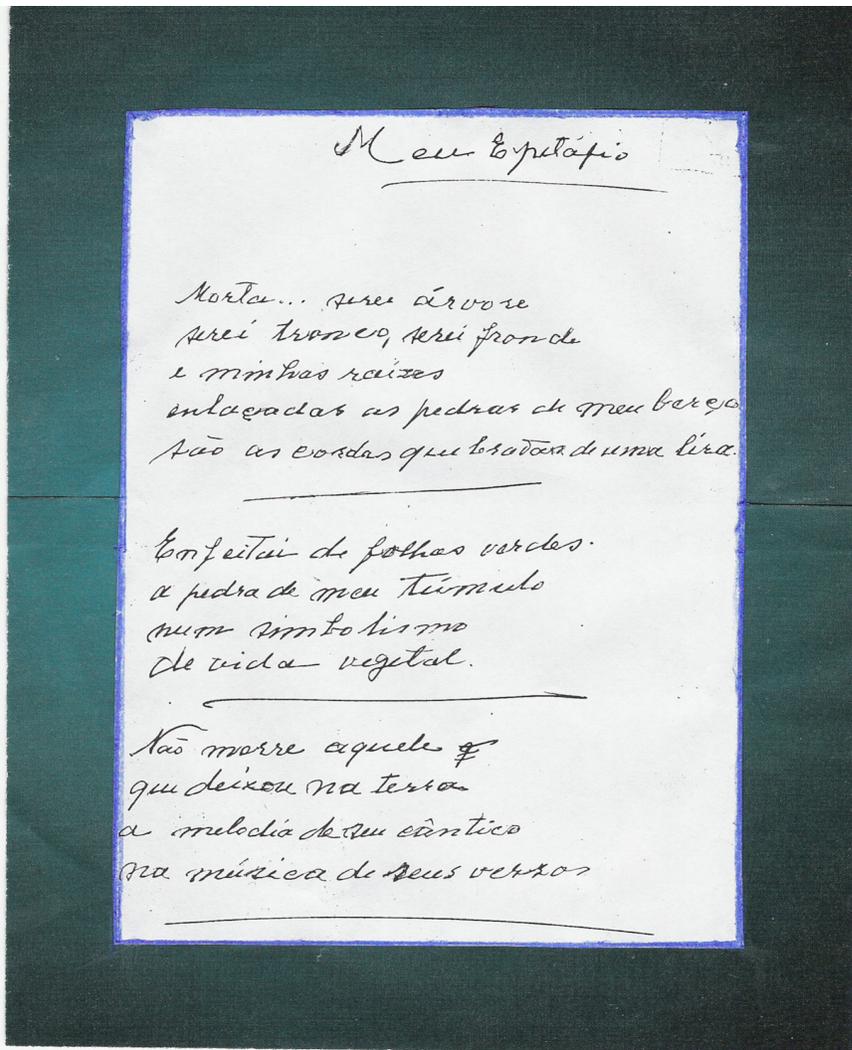


Fig.28 - Manuscrito com o próprio (de Cora) epitáfio - MLC

Como foi possível sentir/perceber nos versos exemplificativos, Cora Coralina assume a continuidade de uma tradição mística da teodicéia da participação pela transcendência de si mesma. E ela - porta-voz do povo goiano - fala por todos nós e sua teodicéia e um pouco também a nossa porque conforme Lena Castelo Branco (*apud* CORALINA, 1987, p.17):

Em Cora Coralina estão as raízes de todos nós - a terra, o húmus, as rochas e as aguadas; os perfis familiares; as afeições, os desencontros; os cheiros e os ruídos da infância. A arte maior da

poetisa está em recolher da memória do tempo todo um mundo de coisas e fatos quotidianos e pessoas simples, transfigurando-as, emprestando-lhes contornos universais.

A partir desses liames com a sua (nossa) terra, a “poetisa do cerrado” retrata o território goiano conferindo-lhe um sentido universalizado e transcendental, ou melhor, ela repoeitiza a região Centro Oeste “sem deixar de restabelecer o tráfego com a universalidade do humano” (MARQUES, *apud* CORALINA, 1980, p.8). À medida que dá sentido ao seu (nosso) mundo, numa visão pós-moderna ao combinar elementos místicos com elementos modernos – vai dando ao leitor lições de vida, assumindo uma postura pedagógica de professora de existência. Seus versos revelam que para ela “existir é uma maneira de resistir, coexistir, transistir” (1980, p.7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os olhos do poeta captam e organizam a circunstância real que o cerca de acordo com as forças intuitivas de seu ser interior. A textura de um poema, portanto, resulta do grau de percepção que o poeta tem do mundo à sua volta e da sua habilidade em ressignificar as palavras pré-existentes, rompendo com os limites para atingir o infinito das conotações.

Cora Coralina, na busca de sentido para a existência, procura o Sagrado, o hierofânico, como matéria poética e cunha versos cuja significação manifesta uma infinda transcendência. Empregando uma simbologia de tal dimensão que só a arte poética consegue atingir, sua poesia regionalista (tradutora de uma imagística singular da região Centro Oeste) e universal (veiculadora de valores humanos universais) revela-nos o imenso mundo místico-religioso da autora – e por extensão da gente goiana – em permanente estado de encantamento que perpassa o ambiente físico e sócio-cultural de Goiás e se estende ao global na medida em que encerra crenças, princípios, espiritualidade, encontrados/partilhados em praticamente todas as sociedades.

Assim sendo, na poesia de Cora Coralina pode-se identificar um olhar sagrado na maioria dos direcionamentos dados pela poetisa a seus versos. Sua poética reflete um mundo cheio de contradições sociais, como também a construção de um universo simbólico, denunciador, reivindicativo, cujos traços revelam conflitos, lutas, velhas tradições hierárquicas e a procura de reconstrução de um novo homem, de um novo mundo, percurso que passa pela sacralidade, procurando alcançar a maior aproximação possível do ideal ou do absoluto procurado, da essência que só existe na liberdade e na purificação do ser.

Destarte, tudo o que foi analisado no desenvolvimento deste trabalho traz a convicção do êxito no alcance do seu objetivo maior, ou seja, pode-se concluir que é extraordinário o destaque do sagrado no universo simbólico coralineano e as hierofanias da natureza são excepcionalmente enlevantes.

Em conclusão, foi possível perceber que o recurso dos elementos religiosos ou místicos integram não só a busca de identidade, de ser integralmente, como levam, principalmente, a uma eclosão do divino em várias dimensões, no telúrico principalmente. Quanto às hierofanias, na poesia de Cora Coralina a Terra, a natureza como um todo, apresenta um encanto, um mistério perante o qual sua sensibilidade de poetisa se extravasa e ela se identifica, se enlea, se funde, com a Terra-mãe, com a gleba. E já não se pode distinguir de quem é a voz que canta: se da mãe de todas as mães ou se da poetisa; se da gleba gestadora ou da versejadora que lapida versos místicos – maternidade indissociável. Ambas entoam em unísono um hino sagrado à natureza, à vegetação, aos animais, aglutinação da experiência religiosa e idéia de renovação, o mito cosmogônico da eterna renovação. Ambas unidas solidariamente, legítimas representantes da fecundidade: teofania telúrica e humana, junção entre o profano e o sagrado.

Como a terra, as águas também foram sacralizadas por Cora. O Rio Vermelho é contemplado com rica conotação, tornando-se santificado, milagroso. Transcendência essa propiciada pelo colorido do feixe de metáforas com que a poetisa o percebe e o apresenta. O mesmo ocorre com sua

biquinha d'água benfazeja e com a chuva criadeira. Também a vegetação, Cora Coralina vai igualmente corando e divinizando tudo com sua palavra poeticamente ressignificada – fazendo justiça ao próprio cognome artístico. O milho, o trigo, a flor, principalmente, recebem tonalidades que só a natureza pode oferecer e o poeta pode sentir, captar e traduzir. Quanto às pedras, são apresentadas hierofanicamente em sua solidez, sua dureza, sua indestrutibilidade, portando variada gama de funções e sentidos que vão do machucar da alma, da resistência e do estímulo para a caminhada existencial, à inspiração para a arte de poetizar: *“Minha vida.../quebrando pedras (...)/Entre pedras que me esmagavam/Levantei a pedra rude/dos meus versos”* (Das Pedras – MLC). Assim são as pedras, melodiosamente poetizadas por Cora.

Desse modo, desfilam representações alegóricas que se tornam forças geradoras, despertando a natureza, a vida. E a vida real, ao apresentar a luz da imagem poética, adquire um poder de atuação social único, mítico, fascinante. Cora ciente desta verdade tece versos comprometidos, tomando posição concreta frente a uma realidade participativa. É o comprometimento do artista com o homem e com sua condição sócio-histórico-existencialista, independente de tempo, de espaço. Efetiva-se a tomada de posição frente à realidade absoluta.

Se a partir do real Cora constrói seus poemas, o fato de ela transcender este real é que evidencia a sua grandiosidade. Paradoxalmente, pode-se entrevê-la com os pés enraizados na terra e com os olhos lançados para o alto. Sua transcendência, rompendo horizontes, manifesta-se em todas as dimensões, numa auto-superação contínua. A poetisa transcende seu espaço, transcende seu tempo, transcende a si

mesma e, por fim, transcende o plano material. Concomitantemente, ao realizar uma fusão empático-poética com o mundo e com as coisas que existem nele, ela protege-se na dimensão do além, da espiritualidade, em que sacralidade e misticismo também se fundem. É o brilho do poetizar coralineano que nasce do irrefutável desejo de transcendência. Por essa lógica, pode-se também afirmar que afora a excepcionalidade da poética de Cora ser propiciada pela transcendência, esta é também fator de plausibilidade do mundo. Plausibilidade que resulta igualmente da soma da intensa religiosidade, do misticismo e do humanismo demonstrado/vivido pela poetisa. O mundo das injustiças, das mazelas adquire sentido pela teodicéia implícita em sua palavra metafórica, cuja síntese é a plenitude de sua imortalidade.

De todas estas constatações podem-se tirar outras conclusões de igual importância sobre a poética de Cora Coralina. A de maior evidência, de antemão deixada implícita nesta análise, é que a poesia da autora se prima pela feminilidade. Como foi possível entrever no decorrer desta pesquisa, sua poesia já é feminina pela simbologia relacionada aos elementos da natureza: por co-irmanar com a Terra e sua fertilidade, com as águas na gestação da vida e com as plantas na renovação da natureza, com a flor e a boneca de milho na sensualidade e sedução próprias da mulher: “*flor feminina, esvoaçante, faceira /Boneca de milho [...] cabelos soltos excitantes*” (Poema do milho – PBGEM). Com a flor ornamental se identifica também pela demonstração da vaidade feminina: “*ela se enfeita para os esponsais do sol/ela se penteia, se veste nupcial/para o esplendor de sua efêmera vida vegetal*” (A Flor – MLC).

Ademais, a maioria de seus temas demonstra a sua excepcional consciência feminina. Canta a grandeza de servir à causa da vida, nos afazeres do lar, no ato de

gerar, criar e educar os filhos. O seu feminismo não demonstra rivalidade com o mundo machista, mas, sim, reconhecimento do feminino intencional e socialmente esquecido, discriminado. E ela consegue fazer sua todas as vozes oprimidas, as vozes de todas as silenciadas “obscuras”. Por todas as vidas, pelas esquecidas com as quais se identifica, ela eleva seu canto para a libertação de cada uma: goianas, brasileiras, mulher gênero. É a voz feminina que adquire dimensões universais e fala pelas mulheres: fala de seus amores e desamores, de suas dores, principalmente no enfrentamento dos obstáculos – exigências de subalternidade, humilhações psicológicas e físicas, a persistência de dogmas seculares na família, no trabalho, nas relações com o sexo masculino. Sua palavra poética rompe com o preconceito do ambiente machista, patriarcal e conservador. Destrona o masculino que inferioriza o feminino. Pinta imagens e símbolos os quais irradiam a luminosidade do ser feminino que encontrou o caminho da superação.

“Vou escrever poesias sim; vou escrever por todas as desgraças e aflições que terei na minha vida” (CORALINA, *apud* TAHAN, 1995, p.30), premoniza ela quando jovem ao ser rejeitada pela família de um pretendente simplesmente por gostar mais de poetar que das prendas domésticas indispensáveis a todas as jovens casaduras. E praticamente nenhuma outra opção era oferecida ou mesmo cogitada, naquele início de século (primeiras décadas do século XX) no interior do país – Goiás. Se não encontrasse pretendente, restava o “constrangimento” de ficar “solteirona”. “Beata igrejeira” era a denominação menosprezante.

A poesia era historicamente um gênero literário considerado uma vocação sagrada. O poeta era como o sacerdote do sagrado, em cuja cultura somente os homens podiam ser sacerdotes. Assim, basta um rápido olhar retrospectivo sobre a condição das mulheres para se visualizar os obstáculos enfrentados por aquelas que, como Cora Coralina, queriam cultivar a arte de poetar. O peso da cultura machista no interior goiano era muito veemente e penoso, conforme ficou

demonstrado nos escritos de Cora: emparedada, oprimida, dominada, regrada, limitada, frustrada, rejeitada, são alguns dos termos empregados pela autora para caracterizar “os princípios goianos” que sentenciavam: “*Moça que lia romance e declamava Almeida Garrett não dava boa dona de casa*”. (CORALINA, 1987, p.61). E ela não guarda ressentimento de nada. Muito pelo contrário, demonstrando a grandiosidade de sua alma, escreve: “*Faz de tua vida mesquinha/um poema*” (1985, p.139). E foi justamente a poesia que possibilitou a sua libertação do ambiente repressor.

Como foi possível perceber, a poetisa não pode ser separada da sua condição de mulher, de todos os seus sentimentos, paixões, sofrimentos, sensibilidades, contradições. “Sua poesia é uma lição de vida”, porque inspirada em sua própria existência. Todavia, ao construir um universo simbólico transdimensional, inspirando-se em suas lutas, em suas vicissitudes, pode-se fazer coro com Pesqueiro Ramón (2003, p.133): “Sua vida é uma lição de poesia”.

E assim Cora rompeu todas as barreiras que obstaculizavam sua realização como mulher e como escritora: deixou de ser uma filha, uma irmã, uma esposa, uma mãe, uma “obscura” – um mero apêndice da raça humana – para ser Cora Coralina, a mulher e a poetisa, cujo canto ecoou/ecoou para muito além das escarpas da Serra Dourada. Sobressaiu-se, ganhou o reconhecimento nacional, realizou-se, porque humilde, porque forte, porque poetisa, porque mulher.

Muito há ainda por descobrir sobre a importância do modelo humano e artístico – mulher universal – que Cora Coralina constitui. Reconhecer o valor de suas idéias e de suas mensagens enquanto modalidades para superar as dificuldades, para humanizar as relações dos homens com os outros, com os elementos da natureza, com as coisas e, por conseqüência, a

possibilidade de regeneração da
pessoa humana nesses conturbados
tempos da pós-modernidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Cora Coralina de Goiás. In: CORALINA, Cora. *Vintém de cobre*. Goiânia: UFG Editora, 1983.

AUSTIN, Alfredo López. *Mesomérica: deuses de ontem, deuses de hoje*. In: CIPRIANI et al (orgs). *Identidade e mudança na religiosidade latino americana*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Editora, 2000.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1973.

BERGER, Peter L. *O Dossel sagrado – elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.

_____. *Perspectivas sociológicas*. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes, 1986.

BÍBLIA. *Velho e Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1977.

BICALHO, Elizabete. A mulher no pensamento moderno. In: *Estudos de gênero*. Goiânia: Ed. UCG, 1998. p.21-40. (Cadernos de Área, n.7).

BOXER, Charles R. *O Império Colonial Português*. Lisboa, Edições 76, 1969.

BUENO, Fabiane de Moraes. - *História dos rituais religiosos na cidade de Goiás: quaresma e semana santa*. 30f. TCC (Graduação – Departamento de História, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 1999.

CASTELO BRANCO, Lena. Essa mulher admirável... In: CORALINA, Cora. *Vintém de cobre*. 4ª ed. Goiânia: UFG Editora, 1987.

COELHO, Gustavo Neiva, apud Cristina Cabral. *Arquitetura Românica em Terras Goianas*. O Popular, Goiânia, p. 12-13, out. 1992.

COHEN, Abner. *O homem bidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

CORALINA, Cora. *Poemas do becos de Goiás e estórias mais*. 3ª ed. Goiânia: Editora de UFG, 1980.

_____. *Meu livro de Cordel*. Goiânia: Livraria e Editora Cultura. Goiânia, 1976.

_____. Depoimento e antologia. *Revista Goiana de Artes*, Goiânia, v.2, n.2, p.139-176, jul/dez. 1981.

_____. *Vintém de cobre – meias confissões de Aninha*. 4. Ed. Goiânia: Editora da UFG, 1987.

_____. *O Tesouro da Casa Velha*. São Paulo: Global Editora, 1989.

_____. *Villa Boa de Goyaz*. São Paulo: Global, 2002.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DEPOIMENTO – Cora Coralina: depoimento e antologia. *Revista Goiana de Artes*. Goiânia, v.2, n.2, p.139-177. Jul./dez.1981.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementos da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *O profano e o sagrado*. São Paulo: Martins, 1992.

_____. *Tratado de história das religiões*. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ENCYCLOPÉDIES dès Symboles. Eycyclopédies D’Aujourd’Hui. Paris: La Pochotheque Le Livre de Poche, 1996.

FREITAS, Consuelo Brito de. Una lectura comparada de las poéticas de Rosalia de Castro y Cora Coralina. *Fragmentos de Cultura. Goiânia*. V. 13, n. 3, p. 699 – 712, maio/jun.2003.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. *Negara – o estado teatro no século XIX*, Lisboa: DIFEL. 1991.

GURVITCH, Georges. Os símbolos sociais. In: IANNI & CARDOSO (Orgs.) *Homem e sociedade*. 8 ed. São Paulo: Companhia e Editora Nacional, 1973.

HEILER, Friedrich. Stória delles religiones. Firenze: Sousane, 1972.

LEVI-STRAUSS, Claude. *A eficácia simbólica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MARQUES, Oswaldino. Cora Coralina, professora de existência. In: CROLARINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 3. Ed. Goiânia: Editora da UFG, 1980.

MATOS, Henrique. O Padroado Régio. *Família Cristã – Suplemento – Aparecida* (SP), ed. nº778, p. 68-74, outubro,2002.

MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Intervenções. In: MOREIRA, Alberto & FICMEN, Renée (orgs.) *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.

NEIVA Jr. Eduardo. *A imagem*. São Paulo: Ática, 1986.

O’DEA, Tomás F. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Pioneira, 1969.

ORLANDI, Eni Paulicelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1993.

OTTO, Rudolf. *As categoria do Sagrado*. Milano: Feltrinelli, 1982.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*: Tradução de Eni Paulicelli Orlandi et al. Campinas: Unicamp; 1988.

PESQUERO RAMÓN, Saturnino. *Cora Coralina – O mito de Aninha*. Goiânia: Editora UFG, 2003.

_____. Cora Coralina; a “meta-física” do compromisso com o cotidiano. *Revista Goiana de Artes*, Goiânia. V.4, n.2, p.193-201, jul/dez. 1983.

PESSOA, Jadir de Moraes. Dos Rezadores do Sertão ao errantes Nova Era: Cenários de pesquisa em religião no Brasil Central. *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v.11, n.3, p.355-378, maio/jun.2001.

PIERUCCI, Antônio Flávio. In: SOBRAL, Fernanda A. da Fonseca e PORTO, Maria Stela Grossi (orgs.). *A contemporaneidade brasileira: dilemas para a imaginação sociológica*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

REIMER, Haroldo. Textos sagrados e educação ambiental. *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v.13, n.1, p.133-154, jan./fev.2003.

RIBEIRO, Zilda Fernandes. A práxis de ‘potestá’ da Igreja. In: Universidade Católica de Goiás. Estudos de gênero. Goiânia: Ed. UCG, 1998, p.79 – 90. (Caderno de Área, n.7).

ROUANET, Sérgio Paulo. *A volta de Deus*. Folha de São Paulo, São Paulo, 19 de maio, 2002.

SANTOS, Wendel. O Universo Imaginário de Cora Coralina. In: CORA CORALINA. *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. 2ª ed. 1980.

SCHWARZ, Fernand, DURAND, Gilbert, MORIN, Edgar. *Mircea Eliade – o reencontro com o sagrado*. Tradução de José Maria Caselas. Lisboa: Edições Nova Acrópole, 1993.

SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTOS. Estado de Goiás – Gov. Onofre Quinan. Goiânia: Gráfica Ed. Líder. 1987.

SIERRA BRAVO, R. *Ciencias Sociales: Epistemología, lógica y metodología*. Madrid: Paraninfo, 1984.

SILVA, Antônio Moreira da. *Dossiê de Goiás – Um perfil do Estado e seus Municípios*. Goiânia: Máster Publicidade, 1996.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Chave Bíblica*. Petrópolis; Vozes, 1997.

TAHAN, Vicência Bretas. *Cora Coragem, Cora Poesia*. São Paulo: Global, 1989.

TELLES, José Mendonça. *No santuário de Cora Coralina*. Goiânia: Editora Kelp's, 1991.

TERNES, José. Bachelard, a Terra e a água. In: II SEMANA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO SOBRE O TEMA: RELIGIÃO, BÍBLIA E TERRA. Goiânia: UCG – Mestrado em Ciências da Religião, 2001, 7p.

VELLASCO, Marlene Gomes de. *A poética da reminiscência – estudos sobre Cora Coralina*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1990.

VILLELA, Wilza Vieira. Mulher, violência e saúde mental. In: Universidade Católica de Goiás. Estudos de gênero. Goiânia: Ed. UCG, 1998. p. 131 – 41. (Caderno de Área, n.7).

WHITE, Leslie. Os símbolos e o comportamento humano. In: IANNI & CARDOSO (orgs.). *Homem e sociedade*. E. Ed. São Paulo: Companhia e Editora Nacional, 1973.